



Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Raquel Maria Garcez Marques

Os Nossos Alunos e as suas Redes Sociais
Um estudo etnográfico sobre a relação dos
alunos com as comunidades virtuais e sua
integração na escola



Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Raquel Maria Garcez Marques

Os Nossos Alunos e as suas Redes Sociais
Um estudo etnográfico sobre a relação dos
alunos com as comunidades virtuais e sua
integração na escola

Tese de Mestrado em Educação

Área de Especialização em Tecnologia Educativa

Trabalho realizado sob a orientação do

Professor Doutor Bento Duarte da Silva

Outubro de 2009

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS
DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE
COMPROMETE;

Universidade do Minho, 30 / 10 / 2009

Assinatura: Raquel Maria Góez Marques

Agradecimentos

Este trabalho só foi possível devido ao apoio constante de muitas pessoas.

Agradeço ao Director Pedagógico da Escola Profissional que me facilitou a realização do estudo, permitindo a necessária recolha de dados para o prosseguimento deste estudo. De igual forma fico grata aos alunos que participaram neste estudo com a presença em entrevistas, bem como àqueles que responderam ao questionário. O contributo de ambas as partes foi precioso.

Respeitosamente, refiro o meu orientador da dissertação, Professor Doutor Bento Duarte da Silva, pelo interesse contínuo demonstrado, pelos inúmeros estímulos ao longo de todo este tempo de elaboração do trabalho, pela liberdade de realização que me concedeu e pela segurança que me transmitiu, proporcionando-me sempre as orientações e sugestões necessárias para a continuação. Acima de tudo, agradeço-lhe a paciência que teve para comigo. Muito obrigada.

À minha amiga Graça pelas imensas conversas de encorajamento e por todo o apoio que me prestou. Nunca esquecerei.

À minha prima Inês pelas palavras sábias e encorajadoras que me dirigiu em momentos que estava a ser difícil conciliar o meu trabalho com este estudo.

Ao meu namorado Nuno, irmão e família agradeço todo o carinho e compreensão nos momentos difíceis e pelos momentos de ausência.

Não podia acabar sem antes agradecer aos meus pais que sempre acreditaram em mim e me apoiaram ao longo de todo este tempo. Sem eles a realização deste estudo não seria possível. Obrigada mãe, obrigada pai.

Resumo

Num momento em que a Sociedade de Informação apela à reformulação de vários conceitos, entre os quais os de comunidade e de educação, nós decidimos interligá-los neste estudo uma vez que os nossos actuais alunos nasceram e desenvolvem-se segundo as mesmas premissas que, segundo Lévy, orientam o crescimento inicial do ciberespaço: a interligação, a criação de comunidades e a inteligência colectiva.

A análise teórica deste estudo está assente em dois capítulos. O primeiro capítulo procura abordar as principais características da Sociedade de Informação e do Conhecimento. Abordamos principalmente o aspecto da globalização introduzida com a Internet que aparece quase sempre associada à apropriação da rede como meio de informação e comunicação. Uma vez que a Internet não é o futuro mas sim o presente, no segundo capítulo de revisão de literatura tentámos investigar como os interesses da escola estão a tentar ir de encontro aos actuais interesses dos alunos. A tecnologia evolui, a sociedade evolui, os alunos acompanham, interessa saber como fazer para a escola deixar de resistir.

Este trabalho de cariz etnográfico segue as linhas orientadoras de um estudo misto: com uma vertente de investigação quantitativa e uma outra qualitativa.

Os sujeitos envolvidos no estudo foram alunos de uma Escola Profissional. Numa primeira fase, através de um questionário, tentámos analisar as preferências dos alunos no mundo virtual, mais precisamente quais as principais comunidades virtuais procuradas por eles e porquê. Na segunda fase, recolhemos dados através de entrevistas, acompanhamento virtual e de um pequeno diário semanal de quatro dos alunos inquiridos na primeira fase. Pretendíamos perceber se fazia sentido a escola “invadir” o ciberespaço dos alunos.

Deste estudo restam conclusões não antes desconhecidas. Interessa pensar como devem ser planeadas as actividades para uma mudança das interacções dos alunos entre si, com as tecnologias, com o professor, com a aprendizagem e com a escola.

Surgem ainda algumas reflexões finais, entre as quais se destaca a de fazer-nos pensar se a escola não estará a interpretar mal o significado de comunidade. Poderá ser uma das respostas para responder aos problemas que surgem aquando das práticas online que têm conduzido à desmotivação dos alunos, quando associamos, por algum

tempo, as tecnologias de informação e comunicação às nossas práticas diárias de leccionação.

Abstract

At a moment where the Information Society appeals to the reformularization of several concepts, among them that of community and education, we have decided to interconnect them in this study since our current pupils have been born and have developed themselves according to the same premises that, according to Lévy, guide the initial growth of cyberspace: the interconnection, the creation of communities and collective intelligence.

The theoretical analysis of this study is developed in two chapters. The first chapter focuses on the main characteristics of the Information and Knowledge Society. Specifically we analyze the globalization brought with the internet, which is associated with the appropriation of the web as a means of information and communication. Once the internet is not the future but the present, in the second chapter of literature revision we have tried to study how school is attempting to meet the pupils' interests. Technology is developing, society is developing as well as the pupils are, the point is to find out how to make school end its resistance to technology.

This study has ethnographic characteristics and could be described as a mixed study: both quantitative and qualitative research.

The subjects involved in the study were pupils in a Professional School. On a first phase, using a questionnaire, we analyzed the pupils preferences in the virtual world, more specifically which virtual communities they showed preference and why. On a second phase, we interviewed the pupils, virtually monitored the group and used a field diary with four of the pupils inquired in the first phase. We intended to find out how students see the "invasion" of their personal cyberspace by the school.

The conclusions of the present study are not entirely new. It matters to think in what way the activities should lead to a change in the pupils' interactions amongst themselves, with technology, the teachers, learning and with school.

Some final questions emerge, namely knowing if school is correctly interpreting the meaning of learning community. It could be one of the answers to problems that appear on online practices, not motivating for pupils, when we integrate, for some time, the ICT on our daily practices.

Índice Geral

CAPÍTULO I	3
1. INTRODUÇÃO	4
1.1. Definição do problema	4
1.2. Objectivos e Relevância do Estudo	6
1.3. Organização do estudo	8
CAPÍTULO II	11
2. NOVAS TECNOLOGIAS DESENHAM UMA NOVA CULTURA	13
2.1. Tecnologias de Informação e Comunicação	13
2.1.1. A Internet	14
2.2. Sociedade da Informação e do Conhecimento	15
2.2.1. Sociedade em aprendizagem	17
2.3. Ciberespaço	18
2.3.1. Cibercultura	19
2.3.2. Comunicação na Internet	20
2.3.3. Comunidades Virtuais	21
2.4. Posicionamento dos Jovens nesta Nova Cultura	23
2.4.1. Olhar do Jovem sobre as Novas Tecnologias	23
2.4.2. Os Jovens no Ciberespaço	24
2.4.3. Comunidades Virtuais Sociais	26
2.4.4. Segurança na Internet	28
CAPÍTULO III	31
3. SOCIEDADE E A EDUCAÇÃO NOS CENÁRIOS ACTUAIS	33
3.1. Tecnologia Educativa	33
3.1.1. Breve Referência Histórica e Iniciativas	34
3.1.2. A Escola Perante os Desafios da Sociedade da Informação	39
3.1.3. As vantagens de uma revolução educacional	40
3.1.4. Pensamento crítico	40
3.1.5. Limites da Tecnologia	43
3.2. Comunidades Virtuais ao Serviço da Educação	44

CAPÍTULO IV	47
4. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	49
4.1. Estudo Etnográfico	49
4.2. Objectivos do estudo	50
4.3. Amostra	52
4.4. Instrumentos de Investigação	55
4.5. Dimensões do estudo	59
4.5.1. Dimensão 1: Uso do computador e da Internet	60
4.5.2. Dimensão 2. Comunidades Virtuais	60
4.5.3. Dimensão 3: Educação e a Internet	64
4.5.4. Dimensão 4. Comunidades Virtuais e Escola	64
4.6. Recolha de dados e Tratamento	65
CAPÍTULO V	69
5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	71
5.1. Apresentação e Análise dos resultados	71
Dimensão 1. Usos do computador e da Internet	72
Dimensão 2. Comunidades Virtuais	77
Dimensão 3. Educação e a Internet	93
Dimensão 4. Comunidades Virtuais e Escola	95
5.2. Discussão dos Resultados	97
CAPÍTULO VI	105
6. REFLEXÕES FINAIS	107
6.1. Dos objectivos aos Resultados	107
6.2. Implicações e Contribuições deste Estudo	111
6.3. Sugestões para Futuras Investigações	112
6.4. Conclusão Final	113
BIBLIOGRAFIA	115
ANEXOS	125

Índice de Figuras

	Página
Figura 1. Barra cronológica: evolução das Tecnologias Educativas	25
Figura 2. Últimos anos das Tecnologias na Educação em Portugal	27
Figura 3. Excerto do álbum de recortes da aluna A1	75
Figura 4. Excerto da página pessoal de uma aluna	79
Figura 5. Número de amigos dos jovens entrevistados	80
Figura 6. Grupo da jovem A2	80
Figura 7. <i>Print Screen</i> de um mail do jovem B2	83
Figura 8. Apresentação da página pessoal da jovem A1	85
Figura 9. Apresentação da página pessoal da jovem A2	85
Figura 10. Apresentação da página pessoal do jovem B1	85
Figura 11. <i>Print Screen</i> da página pessoal da jovem A2	85
Figura 12. <i>Print Screen</i> da página pessoal do jovem B1	86
Figura 13. <i>Print Screen</i> de um excerto da conversa via MSN com jovem A1	88

Índice de Tabelas

	Página
Tabela 1. Habilitações Académicas dos Pais	53
Tabela 2. Uso do computador e da Internet	60
Tabela 3. Páginas pessoais	61
Tabela 4. Perfil vs Segurança na Internet	62
Tabela 5. Extensão relacional	63
Tabela 6. Educação e a Internet	64
Tabela 7. Comunidades Virtuais e Escola	64
Tabela 8. Periodicidade do uso da Web	75
Tabela 9. Opinião acerca das CM e Cancelamento da inscrição nas CM	92
Tabela 10. Periodicidade do uso da Internet e disponibilizado nas comunidades virtuais	98

Índice de Gráficos

	Página
Gráfico 1. Género dos alunos	54
Gráfico 2. Idades dos alunos	54
Gráfico 3. Percentagem de alunos com Internet em casa	73
Gráfico 4. Tipo de ligação que têm em casa	73
Gráfico 5. Objectivos na ligação à Web (%)	74
Gráfico 6. Local para acesso à Internet	76
Gráfico 7. Objectivos da utilização da Web	77
Gráfico 8. Comunidades virtuais que os alunos frequentam	78
Gráfico 9. Motivos de adesão às Comunidades Virtuais	79
Gráfico 10. Género que despende mais tempo ligado às Comunidades Virtuais	81
Gráfico 11. Como souberam da existência das Comunidades Virtuais (em%)	82
Gráfico 12. Tempo diário que passam nas Comunidades Virtuais	83
Gráfico 13. Tipo de fotos que colocam nas páginas pessoais	85
Gráfico 14. Dados pessoais nas comunidades virtuais	87
Gráfico 15. Número de identidades que adoptam nas CM	88
Gráfico 16. Adicionar desconhecidos ou menos conhecidos?	89
Gráfico 17. Opinião acerca do impacto das CM na vida social	92
Gráfico 18. Pensas que há possibilidades da escola integrar CV?	95
Gráfico 19. Pensas que os relacionamentos melhorariam se a escola integrasse as CV?	95

Anexos

	Página
Anexo 1. Questionário	127
Anexo 2. Autorização	135
Anexo 3. Diário Online	137
Anexo 4. Transcrição da Entrevista de 27 de Maio de 2008	139
Anexo 5. Transcrição da Entrevista de 28 de Maio de 2008	143
Anexo 6. Transcrição da Entrevista de 28 de Maio de 2008 (das 10:59:46 às 11:18:14)	145
Anexo 7. Transcrição da Entrevista de 4 de Junho de 2008	149

CAPÍTULO I

Introdução

Definição do problema

Objectivos e Relevância do Estudo

Organização do estudo

Iniciamos com este capítulo onde apresentaremos as nossas motivações para a realização deste estudo.

Começamos por contextualizar o aparecimento deste mestrado nas nossas vidas profissionais e consequente estudo.

Em seguida, referirmos os principais objectivos desta investigação e as questões particulares para as quais ambicionamos encontrar resposta.

No final, faremos um breve apanhado de como está organizada a nossa dissertação.

1. Introdução

No ano lectivo 2003/2004, pela primeira vez, tive a oportunidade de estar frente a uma turma de alunos como professora de Matemática na região do Vale do Ave. Desde logo senti necessidade de atingir como motivá-los para a aprendizagem. Nesse ano, percebi que os alunos ficavam eufóricos só de terem as aulas dadas com um retroprojector onde se acumulavam n acetatos fabricados através das novas tecnologias.

Nos três anos lectivos seguintes mudei-me para uma escola situada no grande Porto. Alguma mudança ia acontecendo, o computador e o projector começaram a entrar nas salas de aula e os meus alunos mostravam-se entusiasmados quando estes dispositivos eram utilizados como forma de apoio à aula.

Nos últimos dois anos, as tecnologias de informação e comunicação evoluíram a um ritmo tal que os alunos exigiam maior inovação dentro da sala de aula. Um computador, um quadro interactivo e um projector são bons instrumentos mas já não bastam na sala de aula. Se continuarmos assim, temos a noção que a escola tornar-se-á muito pequena e o ensino administrado nela muito redutor, pois os alunos encontram nos seus quartos um mundo muito maior através da Internet, que também lhes proporciona muita aprendizagem.

No início da década de 90, Lévy já tinha notado que a escola estava em mudança, que se iniciavam “...novas maneiras de pensar e de conviver. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, efectivamente, da metamorfose incessante de dispositivos informáticos de toda a ordem” (1990:9).

Estamos perante uma cultura caracterizada pelo uso crescente de tecnologias digitais, criada pela nova relação entre esta e a vida social proporcionando o surgimento de novas formas de agregação social no ambiente virtual, com práticas culturais específicas que constitui a chamada cibercultura.

Paralelamente a tais mudanças e diante das exigências dos alunos, surgiu a vontade de perceber como e qual a melhor forma para aplicar as tecnologias de informação e comunicação na sala de aula.

1.1. Definição do problema

Nas escolas, a área da Informática tem vindo a vulgarizar-se e tende a ser transversal a todas as disciplinas. Novas formas de aprendizagem surgem, e novas

formas de relacionamento entre as pessoas têm emergido a partir do desenvolvimento de algumas ferramentas tecnológicas, principalmente aquelas promovidas pelo aparecimento da Internet, conseguindo assim alcançar um vasto grupo de utilizadores: docentes, discentes e funcionários das escolas. No entanto, de toda a comunidade educativa, os alunos são os maiores utilizadores destas novas tecnologias, acompanhando, quase sempre com motivação própria, esta evolução tecnológica.

Como já referimos, temos tido provas que não é a chegada de toneladas de computadores, projectores e quadros interactivos que vão trazer inovações ao processo ensino aprendizagem. Então o que poderá acontecer mais? Como professores gostaríamos de perceber qual o caminho que pode trazer inovação para a nossa sala de aula. Pensamos que para isso devemos investigar a forma como os jovens interagem com estas novas tecnologias e até que ponto este fenómeno pode ou não afectar o nosso ensino.

Assim, começaram a surgir algumas ideias e algumas questões que, quanto a nós, são merecedoras de investigação pois consideramos que o desenvolvimento de novas estratégias de ensino aprendizagem é sempre reconhecido como um objectivo pedagógico válido.

Os alunos utilizam informalmente o ciberespaço, haverá possibilidade de passar do espaço físico tradicional da escola para esse espaço virtual que é muito utilizado pelos alunos, sobretudo através de software social, o qual eu também utilizo no meu dia-a-dia? Não acreditamos que possamos eliminar em definitivo o espaço físico escolar, mas pensamos que o ensino poderá beneficiar muito se poder existir um prolongamento do espaço escolar físico. Com turmas tão heterogéneas não há possibilidade de um único professor chegar aos alunos que têm vontade de saber mais. A Internet pode possibilitar que estes alunos interajam fora da sala com os professores e, através da mediação de um professor, pode ser criado um espaço de comunicação online que conduza à partilha e aprendizagem.

Tencionamos tentar saciar estas nossas curiosidades que até então são somente especulações. Por isso, nesta Dissertação de Mestrado em Educação na área de especialização em Tecnologia Educativa, estudaremos o tema: “Os Jovens e os Novos Meios de Comunicação”.

1.2. Objectivos e Relevância do Estudo

Em Junho de 2007 passamos um pequeno questionário a alunos do ensino profissional que deu origem a um trabalho elaborado para o *IX Congresso Internacional Galego -Português de Psicopedagogia* (Pereira & Marques, 2007), que intitulamos *O Caso de Amor dos Jovens pelos meios de Comunicação Digital*. Este mesmo trabalho deu origem à formulação de algumas questões que não foram contempladas neste primeiro questionário.

Por isso mesmo, seguimos com uma investigação de cariz etnográfico que consiste em tentar perceber como a escola pode aproveitar e lidar com novos saberes que transcendem os muros das mesmas. Neste sentido vamos tentar perceber o que os nossos alunos pensam. O enfoque desta investigação prende-se sobretudo com uso que os jovens fazem do ciberespaço, queremos perceber que contribuição pode ter, ou não, o ciberespaço (social) na aprendizagem dos alunos. Pois sabemos, como professores e observadores, que os locais de sociabilidade como MSN¹ e o Hi5² são a grande “paixão” dos jovens que frequentam as nossas escolas.

As questões fulcrais para as quais gostaríamos de obter resposta são: A escola deve entrar no ciberespaço dos alunos? Ou esses espaços virtuais são para serem usados única e exclusivamente fora da escola?

Penso que teremos também de responder a muitas outras e todas elas directamente relacionadas com as perguntas iniciais. Por exemplo:

- Qual o alcance do ciberespaço para a actividade educativa?
- Sendo a Internet um dispositivo de repositório de informação e ao mesmo tempo propiciador de dinâmica social, será que se pode juntar estes dois factores em favor de um melhor ensino e uma mais fácil e motivadora aprendizagem?
- Pode a sala de aula transformar-se numa comunidade virtual (social)?
- Que estratégias podem favorecer o desenvolvimento de comunidades virtuais (sociais)?

¹ MSN – sigla de MicroSoft Network, um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft que permite que um usuário da Internet converse online e em tempo real.

² O Hi5 é um dispositivo da comunidade social virtual, criado por Ramu Yalamanchi (empresário norte-americano), onde cada usuário com registo pode criar um perfil com um *layout* atractivo, podendo colocar texto, fotografias, músicas e vídeos, e constituir uma comunidade de grupo de amigos.

- Como nas comunidades virtuais o carácter social da colaboração e cooperação está bastante presente, pode-se utilizar este argumento para fazer da sala de aula uma comunidade?
- Será somente o aspecto lúdico da Internet o mais importante para os alunos?
- Como os jovens utilizam e se integram nas comunidades virtuais?
- Que tipo de comunidade virtual os jovens preferem e porquê?
- Comunidades virtuais (sociais) são essencialmente utilizadas para conversar com amigos. Será que o professor pode ampliar essa utilização?
- Quais são as principais repercussões das comunidades virtuais na vida social dos jovens?
- Qual o grau de dependência e frequência com que acedem a este tipo de comunidades?

Nesta investigação optamos essencialmente por um estudo qualitativo, de natureza etnográfica, pois não levantamos nenhuma hipótese prévia, temos sim algumas perguntas que pretendemos ir respondendo ao longo do estudo à medida que os dados recolhidos se forem agrupando.

Antes de iniciar este estudo e contando unicamente com a nossa experiência profissional, tínhamos algumas ideias que passamos a referir:

- As novas tecnologias têm de conseguir impor mudanças de mentalidades para que os nossos alunos beneficiem das suas potencialidades;
- As novas tecnologias não podem surgir única e exclusivamente para legitimar o ensino já existente, elas têm de trazer inovação. A atitude dos jovens de hoje frente a um computador prova-nos que isto se consegue;
- As novas tecnologias têm de ser usadas de forma inteligente na escola. Não se lhe pode atribuir um valor quase mágico. No entanto, este valor quase mágico existe e está ligado directamente às novas formas de comunicação que estão ao dispor dos nossos alunos. Por isso a escola deve repensar na forma como deve comunicar com os seus alunos. Porque o processo de ensinar pode passar a ser feito de uma forma muito mais interessante.

Pensamos que esta investigação poderá devolver um resultado satisfatório. No entanto, pensamos também que o curto período de tempo no qual se desenvolveu, e este já alargado mais um ano do que estava previsto, foi uma limitação pois não nos permitiu aprofundar certas questões.

1.3. Organização do estudo

Na Introdução referimos o que nos levou a realizar este estudo e contextualizámos a nossa pesquisa nas nossas vidas profissionais.

No segundo e terceiros capítulos, iniciamos a abordagem teórica que servirá de pilar para as nossas discussões. O capítulo dois e três estarão centrados em dois grandes campos: um, a sociedade em rede e as comunidades virtuais, outro, a educação e a internet.

Os temas abordados no capítulo dois eram quase obrigatórios, quanto a nós, pois todos somos obrigados a reconhecer todos os dias; pela quantidade de mails que recebemos, pela quantidade de informação que chega a nossa casa, pelas compras rápidas que por vezes fazemos online; que a sociedade está rendida às aplicações possíveis das tecnologias de informação e comunicação. Elas têm afectado não só a formas de trabalho das pessoas, mas também onde trabalham, quanto trabalham ou com quem trabalham presencial ou virtualmente.

Os princípios que norteiam a topologia da internet e sua infra-estrutura são a chave para entender tais mudanças. Mudanças que também se dão ao nível da aprendizagem individual, quer seja formal ou informal, que temos ao longo da vida, pois temos acesso a uma rede sem um poder único e central que não apenas permite, mas estimula a comunicação (Melo, 2005) e a partir da qual "...se desenham as redes que ligam pessoas e ideias, formas de falar, compreender e aprender." (DIAS, 2003)

Assim, a Internet pode vir a ser, ou já o é, um sucesso na educação pois possui características particulares, entre as quais: a simulação de ambientes virtuais de sala de aula virtual e o desenvolvimento de alunos mais autónomos, pois a rede é um espaço onde ocorre aprendizagem flexível e colaborativa.

O terceiro capítulo surge como consequência directa do tema que nos propomos trabalhar. Neste capítulo, damos especial destaque aos alunos, pois são eles que nos fazem repensar as técnicas de ensinar e aprender. Resultados interessantes têm surgido, entre eles, o de Costa, Peralta e Viseu (2007:52)³, que menciona que "... 92 por cento dos alunos afirmaram gostar de utilizar o computador e cerca de 88 por cento consideram que os computadores deviam ser mais usados nas aulas."

³ Um estudo de 2003, conduzido por Jacinta Paiva sob alçada do Ministério da Educação, que visou descrever as modalidades de utilização das TIC nas escolas portuguesas.

Este foi mais um dos resultados que nos mostram que as tecnologias de informação e comunicação são ferramentas essenciais do mundo de hoje e, portanto, é necessário conhecê-las e dominá-las. É necessário estudar os seus efeitos pois elas por si só, não são boas ou más. “Tudo depende do uso que nós e outros lhes dermos. Uma faca, por si só, não é boa nem má. Depende da forma como eu e outros a usarmos”⁴. O importante é estudá-las, pois só assim é que se reduzirá os potenciais impactos negativos e aumentará os positivos.

Faremos, assim, uma revisão bibliográfica tão profunda quanto nos seja possível.

No quarto capítulo apresentaremos a metodologia do estudo traçando o caminho percorrido na investigação: os instrumentos e os procedimentos utilizados no tratamento dos dados.

No quinto capítulo mostraremos os resultados dos dados obtidos com os instrumentos utilizados: questionário, entrevista, “diário” e acompanhamento virtual. Ainda neste capítulo discutiremos os resultados apresentados.

No sexto capítulo manifestaremos as nossas reflexões finais obtidas por meio da pesquisa teórica e trabalho empírico. A concluir, deixaremos algumas propostas para futuros trabalhos e faremos uma breve conclusão.

⁴ Pesquisa em <http://www.miudossegurosna.net/>, acedido em Julho de 2009

CAPÍTULO II

Novas Tecnologias Desenham uma Nova Cultura

Tecnologias de Informação e Comunicação

Internet

Sociedade da Informação e do Conhecimento

Sociedade em aprendizagem

Ciberespaço

Cibercultura

Comunicação na Internet

Comunidades Virtuais

Posicionamento dos Jovens nesta Nova Cultura

Olhar do Jovem sobre as Novas Tecnologias

Os Jovens no Ciberespaço

Comunidades Virtuais Sociais

Segurança na Internet

Neste capítulo, começamos por explicar sucintamente o papel principal das Tecnologias da Informação e Comunicação. Serão elas tão essenciais quanto McLuhan (2009:71) o quer fazer parecer aquando da resposta: “... concebo as tecnologias como extensões do corpo e das capacidades humanas.”?

A Internet, uma das grandes evoluções tecnológicas do século XX, proporciona rapidez e eficácia na circulação da informação. Neste capítulo vamos fazer breves referências a esta mesma evolução e consequências subjacentes a ela, sendo que as principais estão relacionadas com a Internet. Noutros pontos abordaremos as alterações que se fazem sentir na nossa sociedade e na cultura inerente a ela. Pelo que se sabe, a fugaz circulação de informação contribui muito para esta alteração, pois a evolução da sociedade está dependente do consumo de informação que a Internet proporciona, fazendo-nos participar de uma sociedade em constante aprendizagem e em luta para a construção de uma sociedade do conhecimento.

Ainda neste capítulo faremos referência às alterações espaço-temporais que enfrentámos. Com as novas tecnologias, sobretudo com a Internet, conseguimos ter a possibilidade de parecer omnipresentes, conseguir estar perto daquilo e daqueles que mais queremos, criando assim as nossas próprias comunidades, comunidades virtuais, sendo frequentemente intituladas de comunidades de aprendizagem ou sociais.

Os jovens são grandes apreciadores destas características e por isso são os que mais vagueiam no mundo online, o ciberespaço. Eles sentem-se tão motivados para intervir neste espaço que acabam por sair menos para o exterior para ficarem a girar em torno do seu próprio espaço. Neste espaço, vemos ser potencializadas competências como rapidez de raciocínio, construção rápida de um texto escrito, entre outras. Mas a Internet, devido a seu lado misterioso também apresenta os seus senãos, sendo necessária uma atenção redobrada por parte dos responsáveis pela segurança das crianças e dos jovens que deambulam no ciberespaço.

2. Novas Tecnologias Desenham uma Nova Cultura

Camões, referindo-se às Descobertas dos portugueses nos séculos XV e XVI falava em “dar novos mundos ao mundo”. Quando se pensava que já nada havia a descobrir geograficamente, surgem outras perspectivas de descoberta e outros mundos, nesta imensa rede em que vivemos.

Almeida (2004:156)

O cenário de mudanças permanentes que está montado faz de nós actores principais de uma peça de teatro que assenta transversalmente sobre três pilares: globalidade, rapidez e procura de bem-estar. Assim, temos de ser nós, enquanto membros da sociedade, que temos de entrar em cena. Vamos então tentar perceber o nosso papel e com quem vamos contracenar.

2.1. Tecnologias de Informação e Comunicação

... qualquer meio, seja a rádio, ou seja a roda, vai criar um ambiente humano totalmente novo.

McLuhan (2009,79)

As tecnologias de informação e comunicação são um marco intransponível da actual sociedade humana. (Almeida, 2004:222) O crescente uso das tecnologias da informação e comunicação e a informação e a comunicação sempre foram, são e serão factores importantes para que se concretizem evoluções nos mais diversos campos.

No entanto, a actual revolução tecnológica não está apenas centrada no conhecimento e na informação, mas na aplicação destes para a produção de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, num ciclo de abastecimento cumulativo entre a inovação e o seu uso (Castells, 2007:36).

O contributo das mais antigas tecnologias da informação e da comunicação, como os livros, a rádio e a televisão hertziana, serão também cruciais neste processo, uma vez que muitos países ainda não terão acesso às mais actuais.

Sendo o livro um texto aprisionado ao papel impresso, não permitirá uma fácil troca. A Internet, baseada no seu fluxo livre de conteúdos digitais, viabiliza a troca. Ou seja, todos os conteúdos são facilmente vistos por cada um de nós. Por isso, nenhuma tecnologia, nem anterior, nem actual, se comparará à Internet.

A Internet atinge o singular da sociedade: permite-nos estar onde queremos, quando queremos e fazê-lo de forma activa e reactiva, ou seja, em interactividade é constante. Ela funciona como uma “semente digital” (Almeida, 2004:155), a cada clique nasce um novo “fruto”, mais uma informação.

Estamos a viver num mundo aparentemente muito confuso, no qual parece não haver tempo para adaptação a todas as novidades.

Não irá haver estagnação, pois a Internet traz consigo constante inovação. Por isso, como já referia McLuhan (2009:107) a propósito da inovação tecnológica, “... a única opção é compreender tudo o que está a acontecer e neutralizá-lo o mais possível ...”.

2.1.1. A Internet

O cenário onde tudo se desenrolará é no tabuleiro da globalização: ponte de partida, ponto de chegada, casa da sorte (...) joguemos, não há alternativa.

Almeida (2004:11)

Como refere Almeida, a globalização já existe, e a Internet ocupa um lugar dominante. Com valor inestimável, ela coloca-nos no centro do mundo, perto de tudo; um aglomerado de redes à escala mundial de imensos computadores interligados que permite o acesso a informações e todo o tipo de transferência de dados.

A Internet é umas das novas tecnologias de informação e comunicação, não é sinónimo de World Wide Web, como muitos julgam, pois esta é apenas a parte da Internet que utiliza hipermédia, um dos muitos serviços oferecidos na Internet. Um dos principais serviços e que faz com que a consideremos uma auto-estrada da informação. A Internet é, portanto, a base tecnológica da forma organizacional que caracteriza a Era da Informação. Ela é a rede, um conjunto de nós interligados, que é caracterizada pela sua flexibilidade e adaptabilidade, e por isso se converteu numa enorme rede de informação.

As redes de Internet proporcionam uma comunicação global e livre que se tornou essencial para todos. O mundo torna-se como uma gigantesca aldeia na qual é mais ocorrente troca de informação. Como McLuhan afirmava, o mundo torna-se como uma *aldeia global*. Esta aldeia que, segundo o autor, é a sucessora da Galáxia de Gutenberg, é que vai dar apoio ao uso da palavra Globalização.

Globalização é um conceito inovador que sintetiza uma realidade dinâmica e de implicações em todos os campos. Agora acedemos a serviços sem ter de sair de casa, “eles vêm até nós”: fazer compras, aceder a contas bancárias, entre outros. Para tudo isto acontecer, é necessária a Internet, o instrumento de excelência que deu a mão à sociedade para que esta se pudesse fornecer aos indivíduos acesso à informação de forma imediata.

Como já referimos atrás, as anteriores tecnologias não serão postas de lado.

O aparecimento do ecrã de computador não implica o desaparecimento de textos e da escrita, visto que uma grande proporção do que aparece nos nossos ecrãs é de carácter textual. Houve apenas um desenvolvimento do hipertexto e da combinação de texto com imagem e sons. Os atributos do hipertexto como ubiquidade, fluidez, interactividade, indexação e fragmentação integral são cada vez mais indispensáveis aos leitores de hoje que vivem numa nova cultura, a cibercultura.

Com a ubiquidade, que faz com que qualquer texto colocado num servidor fique disponível para toda a sociedade, assiste-se a uma descontextualização de culturas. A fluidez permite que os textos sejam alterados e melhorados instantaneamente, aquando da exposição pública. A interactividade faz com que os textos sejam vistos como espaços a explorar. A indexação integral tem a ver com o facto de conseguir-se criar uma imensa base de dados eficiente para um sistema de pergunta resposta. Fragmentação do texto digital que pressupõe que ao mínimo desconforto sofrido com a leitura em ecrã haja incentivo à leitura febril de alterações de páginas frequentes (UNESCO, 2005:108). Características que fazem emergir uma nova era civilizacional, designada de Sociedade da Informação e do Conhecimento.

2.2. Sociedade da Informação e do Conhecimento

O conceito de Sociedade de Informação desenvolveu-se a partir da década de 90. Inicialmente constituiu a resposta europeia a iniciativas de outros blocos económicos e políticos, como o Canadá, “Super-Auto-Estrada da Informação”, a do Japão “Infra-Estruturas Avançadas de Informações” e, sobretudo, da norte-americana “Auto-Estradas da Informação”.

Junqueiro, in Almeida (2004:221)

A noção de Sociedade de Informação baseia-se nos avanços tecnológicos. Ao estudarmos este novo conceito devemos fazê-lo estudando os seus efeitos. O exemplo

do automóvel deve clarificar este entendimento: “...ao perceber que o automóvel criou o sistema de estradas e muitas indústrias de serviços, tem-se provavelmente melhor ideia do automóvel” (McLuhan, 2009:99). Assim, se tem de fazer com a tecnologia da informação.

Apesar de já termos assistido a algumas mudanças, muito longa ainda é a caminhada. O que é natural, visto que a velocidade da mudança social é substancialmente mais lenta que a mudança tecnológica, a social não acontece, constrói-se.

A tecnologia propõe mudanças à sociedade, mas esta última é que vai fazer uso dessas tecnologias e mostrar-nos de que é capaz. Como refere McLuhan (2009:207), “O meio é a mensagem”, existe um ambiente escondido de serviços criados pela inovação e é esse ambiente que está a mudar a sociedade. É o ambiente que muda as pessoas e não o contrário.

O conceito de Sociedade do Conhecimento vai mais além do que o de Sociedade da Informação, abrangendo dimensões sociais, éticas e políticas bem mais vastas UNESCO (2005:22). A crescente utilização das redes por si só não basta para produzir o conhecimento, pois a informação não é o conhecimento.

Sem Conhecimento, a informação não poderá ser transformada (...). Sem Conhecimento, as infra-estruturas digitais por muito sofisticadas e poderosas que possam ser, não terão a capacidade de proporcionar os serviços (...). O Conhecimento tem que ver com as pessoas...

Junqueiro in Ameida (2004:223)

A Sociedade do Conhecimento sustenta-se no facto de que a informação é a base do desenvolvimento social e cultural actual. Mas esta sociedade deve caracterizar-se, pela capacidade de processamento, transformação, disseminação, produção para criar conhecimentos. Esta sociedade deve caracterizar-se sobretudo pela autonomização.

Ao contrário das tecnologias anteriores, a Internet dá-nos a possibilidade de ter um único “lugar” (descentralizado e deslocalizado) onde se armazena a informação, o espaço virtual, um não-lugar físico, como caracterizava Lévy. No entanto, o indivíduo tem de ser autónomo na procura de informação na rede, para que o conhecimento adquirido venha a ser produtivo e sábio. Podemos pensar até que o consumo da informação pode conduzir-nos a um desenvolvimento utópico e ideal de valor

incalculável, fazendo nascer ainda mais e melhor informação (Almeida, 2004:230). Estas alterações estão associadas a uma sociedade em aprendizagem.

2.2.1. Sociedade em aprendizagem

Seremos confrontados, no melhor dos sentidos, com a necessidade de consumir aprendizagem e de melhorarmos consecutivamente a nossa capacidade, a nossa ciência, o nosso saber aprender.

Almeida (2004:227)

Vagueando no espaço que a Internet nos disponibiliza, torna-se evidente que o conhecimento está para lá do quantificável. Tudo está acessível, mas o todo está fora do nosso alcance (Lévy, 2000:172).

A sociedade do conhecimento, e a sociedade em geral, assim como a globalização e o impacto da tecnologia digital, oferecem vantagens e colocam vários desafios aos cidadãos. Pode-se beneficiar de um conjunto de novas oportunidades, entre as quais a aquisição contínua de conhecimentos e competências que é essencial para participar activamente na sociedade, desenvolvendo uma sociedade em aprendizagem.

O termo sociedade em aprendizagem indica um novo tipo de sociedade, à qual já não se aplicam limites espaço-temporais. Mas os indivíduos que a ela pertencem têm de estar cientes que a sociedade em aprendizagem não se pode igualar à sociedade da informação, ela tem de ser mais. A informação está disponível por todo o lado, mas o indivíduo tem de saber aprender com ela.

A sociedade em aprendizagem dignifica a máxima: “ninguém sabe tudo”. A aprendizagem ao longo da vida é indispensável, toda a actividade de aprendizagem em qualquer momento da vida é essencial para melhorar os conhecimentos e competências necessárias quer na vida pessoal quer na vida profissional. Aprendizagens que podem ser adquiridas através de aprendizagens formais, mas sobretudo através das aprendizagens informais. “A vida pública informal não se mantém benigna à espera do progresso (...) Não cede à mera passagem do tempo nem à política do *laissez-faire*...” (Rheingold, 1993:43).

Talvez o ciberespaço seja um óptimo local onde se poderá aprender muito gozando do seu aspecto informal: a existência de diversos modos de acesso ao conhecimento é uma das primordiais características da sociedade em aprendizagem.

No entanto, a escola e os livros não podem deixar de existir como muitos apregoam. No contexto de aprendizagem ao longo da vida, o termo *professor* incluiu obviamente livros e professores e também todos os demais intervenientes na vida de um indivíduo, sejam pessoas ou máquinas de informação. O professor tem como obrigação ensinar a compreender estas novas linguagens. Tal como dizia McLuhan em relação à revolução electrónica da televisão que “... fez com que o professor deixasse de transmitir informação para proporcionar compreensão” (McLuhan, 2009:25), também na era da Internet esta função de proporcionar compreensão sai reforçada.

2.3. Ciberespaço

O prefixo “ciber” de espaço e de cultura não se distingue no sentido de tentar estabelecer uma relação entre eles, no entanto, ambos parecem ser credores de um capital cognitivo que transforma a tecnologia anterior em digital, possivelmente para fornecer inclusões sociais, políticas e culturais (Ferrara, 2008:26).

Através da digitalização, consegue-se libertar no ciberespaço um som de vinil, um texto de papel, uma imagem de película, toda esta re-mixagem (Lemos *in* Silveira, 2008:85) favorece uma nova cultura.

O ciberespaço é o espaço criador da cibercultura.

La cibercultura es la forma referida a un valor simbólico que le agregamos a la cultura común, pero relacionada a nuevas tecnologías, dentro de las cuales también tenemos artes, ciencias y pensamientos (...) sabemos que es una sociedad y que puede ser encontrada en su mayoría unida por la vía de los bits en la World Wide Web, o mejor conocida como Internet.

(Nieto, 2006)

Para nós, faz então todo o sentido, que a cibercultura apareça como consequência directa de ciberespaço, pois sendo este espaço o locativo da cibercultura, ela é a consequência da aceleração que o mobiliza.

2.3.1. Cibercultura

A cibercultura nasce da relação da tecnologia com a modernidade, é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Ela não é o futuro que vai chegar mas o nosso presente (Lemos, 2003:11).

Uma analogia histórica poderá esclarecer um pouco o porquê de acrescentar à palavra cultura o prefixo “ciber”.

No século XIII, na China, para as pessoas se comunicarem foi criada uma técnica, o correio de estafetas. No entanto, esta apenas servia para enviar notícias frescas e rápidas entre os reinos. Mais tarde, no século XVIII, surge a verdadeira inovação social que afecta a relação entre pessoas, a técnica postal. Passando a ser permitido a envio de informação de indivíduo para indivíduo. O correio, como sistema social de comunicação, ficou portanto, intimamente ligado à promoção de ideias e de práticas que valorizavam a liberdade de expressão (Lévy, 2000:129). Vê-se então uma infra-estrutura de comunicação a investir numa mudança de mentalidades e consequentemente, numa mudança cultural.

Dando um salto na história, assistimos ao aparecimento das tecnologias de informação e comunicação que estas vieram aumentar fortemente a capacidade do homem para comunicar, informar e ser informado, para conhecer e saber. Elas originam uma sociedade sem espaço e sem lugar definido. As tecnologias como o telégrafo, a rádio e o telefone reduziram a barreira espaço-temporal do “aqui e agora”.

Seguidamente, as tecnologias, como o computador e a Internet, aceleraram ainda mais o processo, agora: “All were supposedly connected to all, without boundaries of time and space” (Wellman, 2004:26).

Estas são as maiores figuras emblemáticas da cibercultura: computador e internet, que nos colocam numa era de conexão generalizada, do tudo em rede, primeiro fixa e agora, cada vez mais, móvel (Lemos, 2003:13).

A Internet constitui o grande oceano do novo planeta informativo (Lévy, 2000:130). Quem faz crescer este planeta são maioritariamente voluntários anónimos que se encarregam de acrescentar/melhorar a informação disponível a cada um de nós. Assistimos, assim, a uma alteração de cultura, uma mudança de natureza da mente individual para uma mente colectiva que se potencializa pelo saber acumulado que compõem a nosso novo mundo, o ciberespaço. Lugar que faz crescer uma nova cultura, a cibercultura.

Passamos então a ter um novo homem, um Homem funcional (Almeida, 2004:123), com uma nova cultura, a cibercultura, que tornou o centro de gravidade a “galáxia cultural do século XX” (Lévy, 2000:240).

2.3.2. Comunicação na Internet

Por volta de 700 a.C. surgiu na Grécia uma importante inovação: o alfabeto. Foi, portanto, o alfabeto que permitiu a comunicação baseada no conhecimento (Castells, 2007:431).

No século XX, assiste-se à valorização da cultura audiovisual, primeiro com a rádio e depois com a televisão, superando assim a influência da comunicação escrita. Uma nova forma de comunicar que faz transitar da Galáxia de Gutenberg (da imprensa escrita) para a Galáxia de McLuhan (dos audiovisuais). A televisão veio representar o “fim” de um sistema de comunicação, dominado até então pela mente tipográfica e pela ordem e um alfabeto fonético (Castells, 2007:436).

Nos anos 80, outras tecnologias vieram transformar este mundo. O computador veio libertar a televisão e este precisou de um instrumento que permitisse estabelecer comunicação que até então se fazia apenas de forma assíncrona. Surge a Internet, a rede que liga mais redes de computadores e que se afirma pela rápida difusão.

A rádio tinha levado 30 anos a chegar a 60 milhões de pessoas; a televisão alcançou este nível de difusão em 15 anos e a Internet levou apenas 3 anos (Castells, 2007:458).

Actualmente, a Internet surge como uma incubadora de instrumentos de comunicação (Lemos, 2003:15), sendo as práticas comunicacionais inúmeras, como: e-mail, que revolucionou as práticas de correspondência pessoais para lazer e trabalho; chats com salas onde a conversação se dá sem a oralidade e sem a presença física; os jogos tipo *role playing games* onde os usuários criam mundos; blogues, forma de apresentação da vida quotidiana onde são criados colectivos, diversos sites de informação espalhados pelo mundo.

A crescente dependência do Homem perante as mais diversas máquinas e tecnologias, leva-o a criar novas linguagens e formas de comunicação. Repare-se que através das novas tecnologias, nomeadamente da Internet, todos passámos a ter a possibilidade de trazer informação de qualquer parte para nossa casa.

Como vimos, a cibercultura é preenchida de novas formas de se relacionar com o outro. Mas não se trata, uma vez mais, de relacionar os antigos e os actuais meios de comunicação em termos de substituição, tal como “O cinema não mudou o teatro (...) Os assinantes da Internet, viajam provavelmente mais do que a média da população” (Lévy, 2000:135). A Internet adquire na sociedade em rede um papel adicional enquanto suporte de informação e comunicação, juntando-se aos que já existem para possibilitar o alargamento (Cardoso et al, 2005:225).

2.3.3. Comunidades Virtuais

No ciberespaço temos acesso aos mais diversos recursos em qualquer sítio que nos encontremos. Mas é também um espaço onde podemos contactar pessoas em função dos seus interesses; permitindo a partilha de acontecimentos, trocas de saber, discussões colectivas num *mundo virtual multiparticipante* (Lévy, 2000:104). Esta orientação de dar e receber, subjacente a uma participação colectiva, tem sido a base para a criação de comunidades online, as comunidades virtuais.

Segundo Rheingold (1996), as comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da rede [Internet] quando um grupo de pessoas discute publicamente durante algum tempo, e fazem-no de forma individual/sentimental capazes de criar redes de relações pessoais no ciberespaço.

O desenvolvimento da Internet forneceu-nos a mais ampla liberdade da palavra, fortaleceu, ou celebrizou, as nossas capacidades de comunicação e aptidões cognitivas, “demonstrando que os indivíduos não são recipientes passivos, mas capazes de constituírem comunidades virtuais de forma bastante autónoma.” (UNESCO, 2005:77)

O conceito de comunidade virtual tem vindo a sofrer algumas alterações aquando da definição dada por Rheingold que sugeria que uma comunidade virtual não passava de um aglomerado de pessoas que se encontrava frequentemente no ciberespaço. Actualmente, temos presente que as comunidades virtuais existem e são consistentemente constituídas por pessoas que têm um, ou mais, objectivo, interesse em comum. Ou seja, há uma finalidade na formação de uma comunidade.

Nos últimos tempos, o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação tem sido assombroso na criação de novos dispositivos e interfaces (mail, blogues, wikis, podcasting, msn, hi5, etc.), possibilitando formas de comunicação inimagináveis entre pessoas de diferentes cidades, países, continentes; grupos de

peças que eram considerados apenas comunidades em potência antes da chegada do ciberespaço. Estamos, então, perante comunidades virtuais (Rheingold, 1996; Cardoso, 1998), emergentes no ciberespaço, uma “entidade desterritorializada”, mas que é, sem dúvida, o média que “restabelece a simetria da relação comunicação: cada receptor pode ser também um emissor” (Alava, 2002:47).

Assistimos à promoção da diluição das fronteiras geográficas, mas também à geração de novos territórios, identidades e práticas sociais (Silva, in Lemos e Palacios, 2000:160).

No momento actual, podemos arriscar afirmar que toda a gente, que tem acesso à Internet, conhece estas formas de manifestação cultural, e muitos possuem mesmo o seu lugar numa ou mais comunidades. As raízes do *habitus* orientam a conduta das pessoas (Bourdieu, 2001), fazendo com que procurem conquistar um lugar que as satisfaça. Ora, se as relações sociais se manifestam no online, é pois natural que se procure conquistar esse lugar no espaço virtual.

Mas afinal, estas comunidades virtuais são verdadeiras comunidades?

Não nos deixemos enredar pelas palavras. Lembrem os mais cépticos que virtual não é o contrário de real, mas sim de actual, de acordo com Lévy (2001:15). Como refere Wellman (2004:29), a internet não é um mundo independente, mas parte do mundo real e por isso também é capaz de promover a criação de comunidades. São comunidades que apenas não seguem os mesmos modelos de comunicação e interacção das comunidades físicas, funcionam num plano diferente da realidade.

As novas tecnologias favorecem, assim, novas formas de acesso à informação; novos estilos de raciocínio e novos estilos de conhecimento, como a simulação. Neste sentido, em termos educacionais, a Internet é um dispositivo de aprendizagem cooperativo onde ninguém é considerado principal ou central, nem representante dos demais – “Não há chefe, o que há é uma vontade colectiva de realizar determinado objectivo” (Mattar, 2007:84).

As comunidades de aprendizagem estão relacionadas, num primeiro momento, com as redes criadas pelas tecnologias de informação e comunicação e num segundo momento com a possibilidade de pessoas com objectivos comuns se encontrar e estabelecerem relações.

Segundo McLuhan (2009:35), “A emergência de uma comunidade global de aprendizagem é o resultado natural de um mundo em que a produção e o transporte de bens se fundem, finalmente, com a circulação da própria informação.”

Contudo, apesar de constituir uma expansão dos limites da comunicação e interacção presenciais, o ambiente de aprendizagem virtual ou em rede não apresenta, necessariamente, uma comunidade (Schwier in Dias, 2007:31), pois, terá de haver uma intencionalidade individual para a formação de uma comunidade.

Por isso, o desafio de conseguir passar de uma comunidade virtual para uma comunidade de aprendizagem tem a ver com o deixar de depositar conteúdos e conseguirmos, enquanto educadores, promover a colaboração, a partilha através do diálogo e narrativas de acontecimentos individuais e motivar para a participação, “para fazer parte de algo que está acontecendo, sem que ninguém os obrigue” (Mattar, 2007:86).

2.4. Posicionamento dos Jovens nesta Nova Cultura

A potencialização de um novo recurso tecnológico como a Internet surge claramente associada mais frequentemente a jovens (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005:147). Muitas vezes, consideramos os jovens seres preguiçosos mas o certo é que eles nos vencem quando o assunto é Internet.

O envolvimento com a Internet ou a oportunidade de acesso facultada, entre outros, pela escola, são factores de grande importância para se dar a familiaridade com todo o tipo de recursos tecnológicos e o desenvolvimento de práticas de utilização correntes (idem:140). Passa a ser-lhes de tal forma familiar que eles não precisam de nós para nada. Aprendem sozinhos e mais rapidamente que um adulto. Como refere Mattar (2007:87) já alguém ensinou um jovem a usar o MSN, ou existem cursos de Hi5 para jovens? No ciberespaço, os jovens aprendem a saber fazer e a saber ser, havendo quem já intitule estas destrezas de competências cognitivas da cibercultura (Régis, 2008:32).

2.4.1. Olhar do Jovem sobre as Novas Tecnologias

Os jovens são os primeiros a querer tudo o que seja recente, pois eles inconscientemente apercebem-se que se desenvolvem utilizando a novidade.

Segundo o relatório E-Generation (Cardoso, Espanha e Lapa, 2007), seis em cada dez crianças e jovens têm uma televisão no quarto. Mas a televisão já perdeu o seu lugar central, com os jovens a dividirem o seu tempo e atenção com outros meios e tarefas, como o computador, o leitor de MP3 ou o telemóvel. Os jovens têm uma tão

elevada taxa de habituação psicológica ao telemóvel que muitos referem que ficam muito ansiosos quando não o podem ter o telemóvel consigo. Este meio de comunicação é visto como uma “prótese” para os jovens de hoje. Pensamos que o mesmo venha a acontecer com a comunicação através da Internet.

Pois segundo o estudo de Pereira e Silva (2009:567) “O interesse pelo computador, para os jovens, vem associado à Internet”.

A Internet tem ganho uma importância fundamental para os jovens. Mais de um terço dos inquiridos online (relatório E-Generation, Cardoso, 2007:57) acham que a Internet é algo imprescindível. E quem é professor sabe que nas aulas em que os alunos têm acesso à Internet, a melhor recompensa para o trabalho bem desenvolvido é a possibilidade de os deixar aceder livremente ao mundo online. E mais, sabemos que estamos a falar de uma geração que explora sozinha, sem a ajuda de ninguém, e “que as competências digitais se desenvolvem sobretudo em utilizações informais dos meios” (Pereira e Silva, 2009:562).

2.4.2. Os Jovens no Ciberespaço

Os jovens fazem parte dos grupos mais activos, senão o mais activo, no ciberespaço. Desempenham, portanto, um papel importante na expansão deste mundo. “Eles contribuem [e têm mesmo contribuído] para a actualização do potencial de ferramentas digitais e para a emergência de novas práticas que constituem uma verdadeira ‘cultura digital’ (jogos em rede, páginas de Internet pessoais, fóruns, blogues, etc.)” (UNESCO, 2005:89).

Estas suas criações destacam algo interessante acerca dos nossos jovens; eles deixaram de ser receptores para serem os criadores, são, sem dúvida, também agentes desta nova cultura, a cultura da nova era da informação. Mas, enquanto educadores, temos de estar atentos, não podemos deixar que os jovens se apoiem em algo que tende a ser semelhante com uma sociedade de entretenimento e não com uma sociedade em aprendizagem para a produção de conhecimento favorável ao desenvolvimento humano. Porque esta vontade de possuir um lugar poderá estar directamente relacionada apenas com o facto de existirem cada vez menos locais públicos onde as pessoas possam conversar com colegas. Assim, é fácil de perceber que os jovens já estejam completamente submersos nesta cibercultura, pois são inúmeras as vantagens que eles encontram nestas comunidades virtuais: procuram e encontram gente da mesma idade

para conversar sem ter de o fazer na escola ou aos “berros” numa discoteca qualquer. Para além disso, podem assumir uma ou várias identidades ao mesmo tempo, sem terem de se prender a valores que são obrigados a seguir na sociedade do mundo real e que muitas vezes, na adolescência, teimam em não aceitar. Acima de tudo não se vêm obrigados a pertencer a elas, fazem-no simplesmente porque querem entrar neste mundo.

Uma vez que os jovens não estão distantes desta natureza cibernauta, temos de perceber o porquê e como fazer para tentar com que este meio que tanto os fascina jogue a favor deles, da sua evolução enquanto cidadãos, na sua educação.

A Internet permite a convivência entre os diversos saberes, eliminando o antagonismo entre a aprendizagem formal e a informal, e entrelaçando-as, já que as possibilidades de desenvolvimento cognitivo são intensificadas, ampliadas pelas novas formas de sociabilidades existentes na rede e pela interação com os jogos virtuais, pelas comunidades virtuais de aprendizagem, aflorando assim a cartografia lúdica. Os indivíduos aprendem pela via do desejo, do prazer.

(Santos e Alves, 2006:23)

Para poder sobreviver é aconselhável compreender, antecipadamente, não os efeitos, mas as causas inerentes aos meios de comunicação electrónicos, em todas as suas configurações culturais, para escolher, com toda a consciência, as estratégias mais adequadas para a sua aplicação.

Já há 13 anos atrás Reighnold (1996:17) mostrava preocupação no sentido ao qual nos referíamos. Chamar a atenção para a importância dos grupos que se criam online:

A tecnologia que torna possível a existência de comunidades virtuais pode aumentar consideravelmente o ascendente do cidadão comum a um custo relativamente baixo: ascendente intelectual, social, comercial (...). Contudo, a tecnologia não concretiza sozinha esse potencial interventivo, sendo necessário que as suas capacidades latentes sejam conduzidas deliberada e inteligentemente por uma população esclarecida (...) é preciso divulgar a existência destas características latentes e a forma como devem ser usadas para concretizar o seu papel em ascensão.

Na Internet, um meio utilizado essencialmente pelos jovens, estes realizam a comunicação recorrendo, quase sempre, à escrita e à leitura. Estas são características

que certamente trarão inovação no processo de aprendizagem dos nossos jovens. Muito do que é preciso aprender não pode mais ser planejado previamente, emergindo da dinâmica do processo.

Para além disso, nas comunidades virtuais sociais às quais pertencem e participam bastante são, também, muitas vezes, excelentes moderadores, capacidade que exige autonomia individual. Estas experiências de autonomia na infância e/ou adolescência são responsáveis pelo muito que as pessoas serão no futuro, desde ao nível profissional ao familiar.

Para além de muitos benefícios, temos de estar conscientes que a Internet, como qualquer outro meio de comunicação que utilizemos, não está afastada de desvantagens. Por isso, muitos cuidados tem de se ter, enquanto professores desde contrariar a tolerância aos erros de ortografia, conhecidos como *grammar sclak* (Almeida, 2004:60). O interessante é aproveitar o deslumbramento dos jovens pelas comunidades virtuais sociais, para uma aprendizagem colaborativa.

2.4.3. Comunidades Virtuais Sociais

As práticas comunicacionais pessoais actuais da cibercultura mostram a pregnância social para além da assepsia ou simples robotização.

(Lemos, 2003:16)

A Internet influencia hábitos e comportamentos e introduziu novas matizes nas relações interpessoais. Há muito que deixou de ser apenas uma fonte de informação, é também um meio de nos relacionarmos socialmente, capaz de criar um ambiente cooperativo, mas também competitivo ou até mesmo gerador de conflito. Esta interacção cooperativa pode gerar a sedimentação das relações sociais, proporcionando o surgimento de uma estrutura. Quanto mais interacções cooperativas, mais forte se torna o laço social desta estrutura, podendo gerar um grupo coeso e organizado.

Os laços menos fortes são essenciais como forma de conseguir informação. Mas, as comunidades virtuais sociais também dão a oportunidade, àquelas pessoas que estão limitadas para desenvolver vida social, de desenvolver relações interpessoais e, portanto, criarem laços mais fortes. No entanto, não esqueçamos que as relações virtuais não substituem de todo os encontros físicos, assim como “as cartas de amor não impedem que os amantes se beijem” (Lévy, 2000:135).

Os usos destes espaços sociais virtuais são muito significativos entre os jovens, muito mais do que nos mais velhos. A possibilidade do estar aqui e ali, em toda a parte ao mesmo tempo, a possibilidade da onnipresença, de conseguirem ser pequenos deuses, tem fascinado o mundo juvenil. Acentua-se no que diz respeito à participação em chats para combinar encontros com os amigos (Costa et al, 2005:168).

As comunidades virtuais sociais exigem um ser interventivo, que não se limita apenas à leitura dos diálogos de outros intervenientes, porque se não o forem, o custo será a morte, a morte virtual, sendo esta bastante elevada de acordo com (Castells, 2007:470). Assim, as comunidades virtuais oferecem um novo contexto para pensar a nova identidade humana da era da Internet (idem, 2007:468).

Já tivemos a oportunidade de falar da disseminação das barreiras sociais relacionadas com o espaço-tempo que a Internet proporciona. Ao falarmos em comunidades virtuais sociais, reparamos que os recentes meios de comunicação parecem estar a dissolver também as barreiras da identidade. “Uma das formas como nós, ‘filhos de McLuhan’ (...), estamos neste momento a passar o tempo, (...) é a fingir que somos outrem, ou mesmo que somos várias pessoas ao mesmo tempo” (Rheingold, 1993, 185).

No ciberespaço pode-se ser homem ou mulher, jovem ou não. Podemos criar múltiplas ou uma única personagem e representar ou sermos quem realmente somos.

A impossibilidade de obter certezas acerca do indivíduo real que está por trás do pseudónimo criado na comunidade que frequentamos, é o que mais atormenta os internautas mais atentos. Pois daí derivam problemas de (in)segurança na Internet.

Os níveis de sociabilidade online têm disparado nos últimos anos com o acesso a determinados softwares sociais, como o Hi5 e o MSN (os mais populares entre os jovens portugueses), e por isso, devemos fazer com que jovens mais influenciáveis, sejam protegidos de conteúdos prejudiciais que deambulam pela Internet.

Crianças e jovens não vêm limites no uso do espaço ilimitado de informação e divertimento na Internet, por isso se tornam alvos fáceis.

2.4.4. Segurança na Internet

Embora na maioria das famílias os computadores sejam partilhados por todos, uma em cada quatro crianças⁵ já possui um computador próprio, o que explica o número alargado de utilizadores virtuais desta faixa.

No ciberespaço esperam-nos conteúdos violentos, exploração de informação pessoal, dá-nos a oportunidade de estabelecer contactos com estranhos e ainda exalta fenómenos como *Happy Slapping*⁶, *Cyber-bullying*, *Cyber Stalking*⁷ e outras formas de difamação e degradação que envolvem os meios digitais. A exposição a todos estes conteúdos e a assédio sexual são os temas que mais preocupam os pais.

Com o aparecimento da Internet, surge a facilidade e rapidez das pessoas desenvolverem relações interpessoais com gente que não conhecem. O ciberespaço cria condições ideais para os maiores desvarios, fazendo surgir problemas relativos à vigilância e privacidade dos habitantes deste espaço online.

Todo o tipo de cibernautas, bem-intencionados ou não, criam grupos para outros se aproximarem. Por isto e não só, este espaço traz preocupação aos pais, que são alertados constantemente para o facto de os filhos vaguearem num mundo que está aberto a qualquer tipo de pessoas.

As novas tecnologias tornaram-se muito importantes na vida dos adolescentes. A geração net, como já muitos a intitulam por passar uma parte considerável do seu tempo conectados à rede, vagueia neste mundo com os mais diversos objectivos: informar-se, jogar, contactar, publicar, trocar textos, fotos, entre outros.

Os jovens têm vindo a, cada vez mais, poderem usufruir da Internet e de tudo que ele tem de bom, mas também de mau.

Nos últimos tempos, são inúmeras as páginas dos jornais que apontam para os malefícios da Internet. Quem ainda não terá lido um título como: “Menores têm sexo virtual a troco de carregamentos de telemóvel” (Diário de Notícias, Julho de 2007); “Viciados em programas como o MSN e o Hi5” (Mulher Moderna, Agosto de 2008); “Miúdos autores de ataques na net” ou “Estudo demonstra facilidade em ser *hacker*” (Metro, Maio de 2009)?

⁵ Estudo realizado a 4045 indivíduos europeus com idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos. Consultado na revista *Proteste*, nº306/Outubro de 2009.

⁶ Diversos jornais ingleses têm chamando a atenção para o crescimento de uma série de ataques violentos em que adolescentes agredem colegas seus apenas para gravarem e distribuírem para outros colegas. (consultado em <http://www.miudossegurosna.net/artigos/2005-05-06-acapital.html>, a Agosto de 2009)

⁷ Cyberstalking é um crime em que o atacante persegue uma vítima através de muitas mensagens electrónicas ameaçadoras. Diferente do cyberbullying pois a violência é subtil, e muitas vezes só perceptível à própria vítima. Utiliza o anonimato proporcionado pela Internet e perseguem as vítimas, que são sempre alvos específicos.

A Internet também tem os seus senãos. Como alerta Lemos (2003:22) devemos estar abertos às potencialidades das tecnologias da cibercultura e atentos às negatividades das mesmas. Apesar de todas estes riscos, aquele que está directamente ligado às comunidades virtuais, que nos dá a possibilidade de contactar com desconhecidos é um dos mais preocupantes. Daí a importância da literacia digital.

CAPÍTULO III

Sociedade e a Educação nos Cenários Actuais

Tecnologia Educativa

Breve Referência Histórica e Iniciativas

A Escola perante os Desafios da Sociedade da Informação

As vantagens de uma revolução educacional

Pensamento crítico

- O Fim do Professor
- Formação de Professores
- Isolamento Social
- Exclusão Social

Limites da tecnologia

Comunidades Virtuais ao Serviço da Educação

Neste capítulo temos intenção de alertar para o quão necessário é a utilização das novas tecnologias ao serviço da escola.

Inicialmente, tentamos fornecer um ponto de situação sobre os principais acontecimentos que envolveram as tecnologias de informação e comunicação desde 1920 e em seguida pormenorizamos um pouco para Portugal e damos a conhecer as principais medidas públicas dos últimos anos em torno das tecnologias de informação e comunicação em Portugal.

Em seguida, expomos algumas ideias que nos levam a intitular um tópico que transmite a ideia de que é necessária uma revolução educacional. Como as novas tecnologias potencializam diversas capacidades que podem ser aproveitadas em favor da educação e a nossa juventude é repleta de modismos e apresentam crescentes capacidades em adaptar-se a novas situações, e aprender muito com elas, a “revolução” parece ser benéfica e inevitável.

Depois, surgimos com alguns argumentos que permitem refutar as opiniões de algumas pessoas que demonstram algum cepticismo em relação ao uso das tecnologias em educação. Claro que qualquer mudança em educação é bastante complexa e por isso exige-nos alguma lucidez, mas será correcta a aplicação do conceito “limite da tecnologia”. Também apresentamos uma breve nota acerca deste assunto.

Na Internet, os crescentes níveis de acessibilidade a comunidades virtuais fomentam a prática de partilha de informação e conhecimento. Como tal, também não podíamos deixar de destacar as comunidades virtuais ao serviço da educação e, em particular as comunidades virtuais sociais. Claro que muito tem de ser moldado para o sucesso emergir. Assim, no que se refere às teorias de aprendizagem, apresentamos uma breve reflexão acerca da sua “actualidade”.

3. Sociedade e a Educação nos Cenários Actuais

As novas tecnologias constituem uma referência de primordial importância para a pedagogia contemporânea. E, no entanto, seria um erro considerá-las como mais uma “solução mágica”. E erro maior, ainda, seria apostar tudo na multiplicação de computadores nas escolas, como se isso, por si só, contribuísse para a tão apregoada “modernização”.

Nóvoa (2007:11)

3.1. Tecnologia Educativa

A Tecnologia, do grego "ofício" e "estudo", é um termo que se refere a ferramentas, técnicas e processos, métodos: ferramentas para ajudar na resolução de problemas; técnicas e processos usados para resolver problemas das ferramentas; um método ou processo de construção e trabalho nas mais diferentes áreas.

A evolução na área da educação tem sido também causada pela evolução da tecnologia/geração de novas tecnologias, ou seja, de novas ferramentas, de novas técnicas, de novos métodos, de novos meios de fazer educação. Ou seja, as mudanças que se dão a nível educacional são, de certa forma, paralelas às mudanças que se dão no campo tecnológico. Como consequência surgem formas originais do uso da tecnologia ao serviço da educação – Tecnologia Educativa⁸.

Um processo que surge para educar o homem como ser capaz de actuar correctamente no ambiente tecnológico, no novo mundo. Uma ciência que surge, essencialmente, para tornar o processo educativo “...mais eficaz e falar em eficácia significa melhorar a aprendizagem.” (Blanco e Silva, 1993:39)

Ao relacionarmos tecnologia e educação, é importante que consideremos alguns aspectos referentes ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)⁹ nos contextos educativos. Sabemos que as inovações tecnológicas não garantem, por si só, as inovações pedagógicas e que apenas a incorporação de melhores recursos tecnológicos não possibilita melhores aprendizagens. Temos de perceber como as utilizar no ensino para que elas se possam tornar tecnologias educativas.

⁸ Muitas vezes vemos referir “tecnologias educativas” e não “tecnologia educativa”, é apenas, devido à multiplicidade de meios e materiais passíveis de serem utilizados individualmente ou de forma articulada no processo educativo (Costa, 2007:19).

⁹ “Em Portugal, parece continuar a preferir-se a expressão Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), embora também apareça a referência a Tecnologias de Informação (TI) apenas. Naturalmente que caiu em desuso a expressão Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), uma vez atenuado o efeito da novidade que as tecnologias assumiram nos anos 80 e princípios da década de 90” (Costa, 2007:24).

3.1.1. Breve Referência Histórica e Iniciativas

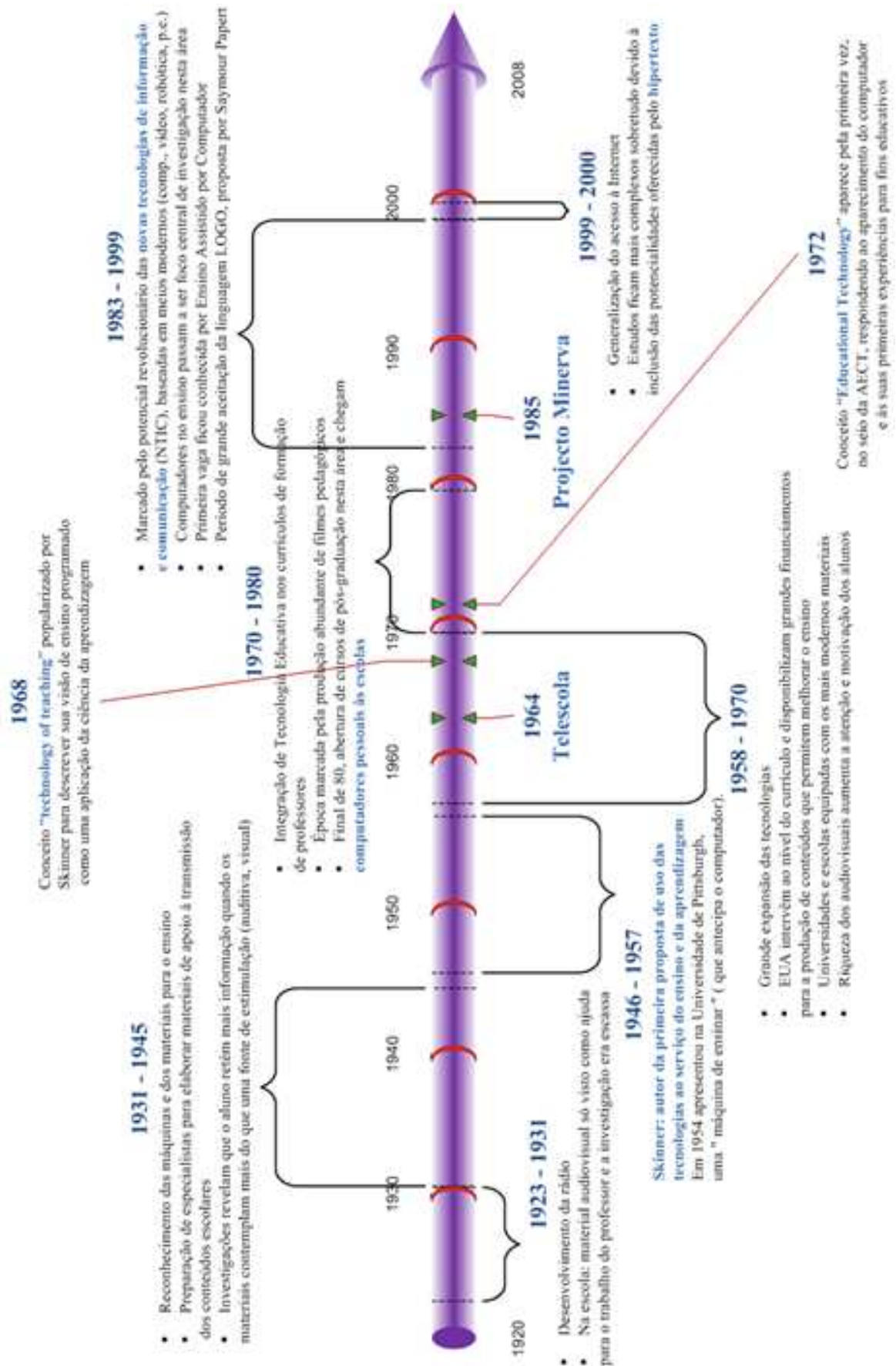
A utilização das tecnologias ao serviço de educação é um tema actual, mas não novo. Inúmeras inovações tecnológicas vêm surgindo no mundo da educação desde a década de 20 e, de certa forma, transformado as nossas escolas, quanto mais não seja pela instabilidade que cria. A escola reage a cada avanço tecnológico, todos que a integram ficam com vontade de saber o que se passa e como fazer para acompanhar as mudanças.

O impulso tecnológico mais marcante deu-se no séc. XX, embora a relação do homem com a tecnologia já se tenha dado há muitos anos na educação e nas mais diversas instituições sociais (Blanco e Silva, 1993:38). No entanto, apesar das evoluções que se foram sentindo no campo da educação, elas parecem terem sido sempre *puxadas* pelas outras áreas e pelo desenvolvimento que nelas se faz sentir, pelo menos no início do século XX. O uso dos meios (computadores, por exemplo) para fins educativos é determinado pelas potencialidades dos mesmos que vão aparecendo mas nunca por necessidades da escola (Albuquerque et al, 2007:28). Também a investigação na área tem sido muito escassa e inconclusiva, nomeadamente em Portugal que começou apenas por volta da época de 80. O que parecia dar ideia que não necessitamos de novas tecnologias para ensinar tão eficazmente como se fazia sem elas. Mas assim como aconteceu em épocas anteriores com tecnologias como a rádio e a televisão, parece ter voltado uma fase de mudança, que nos faz pensar que as novas tecnologias trazem algo de bom para a educação.

Com o intuito de dar a conhecer alguns dos momentos mais marcantes da relação entre tecnologias e educação, desde a década de 20 até aos finais do século XX, elaborámos uma breve síntese que expomos na barra cronológica apresentada na página seguinte. Este resumo foi realizado com base nos trabalho de Costa et tal (2007), Silva e Blanco (1993) e AECT¹⁰ (2001).

¹⁰ AECT (Association for Educational Communications and Technology) é a mais antiga *casa profissional* que tem interesse em melhorar a aprendizagem através da utilização de meios de comunicação e tecnologia. Desde 1923, este grupo tem continuamente mantido uma posição central em seu campo, promovendo padrões elevados, tanto no meio académico e na prática.

Figura 1. Barra cronológica: evolução das Tecnologias Educativas



De entre os diversos momentos da evolução da Tecnologia de Educação em Portugal, há dois do passado que merecem destaque especial: o projecto Telescola e o projecto Minerva.

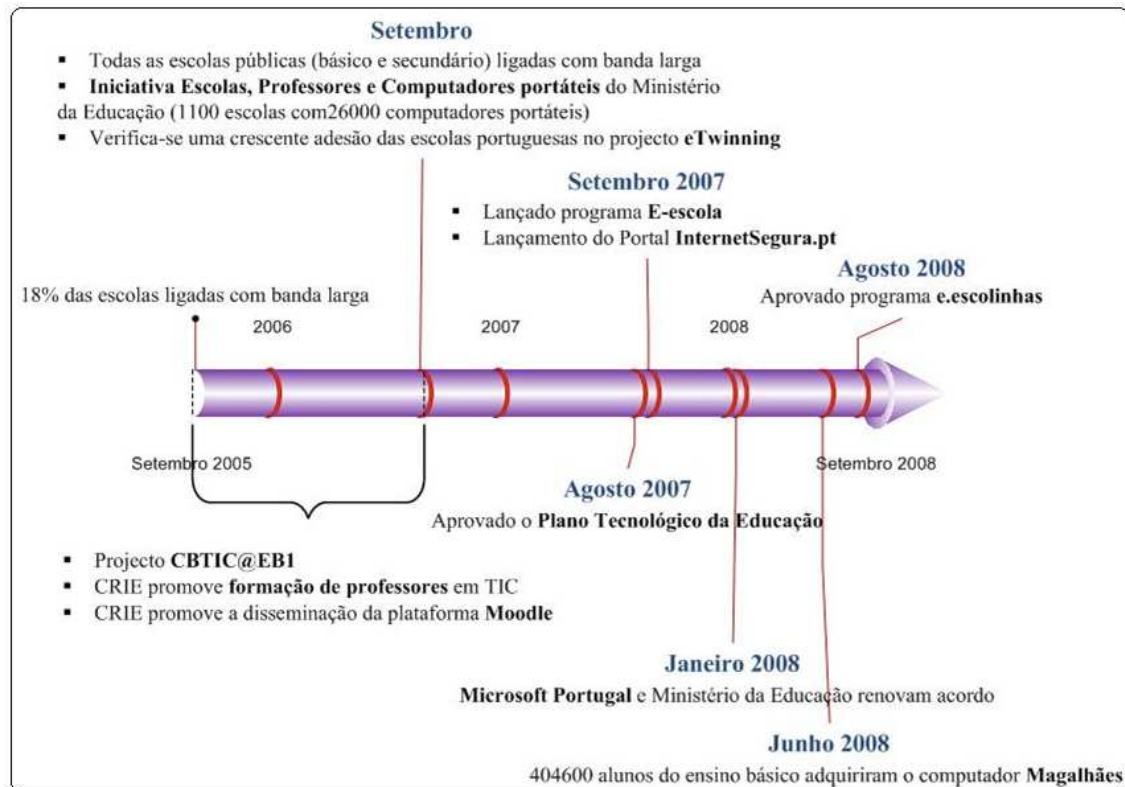
Em 1964, foi criada a Telescola, baseada em emissões regulares da TV Escolar. Surgiu para tentar ultrapassar o aumento de capacidade física dos parques escolar devido ao alargamento da escolaridade obrigatória (4 para 6 anos).

O Projecto MINERVA decorreu entre 1985 e 1994, tendo como objectivo promover a introdução das tecnologias da informação no ensino não superior em Portugal.

É contudo, no final do século XX que a tecnologia ao serviço da educação conhece uma expansão, quer em termos quantitativos quer qualitativos. Antes, a tecnologia era encarada unicamente como suporte à instrução e formatação de conteúdos educativos, actualmente a tecnologia revela outras potencialidades capazes de servir de suporte à criação de um ambiente que reforce a colaboração entre os actores do processo educativo. Esta visão alargada permite-nos encarar a tecnologia como um paradigma exemplar que visa melhorar a educação, só faltam as estratégias para a saber utilizar.

Nos últimos anos, Portugal não tem ficado à margem das inovações tecnológicas, e no que elas representam para a educação. Entre tantos projectos podemos encontrar alguns referenciados na figura seguinte.

Figura 2. Últimos anos das Tecnologias na Educação em Portugal



Já desde 2002 se iniciou a dinamização do projecto *CBTIC@EB1* que visava acompanhar e dinamizar a utilização educativa das Tecnologias de Informação e Comunicação junto dos professores e alunos de escolas do Ensino Básico do 1º Ciclo (EB1).

Equipas multidisciplinares (Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas/Plano Tecnológico da Educação – CRIE/ME) integrantes da estrutura matricial da Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC), vocacionadas para o desenvolvimento de projectos transversais específicos, promovem a formação de professores nesta área e lançam um movimento de potenciação do ensino e aprendizagem online para todas as escolas do ensino básico e secundário, através da apropriação generalizada da plataforma *moodle*. Também o Ministério da Educação, através da Equipa de Missão CRIE - *Computadores, Redes e Internet na Escola*, promove a "Iniciativa Escolas, Professores e Computadores Portáteis". Candidataram-se à Iniciativa um total de 1181 escolas, das quais foram seleccionadas 1096 candidaturas com projecto aprovado, a que corresponde um número total de 26047 computadores portáteis atribuídos, que se destinaram à utilização profissional de forma individualizada

e ao uso em conjunto com os alunos, promovendo actividades práticas com TIC. Cada escola seleccionada recebeu ainda um projectador de vídeo e um ponto de acesso sem fios.

Também no início deste século, fica marcada a adesão de Portugal a projecto europeu, o *eTwinning*, tendo como objectivo principal criar redes de trabalho colaborativo entre as escolas europeias, através do desenvolvimento de projectos comuns, com recurso à Internet e às Tecnologias de Informação e Comunicação.

No início do ano lectivo 2007/2008, o *Plano Tecnológico da Educação* (PTE) pretende iniciar uma viragem no ensino em Portugal, tendo como principais objectivos tornar a escola num espaço de interactividade e de partilha de conhecimento e preparar os alunos para a sociedade do conhecimento.

Nesse mesmo início de ano, o programa *e.escola* promove o acesso à Sociedade da Informação e fomenta a info-inclusão, através da disponibilização de computadores portáteis e ligações à internet de banda larga, em condições muito competitivas (ao nível dos custos). No ano lectivo seguinte, foi a vez dos mais novos conseguirem aceder a equipamentos com ligação à Internet, também em condições vantajosas, através do programa *e.escolinhas*. Este projecto a par da tecnologia disponibiliza também conteúdos educativos digitais seleccionados pelo Ministério da Educação para os alunos e professores do 1.º ciclo. Estas crianças tiveram a oportunidade de adquirir um computador portátil leve, mais resistente ao choque e a líquidos e de dimensão reduzida, especialmente concebido para crianças - o *Magalhães*.

Voltando um pouco mais atrás é também de salientar a preocupação da Agência para a Sociedade do Conhecimento, DGIDC/CRIE, a Fundação para a Computação Científica Nacional e a Microsoft Portugal, que tiveram em submeteram no Âmbito do programa *Europeu Safer Internet Plus*. uma candidatura para promoção e consciencialização pública da utilização segura da Internet – *InternetSegura.pt*. Tinham então como objectivo promover uma utilização esclarecida, crítica e segura da Internet, quer pelas crianças e jovens, quer pelas famílias, trabalhadores e cidadãos no geral.

O caminho parece ser este, as escolas portuguesas cada vez mais perto do que melhor se faz em termos de tecnologia e de inovação. Depois de analisada a última barra cronológica apresentada temos agora alguns indícios de que estamos no caminho da inovação tecnológica. Nunca esquecendo que, no caso das novas tecnologias, é claro que os supostos efeitos na aprendizagem não produzem, por si mesmo, resultados.

3.1.2. A Escola Perante os Desafios da Sociedade da Informação

O mundo está a mudar e também deve mudar a educação: o ensino e a aprendizagem que proporcionamos aos nossos alunos para que se desenvolvam neste mundo onde o domínio é a transformação da informação em conhecimento, onde as redes sociais formam e lhes criam identidade neste novo mundo. Para isso, precisamos de estar motivados e preparados para caminhar com eles para esse futuro que já chegou. Mas não confundamos este pensamento com o de pensar-se que a escola tem de estar na moda. A adesão à novidade só pela novidade destrói qualquer pensamento pedagógico. A escola não precisa estar na moda, no sentido top da tecnologia, o que interessa é que consiga formar indivíduos que se insiram no mundo moderno para que sejam protagonistas, senhores dos seus destinos e de suas vidas.

Os jovens de hoje, alunos, são o futuro e já fazem parte deste novo mundo, eles cresceram nele e estão aptos a desenvolver-se nele. No entanto, o fosso entre gerações, entre docentes e discentes, é ainda muito marcante actualmente. Os discentes estão aptos para desenvolver competências digitais, mas os docentes parecem inaptos para ajudar no desenvolvimento, pela primeira vez, temos uma geração de professores com menos literacia digital que a geração de alunos.

A escola tem o enorme desafio de tentar enquadrar os professores na nova sociedade da informação, até aqueles mais relutantes. Aqueles que mesmo quando motivados, se deparam com dificuldades de utilização das novas tecnologias por não terem tido formação específica adequada que os permitam ultrapassar estes constrangimentos, mas têm mesmo de conseguir. Porque a qualidade do ensino está dependente, de forma necessária, da sociedade da informação e da inclusão dos indivíduos nessa mesma sociedade. À escola do século XXI pede-se a imensa e ainda mal definida mudança. Nunca como agora o mundo mudou tanto e tão depressa, nunca houve tantas fontes de informação e de conhecimento e tantos e tão rápidos meios de transmissão dessa mesma informação e desse mesmo conhecimento.

Embora muitos docentes já utilizem as novas tecnologias, muitos não o fazem da forma correcta, fazem-no utilizando-as para tarefas rotineiras, não acrescentando nada de novo à inovação pedagógica. Logo, a utilização das mesmas fica muito aquém do que seria de esperar. Portanto, os professores devem renovar as suas ideias, têm de estar disponíveis para a inovação tecnológica, e, consequentemente, pedagógica. Só assim

poderão despoletar a curiosidade e a imaginação que levará à preparação de aulas que promovam aprendizagem significativa.

3.1.3. As vantagens de uma revolução educacional

Os jovens aderiram facilmente TIC e são os maiores utilizadores da Internet, sentindo-se extremamente confortáveis a lidar com a Internet e com as novas formas de aquisição de informação e comunicação que ela proporciona. Os discentes, ao procurarem informação nesta grande rede, são obrigados a separar a informação que lhes aparece ao longo de todas as ligações que vão fazendo. Eles têm de ser suficientemente críticos para diferenciar a boa informação da má informação. Dessa forma, o trabalho de pesquisa torna-se produtivo, existindo a possibilidade de aprendizagem significativa. “Aprender a buscar o que se precisa, ao invés de simplesmente esperar que alguém venha a dar o que se deseja, é de fato muito importante (...) uma vez que a cultura e a economia atuais e certamente do futuro estarão voltadas para o conhecimento” (Souza, 2002:11).

As crianças de hoje estão preparadas para este novo tipo de aprendizagem. Na Internet, elas são capazes de trabalhar com diversas coisas ao mesmo tempo: navegam pela Web enquanto mantêm conversas em redes sociais ou assistem a um vídeo. “E, além disso, existe o curioso fato de que seu aprendizado não fica comprometido” (idem:12). Esta auto-capacidade de aprendizagem demonstrada pelos alunos faz pensar que é necessária uma revolução educacional. Começar por alterar o papel do professor: este passar de transmissor a facilitador da aprendizagem. Deve-se então (continuar a) pensar no enorme desafio que terá de existir a nível da formação inicial e contínuo de professores.

É um facto, o mundo da informação irrestrita é vasculhado pelas crianças, tornando-as navegadoras, contestadoras, curiosas e ávidas por conhecimento. Não existe mais a ideia de simplesmente aceitar o que é transmitido como se fosse uma verdade definitiva. Aprender através da Internet é um dos aspectos da mudança em curso no desenvolvimento da educação e formação para a Sociedade da Informação.

3.1.4. Pensamento crítico

Com o surgimento da Internet, com todas as suas capacidades de exploração da informação e versatilidade comunicacional, surgem algumas práticas que vão de

encontro ao coração da escola tal como a concebemos: a sala de aula. Portanto, é inegável que as TIC vieram para ficar e a escola tem de conseguir adaptar-se e renovar-se.

Em relação à sua introdução na educação, uns pensam que será passageira, outros valorizam-na e ainda há aqueles que as valorizam de forma excessiva. Ou seja, existem diversas opiniões, assim como outrora existiam aquando do aparecimento da televisão e de outras tecnologias que foram aparecendo e utilizadas no processo de ensino-aprendizagem.

– O Fim do Professor

Existem aqueles “ (...) que dizem que, com as novas tecnologias de informação e comunicação, vai ser tudo revolucionado, vão acabar as escolas, vão acabar os professores ...” (Fazendeiro, 1998:24). Estes pensamentos não passam de frases ditas irreflectidamente, pois quando falamos de educação é bem diferente de quando falamos de indústria. Ao contrário de uma máquina que substitui um trabalhador por causa do trabalho repetitivo que este desempenha, um computador não pode, não conseguirá nunca substituir o trabalho de um professor, pois um educador não pode ser substituído por uma máquina de repetição mecânica e automática.

No entanto, tal pensamento só poderá ocorrer de alguém que tenha vivenciadas experiências de ensinamento em que o professor se limitava a transmitir informação, a avaliar a memória dos seus alunos e não esteja atento às actuais transformações do nosso ensino. Sabemos que este perfil de professor está ultrapassado e deve-se afastar a esta figura, a de um mero transmissor de conhecimentos, para ser o gestor de aprendizagem.

A intencionalidade pedagógica é um requisito básico para que o sucesso seja atingido aquando do uso das novas tecnologias em sala de aula. Esta nova realidade exige inovação dos objectivos e metodologias pedagógicas, pois diante das novas habilidades, o ensino e a aprendizagem devem ser moldados à nova situação. O professor é o encarregado de fazer uso dos recursos tecnológicos para atingir os seus fins: oferecer aos alunos novas oportunidades de aprendizagem e mais adequadas ao mundo deles para que não ocorra a rejeição à aprendizagem. As tecnologias são apenas ferramentas, são “coisas” que só produzirão efeitos na escola se os professores se apropriarem dela, transformando-a em recursos a favor da aprendizagem.

– **Formação de Professores**

O professor precisa de ter formação e acompanhamento pedagógico, pois “uma das principais razões apontadas para a resistência à integração das TIC na escola prende-se com a inadequada ou limitada preparação dos educadores/professores para a sua utilização” (Amante, 2007:116). Como referem estes autores, é essencial dar a entender aos professores quais são as potencialidades das novas tecnologias na educação; fornecer-lhes ajuda para perceberem como adequar os seus métodos de ensino à utilização das novas tecnologias; eliminar a ansiedade e insegurança inerente ao uso das tecnologias em sala de aula e desenvolver confiança para a utilização das mesmas; possibilitar a troca de ideias e partilha de boas práticas educacionais com o uso das novas tecnologias e proporcionar actividades que permitam aos professores contactar com a tecnologia, pois as actividades desenvolvidas até então limitam-se quase exclusivamente à iniciação da manipulação de alguns softwares informáticos. As necessidades de formação têm sido levantadas por todas as escolas, mas falando por experiência própria, muitas vezes não são atendidas. Quanto a nós, o problema actual é saber *o que e como* devem os professores ser preparados.

– **Isolamento Social**

Ainda sobre os diferentes pontos de vista em relação à introdução das TIC na educação, em particular da Internet, os mais cépticos advogam a ideia de que a penetração em larga escala da Internet está a conduzir ao isolamento social e familiar. Contrariando esta ideia, Amante (2007:105) refere as opiniões (como: Clements & Swaminathan, 1995; Haugland & Wright, 1997; Crook, 1998^a, 1998^b; Fisher, 1997; Wegerif & Mercer, 1997; Clements, 1999 e Drogas, 2007), que as TIC “não só não isolam as crianças, como parecem constituir-se como catalisadoras da interacção e do trabalho colaborativo, criando, portanto, oportunidades acrescidas para o desenvolvimento de competências sociais e cognitivas”.

– **Exclusão Social**

Neste novo sistema social, em que o conhecimento, o acesso e as aptidões para usar as tecnologias de informação será o necessário para a geração de riquezas, se não tomarmos a responsabilidade de formar os nossos alunos para que sejam inseridos na sociedade da informação, estaremos a condená-los à exclusão social.

Neste contexto, a escola tem de assegurar-se para não se tornar uma “sede de novas formas de desigualdades sociais, de agudização das assimetrias sociais” (Fazendeiro, 1998:27).

Não esqueçamos que “... a idade, o sexo ou o nível socioeconómico não devem ser limites ou obstáculos no acesso e no usufruto da Sociedade de Informação, pelo que, desde a sua geração, devem estar previstos mecanismos que contrariem esse perigo real” (Marques, 1998:90).

Como vimos no ponto anterior há um conjunto de programas destinado a facilitar o acesso há tecnologia combatendo esta divisão digital primária (o acesso).

Para além desta divisão primária¹¹, interessa também reforçar os mecanismos que eliminem a divisão secundária¹² através de programas de formação com vista a desenvolver a falta de literacia digital.

Todos os pontos de vistas devem ser considerados de forma respeitosa e perceber os seus fundamentos teóricos. Como referem Perrotti e Vigneron (2003:58), “Não se pode pedir ou esperar a adesão irreflectida ao uso de novas tecnologias nos processos educacionais sem um preparo adequado, simplesmente com a argumentação de seu impacto social.

3.1.5. Limites da Tecnologia

Terá a tecnologia limites ou serão as pessoas que, erradamente, julgam que a máquina por si só consegue dar uma aula, motivar os alunos e colocá-los a trabalhar empenhadamente?

Criou-se o mito nas escolas de que o uso de computadores na sala de aula, tem por si só o poder de gerar a mudança, sentindo agora que os equipamentos são enganadores pois não cumpriram a promessa de “modernizar” e melhorar o ensino. Tem de se lançar o alerta para desmitificar este enunciado, de se entender que os computadores são os meios e não o fim. É necessário deixar a tecnologia entrar na escola mas acima de tudo estudar as suas potencialidades, pois como referem Santos e Alves (2006:254), “Discutir o uso das TICs e localizá-las no contexto das directrizes é

¹¹ “No entanto, também a ‘divisão primária’, a do acesso, e um problema no nosso país e o mesmo se passa na educação, tendo ambas repercussões ao nível educativo e das aprendizagens” (PEREIRA, 2009:85).

¹² “Estas ‘divisões secundárias’ são portanto, a qualidade ou por outras palavras, o grau de literacia digital ou ainda ao nível de determinados grupos” (PEREIRA, 2009:84).

romper com os discursos tecnofóbicos, com as resistências sobre as potencializações e com as formas de ministrar aulas”

O sistema educativo e a escola não são um agregado de “coisas” que formam o edifício escolar, é uma instituição formada por pessoas. Por isso, a mudança passa obrigatoriamente por alterar o modo de como se ensina, se aprende, se avalia e se partilha.

O formato de ensinar de giz na mão, não é o ideal para encarar a mudança. Os processos de ensino-aprendizagem de outrora têm muito pouco que ver com o daqueles que hoje têm como tarefa ministrar o ensino que nunca foram preparados para protagonizar a revolução de que o ensino precisa.

As escolas são instituições com modelos pedagógicos que têm séculos de existência e que agora são completamente inadequados às exigências do novo milénio e os professores devem ter um papel activo na promoção da mudança.

3.2. Comunidades Virtuais ao Serviço da Educação

A transmissão de informação e respectiva aquisição são actividades que ocorrem sistematicamente no processo educativo. As novas tecnologias nas escolas potencializam estas actividades e, por isso, quanto maior for a sua integração, certamente melhores serão os resultados que teremos dos nossos alunos.

Aproveitando a possibilidade da Internet ser uma rede onde ocorre facilmente a comunicação, permite a formação de comunidades virtuais. Nestas comunidades temos a possibilidade de simulação de ambientes inseridos em contextos concretos, a realização de fóruns de discussão, a conversa em chats, entre outros. A distância deixou de ser um obstáculo e o espaço (físico) escola pode ser encarado como um espaço sem muros, pois o virtual veio reinventar uma cultura nómada (Lévy, 2001:20).

Os alunos podem deixar de ser seres isolados para fazerem parte de uma rede humana comunicante. O conceito de Pierre Lévy acerca de Inteligência Colectiva assenta exactamente na premissa que ninguém sabe tudo, mas todos sabem alguma coisa.

As comunidades virtuais trazem-nos a possibilidade de estar juntos não apenas presencialmente. Com efeito, pode-se pensar em ampliar a sala de aula e “trazer o mundo para dentro da sala de aula”¹³.

¹³ Frase de uma aluna em resposta a uma questão relacionada com o “sufoco da escola” aquando de uma entrevista à revista *Notícias Magazine*, 6 de Setembro de 2009.

Para tal, deve haver, por parte da escola, “Uma aceitação clara da importância dos processos de comunicação, [pois] é o elemento essencial para se construir uma nova visão da relação entre tecnologia e educação” (Damásio, 2007: 333). Novas formas de comunicação, nomeadamente na Internet, devem ocupar um lugar de destaque e serem alvo de estudo, de investigação e de experiências nas nossas escolas.

O modelo que se procura para a escola actual é o que acompanhe as mudanças e que terá obrigatoriamente de passar por uma alteração da comunicação dentro da sala de aula. O que procuramos é formar indivíduos activos e responsáveis, capazes de realizar a sua própria aprendizagem e que não tenham a postura de um receptor passivo.

A comunicação permitida através da Internet permite que os professores e alunos partilhem experiências, de modo a todos beneficiarem das boas práticas educativas. Quando os professores fazem um bom trabalho e preparam materiais interessantes porque não divulgar com os demais colegas? Os alunos só beneficiarão com estas atitudes.

Por isso, volta-se a reiterar a ideia de que é necessário que os professores mudem a forma como se situam na escola e na sala de aula. Ajudarem-se mutuamente é essencial, principalmente nas fases iniciais de desenvolvimento profissional.

Quanto aos alunos, nas comunidades virtuais podem-se recriar ambientes que ajudem a valorizar o prazer em construir o seu processo de aprendizagem. Na Internet, e mais em particular nas comunidades, encontramos uma ecologia carregada de estímulos para que a aprendizagem ocorra de múltiplas formas quer o acto seja intencional ou não intencional. Existe uma oportunidade que oferece inúmeras vantagens para fazer da escola um espaço aberto a novos conhecimentos, novos processos de ensino, a novos espaços de participação e colaboração com outras escolas e outros actores educativos.

A literacia escrita, típica da sala de aula, já não é compatível com os contextos actuais da experiência educativa e deve ser alargada para acomodar a variedade informal de presenças cognitivas que as novas tecnologias podem gerar (Damásio, 2007: 337).

A educação formal e a educação informal estão presentes em qualquer processo educativo. Respectivamente, temos um processo de aprendizagem estruturado que culmina com uma avaliação e um processo onde normalmente não termina em avaliação e o processo de aprendizagem não é pré-estruturado.

Alguns temem que as TIC desumanizem a educação formal. No entanto, já Gates (1995:239) retorquia referindo que “quem já viu crianças trabalhar num

computador em conjunto sabe que a tecnologia pode humanizar o ambiente educativo”. Também Pallof e Pratt (2004:37) proferem que o valor da educação está na participação social e no envolvimento activo com a comunidade e a identidade social conduz à aprendizagem. Ora, concordam com Santos e Alves (2006:23) ao afirmar que “A Internet permite a convivência entre os diversos saberes, eliminando mais um antagonismo, isto é, o entrelaçamento entre a aprendizagem formal/informal, já que as possibilidades de desenvolvimento cognitivo são intensificadas, ampliadas pelas novas formas de sociabilidades existentes na rede e pela interacção com os jogos virtuais, pelas comunidades virtuais de aprendizagem, aflorando assim a cartografia lúdica.”

Tendo nós conhecimento da sociabilidade ilimitada que a Internet nos proporciona, dá a ideia que as comunidades virtuais sociais são bastante benéficas para o ensino e para a aprendizagem. Porque são meios que podem levar à ocorrência da participação noutras comunidades virtuais, como as de aprendizagem.

Perguntamos se será possível imaginar a utilização de comunidades virtuais de aprendizagem com diferentes processos comunicativos dos vivenciados nas redes sociais? Antes de mais, é necessário lembrar que todo acto educativo pressupõe um acto comunicativo, pois em qualquer proposta pedagógica se estabelece uma relação de diálogo e troca de informações.

Na Internet não existem barreiras para a difusão de informação e opiniões, em grande parte porque o indivíduo se sente destituído de preconceitos aquando da comunicação online. “As ideias são discutidas, pensadas, e não apenas impostas entre eles. O que essa geração defende não é o que pensam alguns líderes; é realmente o que pensa a maioria” (Souza, 2002:13).

As comunidades virtuais sociais são importantes, pois fazem com que haja interacção com os muitos membros que habitam nesses mundos e que têm diferentes tipos de pensamento.

Conforme profere Dias (2008:5) “a imersão social e cognitiva é o traço distintivo da mudança para a construção colaborativa das redes de aprendizagem e conhecimento nas comunidades virtuais”.

A razão de ser desta dissertação incide em conhecer melhor as redes virtuais sociais dos jovens/alunos e ver até que ponto podem ser aproveitadas e potencializadas para o ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO IV

Metodologia de Investigação

Estudo Etnográfico

Objectivos do estudo

Amostra

Instrumentos de Investigação

Dimensões do estudo

Recolha de dados e Tratamento

Ethnography and its qualitative design variants provide educational and other social researchers with alternatives for describing, interpreting, and explaining the social world and the operation of educational phenomena within this world.

LeCompte (1993:28)

Neste capítulo, inicialmente, abordaremos o porquê da utilização de um estudo de natureza, essencialmente, etnográfica. Escolha que está integralmente aliada às perguntas que tentámos responder e aos objectivos do nosso estudo também aqui

mencionados. Um outro ponto abordado neste capítulo tem a ver com a população do nosso estudo, a qual nos vimos obrigados a restringir bastante devido a factores também aqui explicados.

Em seguida, falámos acerca da utilização de vários instrumentos de investigação do tipo quantitativo e qualitativo. Visto tratar-se de um estudo de carácter etnográfico, concordámos que seria benéfico e enriquecedor utilizar diversificados instrumentos.

Quase no final do capítulo, vamos expor as dimensões e indicadores subjacentes ao nosso estudo e que foram estruturadas com base na revisão de literatura apresentada em capítulos anteriores.

Acabámos o capítulo com uma explicação acerca de como, quando e onde foram recolhidos os diversos dados provenientes de cada um dos instrumentos utilizados e de que forma estes dados foram tratados para futura análise.

4. Metodologia de Investigação

Nos últimos anos, temos ouvido falar muito de tecnologias de informação, onde o avanço da tecnologia e do conhecimento estão cada vez mais rápidos. Há assim necessidade de estarmos alerta a toda esta evolução, não podemos correr o risco de sermos ultrapassados pela velocidade com que a tecnologia se está desenvolver, não podemos ficar pacificamente a assistir à nossa exclusão social.

Segundo muitos estudos realizados até então, nomeadamente os de cariz nacional de Gustavo Cardoso e os de cariz internacional coordenados por Sónia Livingstone, referem que a caracterização do perfil dos utilizadores da internet diz respeito à idade. E esta prática está intimamente ligada à população mais jovem. Onde aferimos que, actualmente, o mundo de muitos dos jovens portugueses se encontra por trás de uma caixinha (monitor do PC) com ligação a todo o mundo (ligação à internet).

Conscientes da importância destes novos ambientes virtuais para os jovens alunos de hoje, tem vindo a existir uma súbita preocupação da grande maioria dos professores em tentar perceber este novo mundo. Um mundo que está para além do ambiente tradicional, a escola, e que absorve tanta atenção dos nossos educandos. Todos os bons professores sabem que precisam de estar atentos a tudo isso e aproveitar, do melhor modo possível, este avanço tecnológico para o desenvolvimento da educação. Enfim, na qualidade de educadores, precisamos adquirir hábitos saudáveis e não devemos temer o avanço tecnológico.

Na tentativa de conseguirmos recolher alguns dados capazes de contribuir para este propósito dos professores, propusemo-nos realizar este estudo. Um estudo que tem como objectivos principais: compreender o impacto que estes novos meios poderão ter na educação e pesquisar sobre os tipos de contactos que os jovens têm hoje em dia com as tecnologias, em particular com as redes virtuais, para tentar perceber quais as repercussões na educação.

4.1. Estudo Etnográfico

A correcta sequencialidade de fases, num qualquer processo científico de construção de conhecimento, é importante e decisiva para que daí decorra o sucesso do seu produto final.

Segundo Almeida e Freire (2000:38), na elaboração de uma investigação primeiramente deve-se definir o problema, pois qualquer investigação é constituída em

busca de uma ou várias perguntas pré-elaboradas. No nosso estudo, ultrapassada esta fase, caminhámos para a revisão de literatura, segunda fase. Esta auxiliou-nos na escolha de metodologia adequada ao nosso estudo.

Segundo Preece, Rogers & Sharp (2002:149), “uma das principais abordagens para colectar informações para o design de tecnologias colaborativas, levando em conta questões sociais, consiste em realizar um estudo etnográfico [...], examinando-se o trabalho actual e outras práticas colaborativas nas quais as pessoas estão engajadas.” E como salientam Bodgan & Biklen, (1994:60), “os etnólogos tentam compreender o modo como as pessoas percebem, explicam e descrevem a ordem no mundo que habitam”.

Entendemos, portanto, que o uso da metodologia etnográfica era a mais adequada, pois o que vamos procurar fazer como investigadores de tecnologia educativa é tentar perceber o engajamento dos jovens alunos nas redes sociais na Web.

Direccionámo-nos para um modelo de investigação do tipo exploratório que premeia um processo indutivo ou de descoberta de pontos de continuidade (Almeida e Freire, 2000:26).

Continuando a dar sequência às etapas que devem ser seguidas num estudo científico, faltava-nos ainda definir quais as variáveis em estudo. Neste tipo de estudo, mais descritivo, a variável tem sobretudo a ver com as dimensões do comportamento avaliadas ou com os traços a avaliar, daí ser mais difícil enunciar uma por uma.

No entanto, no início do estudo, destacámos dois tipos de variáveis independentes mas atributivas: género do sujeito e classe social. Podendo chamar-lhes de preditoras pois tentámos analisar correlações entre elas e outras “variáveis” existentes no estudo (Almeida e Freire, 2000), tais como: ter computador em casa, ter internet, utilização que fazem destes tipos de serviço, frequência nas comunidades virtuais, tipo de actuação nas comunidades virtuais.

4.2. Objectivos do estudo

Nos estudos etnográficos, como em qualquer outro tipo de estudo, uma preparação adequada do processo é fundamental para o sucesso do mesmo.

A sequencialidade de Almeida e Freire (2000) apontam os itens principais para uma investigação. Mas sabemos que estes itens vão muito além do exposto no ponto

anterior. Faltava-nos ainda a selecção da amostra e dos instrumentos para a recolha de dados, entre muitos outros pontos que abordaremos mais adiante.

A investigação levada a cabo com este trabalho tinha como grande objectivo alcançar uma resposta bem determinada para a questão: “Deve a escola entrar no ciberespaço dos alunos?”. A questão é muito objectiva e directa. No entanto, os estudos realizados até então não nos permitiram a formulação de hipóteses prévias igualmente objectivas para este estudo. Assim, ao não formularmos caminhos específicos para o estudo, estávamos conscientes dos riscos inerentes, alertados também pelo saber e experiência de Bodgan & Biklen (idem: 105) ao considerarem que “aqueles que escolhem um plano de investigação qualitativa têm por vezes uma tarefa difícil ao tentar descrever o que vão fazer antes de iniciar a investigação. (...) Frequentemente, isto cria problemas, quando aqueles que querem apreciar uma proposta não estão familiarizados com o carácter evolutivo do plano qualitativo”.

Desde o início, sabíamos que os principais objectivos do estudo consistiam em encontrar respostas a perguntas relacionadas com os movimentos sociais dos jovens nas comunidades virtuais da cibercultura e fazer a ponte com a escola de hoje e o aproveitamento educacional desses movimentos. Podíamos sintetizar os nossos objectivos em duas questões centrais: A escola deve entrar no ciberespaço dos alunos? Ou esses espaços virtuais são para serem usados única e exclusivamente fora da escola?

Os jovens alunos das nossas escolas eram sem dúvida os sujeitos que nos podiam permitir chegar a conclusões. Teríamos de analisar diversas opiniões para tentar alcançar respostas para diversas das questões pré-formuladas, tais como:

- Será somente o aspecto lúdico da Internet o mais importante para os alunos?
- Que tipo de comunidade virtual os jovens preferem e porquê?
- Como os jovens utilizam e se integram nas comunidades virtuais?
- Quais são as principais repercussões das comunidades virtuais na vida social dos jovens?
- Qual o grau de dependência e frequência com que acedem a este tipo de comunidades?
- Comunidades virtuais (sociais) são essencialmente utilizadas para conversar com amigos. Será que o professor pode ampliar essa utilização?
- Como nas comunidades virtuais o carácter social da colaboração e cooperação está bastante presente, pode-se utilizar este argumento para fazer da sala de aula uma comunidade?

- Que estratégias podem favorecer o desenvolvimento de comunidades virtuais (sociais)?
- Pode a sala de aula transformar-se numa comunidade virtual (social)?
- Qual o alcance do ciberespaço e ciberespaço social para a actividade educativa?

Atentos às sugestões de Coutinho (2005:122) que nos refere que “... se pretendemos uma recolha directa de informação factual relacionada com o background dos sujeitos, indicadores da classe social, preferências, etc., a técnica será ‘perguntar’ aos sujeitos seja através de um questionário escrito ou durante uma entrevista; se o objectivo é, por exemplo, medir atitudes, opiniões percepções e valores, então o tipo de instrumento a utilizar será, preferencialmente, o questionário de tipo escala ou inventário que pode ser (ou não) complementado com observações e/ou entrevistas; ...”; desde logo percebemos que a recolha de informação não iria ser uma tarefa fácil para conseguirmos atingir os objectivos deste estudo. Não bastava a aplicação de um simples instrumento estandardizado. Constatámos que este estudo nos exigia duas abordagens metodológicas diferentes; vendo-nos forçados a operacionalizar um estudo misto, combinando dois tipos de estudo distintos: quantitativo e qualitativo.

No final, mesmo sem a existência de uma hipótese prévia, foram existindo algumas questões ao longo do desenvolvimento do estudo à medida que os dados recolhidos se foram agrupando. Como já referiam Bodgan & Biklen (1994: 83), ao considerarem que “na investigação qualitativa em educação, o investigador comporta-se mais de acordo com o viajante que não planeia do que com aquele que o faz meticulosamente. (...) O planeamento é efectuado ao longo de toda a investigação”.

4.3. Amostra

A amostra de estudo foi seleccionada de forma orientada utilizando o critério de conveniência para a sua selecção. Nesta primeira fase em que se fazia um estudo de cariz essencialmente exploratório, tínhamos especial interesse que a amostra fosse constituída por jovens estudantes entre os 16 e 19 anos, e utilizadores habituais das novas tecnologias. Assim, tendo o conhecimento de indivíduos que satisfaziam o perfil pretendido, seguimos as sugestões concretas de Patton, relativamente à amostragem deliberada, enunciadas por Flick (2005:71) e fizemos a selecção da amostra.

Seleccionamos convenientemente 42 alunos provenientes de três turmas de níveis diferentes pertencentes a uma população de 268 estudantes que compõem o

ensino secundário de uma Escola Profissional na Cidade do Porto. A escola surgiu em 1990 e o seu projecto educativo visa a formação integrada da pessoa, do cidadão e do profissional. A escola dispõe de um departamento de inserção na vida activa, que facilita a integração dos diplomados no mercado de trabalho e o apoio no prosseguimento de estudos.

Seleccionamos esta escola porque a conhecemos há cinco anos, bem como os alunos, e ter conhecimento do contexto ambiental (físico, humano, educacional, social e cultural), é um factor importante num tipo de estudo qualitativo de cariz etnográfico, já o referiam Bodgan e Bilken (1994:48), “Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto”.

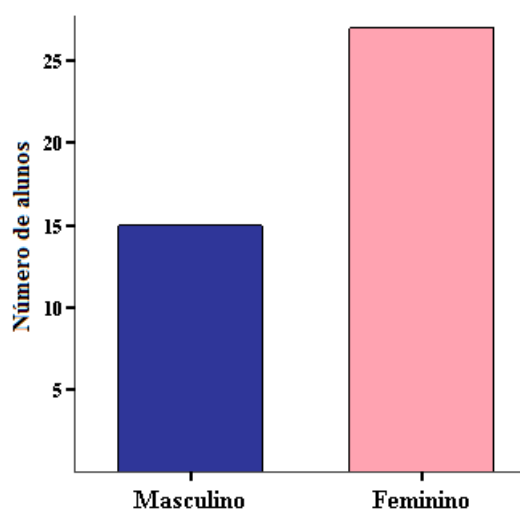
Os alunos são oriundos de meios familiares pertencentes, na sua grande maioria, a grupos de posição sócio-educacional média/baixa¹⁴. Como podemos verificar nos dados tabelados, referentes às respostas de 40 dos 42 alunos que responderam ao questionário, apenas 5% dos alunos têm pelo menos um progenitor com formação de nível superior (licenciatura).

Tabela 1. Habilitações Académicas dos Pais

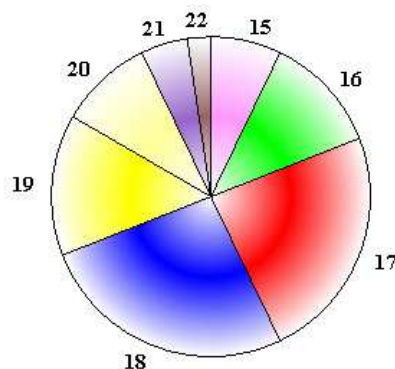
		Mãe				
		1ºciclo	2ºciclo	3ºciclo	Secundário	Licenciatura
Pai	1º ciclo	4	1	0	0	0
	2ºciclo	2	2	2	1	0
	3ºciclo	3	1	4	2	0
	Secundário	2	3	4	7	0
	Licenciatura	0	0	0	1	1

No que respeita ao género dos alunos, esta amostra é constituída maioritariamente por elementos do género feminino – 27 raparigas e 15 rapazes, isto é, aproximadamente 64% desta amostra são raparigas. A escola era composta de 268 alunos sendo que 97 eram do género masculino, o que representava aproximadamente 36%. Ou seja, apesar da nossa amostra não ter sido seleccionada aleatoriamente, a percentagem de sujeitos de género masculino coincidiu com a da população.

¹⁴ A posição sócio-educacional (PSE) tem em consideração o grau de escolaridade dos progenitores dos jovens inquiridos. Assim, pertencem à PSE alta os jovens que tinham, pelo menos, em progenitor que tivesse concluído um curso superior ou bacharelato; de PSE média os jovens que tinham, pelo menos, um progenitor que tivesse concluído o nível secundário e consideramos de um grupo social de classe baixa os restantes (Silva, 1998:221).

Gráfico 1. Género dos alunos

Os alunos têm idades compreendidas entre os 15 e os 22 anos, havendo uma maior concentração entre os 16 e 20 anos como podemos verificar no seguinte gráfico.

Gráfico 2. Idades dos alunos

Convidamos 42 alunos para a participação no estudo. No entanto, e porque o estudo não ficava por aqui, por esta fase, através do primeiro instrumento de recolha de dados, o questionário, pedimos que indicassem se estariam disponíveis *para uma breve entrevista de forma a complementar algumas questões relativas a este tema*, e assim darmos continuidade ao nosso estudo. Seguindo assim o *Ciclo de Muestreo* de Fox (1981:368 e 369) na escolha da amostra para as etapas seguintes.

Ou seja, inicialmente convidamos 42 alunos – *la muestra invitada*, depois marcamos os 22 alunos (52,4% da amostra inicial) que aceitaram participar na continuação do estudo – *la muestra aceptante*. Finalmente fizemos uma selecção

deliberada¹⁵, considerando agora uma amostra de 4 dos 42 alunos que iniciaram o estudo – *la muestra productora de datos*, dois rapazes (de 18 e 20 anos) e duas raparigas (de 17 e 19 anos). Mais à frente explicaremos os critérios que nos levaram à escolha destes quatro alunos.

4.4. Instrumentos de Investigação

Segundo Michael Genzuk “etnografia é um método de olhar de muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação, que envolve três formas de recolher dados: entrevistas, observação e documentos, os quais, por sua vez, produzem três tipos de dados: citações, descrições e excertos de documentos...”

Fino (2006:5)

Como descrevemos atrás, numa primeira etapa do estudo, seleccionamos jovens alunos que conhecessem o ambiente virtual e com o qual estivessem minimamente familiarizados através da aplicação de um questionário junto de um grupo mais alargado de jovens. O questionário foi constituído maioritariamente por questões de resposta fechada o que nos conduziu a um estudo de carácter quantitativo.

Seguindo as orientações de Bodgan e Biklen (1994:89) no que designam de *afunilar* o estudo, depois, como já referido, efectuamos uma selecção deliberada de apenas quatro jovens para melhor perceber, em profundidade, o seu empenho nas redes virtuais.

Nas etapas seguintes, estas de carácter mais qualitativo, fizemos: entrevistas, acompanhamento virtual à vida on-line destes quatro elementos e estes preencheram um pequeno “diário”. Não seguimos hipóteses rígidas, mas ficamos atentos ao aparecimento de pistas que nos conduzissem a novas formulações, novas perspectivas de análise, novas hipóteses; ou seja, tentamos “transgredir os saberes admitidos (...) ‘trans-gredir’ os conhecimentos actuais e procurar novas ideias, colocar novas hipóteses para poder tentar novas soluções” (Maren, 1996 *in* Oliveira, 2006:71).

Para melhor operacionalizar as diferentes etapas deste estudo, dividimo-lo em três fases específicas, porém inter-relacionadas.

¹⁵ “Como ser nombre indica, la selección deliberada o accidental es un proceso por el que el investigador selecciona de una forma directa y deliberada los elementos concretos de la población que componen su muestra invitada” (Fox, 1981:389).

Questionário

Numa primeira fase optamos por seguir uma perspectiva quantitativa, seguindo assim o escrito por Coutinho (idem:85) que enuncia que na investigação quantitativa “... o enfoque dominante foi sem dúvida o da eficiência/eficácia (...) razão porque esta perspectiva ficou também conhecida como o paradigma processo-produto ...”.

Assim, como inicialmente procurávamos somente resultados rápidos e exactos, capazes de recolher mais dados acerca das preferências e vivências dos alunos na Internet e no mundo virtual. Ou seja, o tipo de utilização que fazem da Web, o tempo de permanência dos alunos on-line, horário preferido, se frequentam comunidades virtuais, quais e porquê, e se a escola poderá ou não “invadir” este espaço (dimensões estas que nos permitiram uma melhor organização dos dados), utilizamos um questionário seguindo as indicações e experiência de Wellman (2000:199) que refere que “Survey data is useful in tapping information on individual behavior, preferences, and opinions.”

O dados recolhidos no questionário, do tipo exploratório pois “Aqui o objectivo principal é fornecer pistas para estudos futuros e por isso se chamam também de estudos exploratórios.” (Babbie, 1997 *in* Coutinho, idem:201). Segundo Fox (1981), muitas vezes é lógico fazer-se uma selecção deliberada pois numa população imensa podem existir certos sujeitos que são particularmente importantes para o estudo que se está a realizar devido às suas experiências (por exemplo) e a única forma de assegurar estes sujeitos no nosso estudo é seleccioná-los deliberadamente. Assim, seguindo as orientações fornecidas por este autor servimo-nos das respostas dadas nos questionários para fazermos uma selecção de alunos que melhor se adaptavam para dar seguimento ao nosso estudo.

Utilizar um questionário já existente não nos pareceu o mais adequado pois “Usar um já existente mas cujos itens não esgotam a variável em análise, não vale de todo a pena, devendo o investigador avançar para o desenvolvimento de um instrumento novo” (Coutinho, idem:119). Portanto, o questionário foi construído de raiz, mas seguindo orientações de muitos estudos teóricos e empíricos sobre os Jovens e a Internet, nomeadamente os efectuados por Livingstone & Bovill (2001), Jacquinot (2002) e (Cardoso et. al., 2005).

Obviamente que queríamos que os dados recolhidos nos questionários nos garantissem qualidade de informação. Para isso, seguimos algumas das opiniões de Black transcritas por Coutinho (idem:131):

- “Valide o instrumento: ouça sempre a opinião de especialistas (...) porque o autor está demasiado próximo para evitar o óbvio;
- Um estudo piloto do instrumento numa amostra da população a que se destina é tarefa essencial se usa um instrumento novo; ...”

Assim, os questionários foram sujeitos a uma validação de conteúdo e junto de especialistas em Tecnologia Educativa, seguindo as recomendações de Almeida e Freire (2000) que aconselham “que se costuma fazer é submeter o teste à opinião especialistas ou profissionais com prática no domínio”. Para além desta validação, também fizemos uma pré-testagem passando o questionário a 10 alunos com o intuito de percebermos se as perguntas estavam a ser bem interpretadas e para ver como reagiam à aplicação deste questionário (Coutinho, *idem*:132).

O questionário realizado antecedeu a realização das entrevistas pois seguindo a opinião de alguns autores: “Apesar de termos sobre o assunto as nossas ideias, seria bem mais sensato não iniciar o estudo principal só com base nas nossas percepções ... (Coutinho, *idem*:201). Assim, conseguimos referenciar e classificar problemas, comportamentos, sistemas de valores, etc., dos alunos a observar e também levantar as primeiras questões do estudo e das hipóteses.

Entrevistas e “Diário”

Na segunda fase, esta de cariz mais incisiva, ou seja, mais próximo da realidade existente, utilizamos técnicas mais qualitativas, neste caso, entrevistas e diário.

Como já relatado na fase anterior, fizemos um questionário porque sentimos necessidade de recolher dados acerca dos alunos, evitando assim que fossem feitas entrevistas desnecessárias e também para elaborar perguntas mais de acordo com os dados extraídos do questionário, ou seja, citando Bodgan e Biklen (*idem*:89) “Num estudo qualitativo, o tipo adequado de perguntas nunca é muito específico. O início do estudo é representado pela extremidade mais larga do funil ...”.

Nas respostas aos questionários, examinámos alguns aspectos fundamentais em cada um deles. Neste estudo não nos interessavam alunos que não utilizassem com bastante ou regular frequência a Web e foi por aí que começámos a nossa selecção. De seguida, seleccionamos aqueles que tinham Web em casa, pois facilitava-nos o estudo caso precisássemos entrar em contacto com eles. “Afunilando” um pouco mais, escolhemos aqueles que tinham conta em alguma comunidade virtual. E, finalmente, obtemos os quatro alunos seleccionados para dar continuidade ao estudo, apurámos

quais os que teriam maior actividade no ciberespaço através de perguntas destinadas a apurar os principais softwares que utilizam para comunicar virtualmente, os locais de onde o fazem e que tipo de impacto estas comunidades têm nas suas vidas *offline*.

A entrevista teve como objectivo principal aprofundar respostas dadas no questionário, perceber melhor o comportamento dos alunos perante as TIC, a sua opinião sobre a informação recebida/oferecida na Web, os mecanismos de conversação utilizados na Web e o valor potencial que atribuem a um produto tic (desde um processamento de texto ou até de software social)¹⁶. Foram portanto entrevistas semi-estruturadas somente ancoradas às respostas e perguntas do questionário.

No final das entrevistas, abordamos a possibilidade da escola entrar no mudo virtual destes alunos, tentando perceber se avistávamos alguma oportunidade disso acontecer, explorando o assunto pelo lado social (onde se sentem mais activos e mais livres) para depois chegarmos ao contexto sala de aula. Nunca esquecemos que o principal objectivo do estudo era perceber se fará sentido a escola “invadir”/conquistar o ciberespaço dos alunos, onde eles passam a maioria do seu tempo e onde fazem descrições detalhadas da sua identidade.

Contudo, achámos que devíamos complementar informação já fornecida no questionário mas que só era possível fazendo uma observação directa. No entanto, “Algumas vezes, a observação directa não é possível porque é invasiva ou porque os avaliadores não podem estar presentes durante todo o estudo; dessa forma, as actividades dos usuários são rastreadas indirectamente” (Preece, Rogers & Sharp, 2002:396).

Assim, em simultâneo, elaborámos um pequeno “diário” que acompanhou os entrevistados durante uma semana e onde eles faziam marcações diárias quando estivessem presentes na Web, indicando o local donde o faziam, o tempo que lá estavam e o tipo de uso que faziam nesse mesmo dia, ou seja, assinalaram algumas práticas diárias da vida online. Este pequeno “diário” permitiu-nos certificar algumas das respostas fornecidas por eles e ajudou-nos a organizar a fase seguinte do nosso estudo, o acompanhamento virtual.

¹⁶ Como referem Preece, Rogers e Sharp (2002:158) “entender os aspectos sociais é bastante importante para tentar compreender que valor, produtos e serviços novos podem trazer às actividades diárias das pessoas e também como se encaixariam nas actividades existentes.”

Acompanhamento Virtual

Na terceira e última fase, durante duas semanas, fizemos um acompanhamento virtual às páginas de Hi5 dos nossos entrevistados, permitido por eles. Caracterizado por Wellman (idem:199) num seu estudo etnográfico de “work from home”.

Inicialmente, quando programamos este estudo, tínhamos como principal objectivo para esta etapa verificar se havia coerência entre a teoria e a prática, ou seja, se havia incongruências em algumas das respostas dadas nas entrevistas.

No entanto, depois de realizadas as entrevistas e termos começado o acompanhamento, outros objectivos se levantaram pelo facto de os jovens não terem sido muito coerentes de umas perguntas para outras nas entrevistas e também porque algumas respostas aguçaram a curiosidade.

Verificando mensagens, perfil, imagens, vídeos e actualizações feitas na página pessoal do Hi5, conseguimos recolher alguns dados relativamente à forma de estar e ser nestas comunidades.

4.5. Dimensões do estudo

A partir da revisão de literatura realizada procuramos construir dimensões de análise do estudo com o objectivo de estruturar um conjunto de conceitos articulados entre si, de forma a constituir um quadro de análise coerente com os objectivos deste estudo.

Na selecção das perguntas para o questionário procurámos considerar os seguintes aspectos: adequação de cada parte do questionário e a cada resposta/pergunta que surgia nas entrevistas às dimensões estruturadas.

As dimensões representam um conjunto de conceitos aplicáveis aos objectivos deste estudo que foram desdobrados em indicadores de análise possíveis de serem observados através dos instrumentos de recolha de dados utilizados. Portanto, como vamos mostrar em seguida, cada indicador escolhido está em função das diferentes dimensões que existiam nos diferentes instrumentos utilizados para a recolha de dados.

4.5.1. Dimensão 1: Uso do computador e da Internet

Tabela 2. Uso do computador e da Internet

Indicadores	Instrumentos	Questões do questionário
Acesso a PC em casa Acesso a Internet em casa Tipo de uso do PC Tipo de ligação à Web	Questionário Entrevista “Diário”	1. Tens computador em casa? 2. Que tipo de uso fazes do computador? 3. Tens acesso à Web em casa? Que tipo de ligação utilizas?
Frequência da ligação à Internet Locais eleitos para o acesso à Internet	Questionário Entrevista “Diário” Acompanhamento Virtual	4. Utilizas frequentemente a Web? Em que locais? 5. Se utilizas a Web, com que periodicidade?
Objectivos na ligação à Internet Elementos integradores de comunidades virtuais	Questionário Entrevista “Diário”	6. Que tipo de uso fazes da Web? 7. Tens conta ou já tiveste em alguma comunidade virtual?

Nesta primeira dimensão, mais genérica, pretendemos essencialmente perceber o grau de entrosamento destes jovens em relação à Internet. Fizemo-lo através do questionário, com perguntas direccionadas neste mesmo objectivo: saber se havia meios que os permitissem utilizar o computador e/ou a Web a partir de casa, o tempo disponibilizado para isso e com que objectivos. Em seguida, com os quatro elementos seleccionados para as entrevistas, voltamos a fazer estas mesmas questões tentando descobrir os “porquês”.

Nesta dimensão também utilizamos o “diário” onde eles puderam responder os seus hábitos no dia-a-dia em relação ao uso destas mesmas ferramentas.

4.5.2. Dimensão 2. Comunidades Virtuais

Sendo esta segunda uma das dimensões que apresentava maior importância para o nosso estudo, decidimos aprofundar bastante alguns aspectos referentes à mesma. O que fez com que ficasse um pouco extensa. Assim sendo, decidimos subdividi-la em três dimensões que passamos a expor.

*Páginas pessoais***Tabela 3. Páginas pessoais**

Indicadores	Instrumentos	Questões do questionário
Comunidades Virtuais que frequentam	Questionário Entrevista “Diário” Acompanhamento Virtual	8. Qual(ais) é(são) a(s) comunidade(s) virtual(ais) a que pertences ou pertenceste?
Motivos da inscrição nas Comunidades Virtuais		9. Indica dois ou mais motivos que levaram à tua inscrição. 10. Como soubeste da existência destas comunidades?
Altura da inscrição nas Comunidades Virtuais		11. Há quanto tempo estás inserido neste tipo de comunidades?
Tempo diário que passam nas Comunidades Virtuais		12. Acedes diariamente às comunidades em que estás inscrito? Se respondeste sim, quantas horas por dia?
Viciados ou não viciados em Comunidades Virtuais		13. Consideras-te viciado em comunidades virtuais?

Nesta primeira dimensão das Comunidades Virtuais decidimos, à semelhança do que já tínhamos feito na dimensão um com o uso da Internet e da Web, tentar perceber o grau de entrosamento destes jovens nas Comunidades Virtuais. Para isso utilizamos os quatro instrumentos de recolha de dados.

No acompanhamento virtual, nesta dimensão, tentamos essencialmente perceber a frequência das idas às comunidades virtuais e também entender o que os fazia ser elemento de uma comunidade virtual. As observações feitas às páginas pessoais destes jovens foi essencial depois das entrevistas, pois podemos confrontar alguns dados fornecidos nas entrevistas.

*Perfil vs Segurança na Internet***Tabela 4. Perfil vs Segurança na Internet**

Indicadores	Instrumentos	Questões do questionário
Layout das páginas	Questionário Entrevista Acompanhamento Virtual	15. Costumas personalizar a tua página com fotos tuas ou outro tipo de imagens? 15.1. Se sim, que tipo de fotos ou imagens adicionas?
Riscos das Comunidades Virtuais		14. Disponibilizas os teus dados pessoais nas comunidades virtuais a que pertences? 16. Quantas identidades adoptas na(s) comunidade(s)?

No seguimento da dimensão anterior, nesta tentamos apurar ainda mais o comportamento dos jovens nas comunidades virtuais. No questionário colocamos algumas perguntas acerca dos dados fornecidos por eles nestas comunidades e nas entrevistas abordamos o tema segurança na internet e ficamos expectantes para perceber se costumam fazer algum tipo de ligação entre segurança e dados fornecidos (fotos, mensagens, comentários, etc.).

Com o acompanhamento virtual tivemos a oportunidade de, mais uma vez, confrontar esses dados. Estivemos atentos ao conteúdo escrito fornecido em cada uma das páginas, mas também às fotografias por eles disponibilizadas pois “A fotografia está intimamente ligada à investigação qualitativa e, (...) dão-nos fortes dados descritivos ...” (Bodgan e Bicklen, 1994:183).

*Extensão relacional***Tabela 5. Extensão relacional**

Indicadores	Instrumentos	Questões do questionário
Ligações pessoais estabelecidas	Questionário Entrevista Acompanhamento Virtual	16. Costumas adicionar desconhecidos ou menos conhecidos à tua rede de amigos? 17. Costumas deixar que te adicionem noutras redes de amigos que não a dos teus amigos?
Características comunicativas online e offline	Entrevista Acompanhamento Virtual	
Impacto das Comunidades Virtuais na vida pessoal	Questionário Entrevista	18. Como avalias o impacto que estas comunidades virtuais têm na tua vida social? 19. Conheceste alguns amigos/namorados(as) neste tipo de comunidades? 20. Pensas que a tua integração nestas comunidades têm alguma consequência negativa na tua vida? 21. Já tiveste algum problema com família, namorado, amigos ou colegas por pertenceres a comunidade(s) virtual(ais)? Se sim, porquê? 22. Desde que começaste a pertencer a este género de comunidades, pensas que te terá “roubado” algum tempo para o estudo ou trabalho? 25. Pensas cancelar a tua inscrição em alguma comunidade virtual? Se sim, porque pensas fazê-lo? 26. Qual a tua opinião acerca das comunidades virtuais?

Esta dimensão surge com a necessidade de tentar entender a importância do carácter social das comunidades virtuais e até que ponto os jovens utilizam a interacção/participação possível nestas comunidades. E ainda quisemos saber como avaliavam o impacto que as comunidades virtuais podem causar nas suas vidas.

Para alcançar estes objectivos utilizamos três instrumentos para a recolha de dados: o questionário, que continha perguntas directas acerca das ligações estabelecidas com jovens conhecidos ou desconhecidos e através de questões que relacionavam o estudo, a família e os amigos com a vida online; as entrevistas, com as quais voltamos a

ter a oportunidade de retomar todos estes assuntos aprofundando-os quanto necessário para o estudo; o acompanhamento virtual onde tivemos a possibilidade de averiguar todas estas questões mencionadas através da análise das páginas pessoais de cada jovem. Fizemo-lo seguindo sugestões de Bodgan e Bicklen (1994:176) que referem que, relativamente ao material do tipo *texto escrito* pelos sujeitos, “Alguns dos materiais fornecem apenas detalhes factuais tais como datas [...] Outros servem como fontes de férteis descrições de como as pessoas que produziram os materiais pensam acerca do mundo.”

4.5.3. Dimensão 3: Educação e a Internet

Tabela 6. Educação e a Internet

Indicadores	Instrumentos
Internet como utensílio de estudo	Entrevista
Comunicação online entre discentes e docentes	
Plataforma virtual “Moodle”	
Tipo de uso que fazem dos computadores da escola	
Desnível entre literacia informática do discente e do docente	

Esta dimensão também de muitíssima importância para o nosso estudo surgiu fortemente focada nas entrevistas.

Depois de bem exploradas as questões feitas nos questionários e entrevistas anteriores, tentamos com que a nossa última entrevista tivesse como foco principal a Educação correlacionada com a Internet. Assim, fizemos ligação com algumas questões elaboradas anteriormente que serviram somente de guia para esta entrevista. Os jovens falaram acerca da Internet na escola, nas aulas e do usos da Internet para fins escolares.

4.5.4. Dimensão 4. Comunidades Virtuais e Escola

Tabela 7. Comunidades Virtuais e Escola

Questões do questionário	Instrumentos
23. Pensas que seria possível a tua escola (colegas e professores) integrar estas comunidades?	Questionário Entrevista
24.1. Se a tua escola (colegas e/ou professores) integrasse uma comunidade virtual, o teu relacionamento com eles melhoraria em algum aspecto?	

Finalmente, na última dimensão, mas a mais importante deste estudo, focámos essencialmente a opinião dos jovens estudantes acerca de uma possível integração da escola nas Comunidades Virtuais que eles frequentam.

Assim, como em pontos anteriores, os questionários foram utilizados para fazermos questões relacionadas com as respostas dadas, estas serviram de mote para aprofundarmos e completarmos as respostas fornecidas.

4.6. Recolha de dados e Tratamento

O questionário foi aplicado, em Março de 2008, a 42 alunos, o correspondente a três turmas do ensino profissional, quando os alunos se apresentavam em grupo (turma) e, por isso, foi a sua aplicação efectuada em diferentes horas mas numa única manhã às três turmas.

A razão pela qual preferimos não aplicar ao mesmo tempo tem a ver com o facto de sentirmos necessidade de estar presentes durante a aplicação. Aquando da pré-testagem verificamos que o preenchimento do mesmo era realizado de forma mais rápida e com menores dificuldades se nós fossemos fornecendo explicações e orientando sobre a intenção de cada questão ao invés deles preencherem de forma livre sem propiciar qualquer interacção connosco.

Para o tratamento dos dados do questionário recorremos aos softwares de análise estatística mais convencionais neste tipo de estudos: SPSS e Microsoft Excel.

Relativamente ao pequeno “diário”, pode considerar-se que foi mais uma técnica que utilizámos do que propriamente um instrumento de recolha de dados. Consistiu em pedir aos alunos que ainda iam ser entrevistados que preenchessem um “diário” sobre as suas actividades online durante uma semana e nós entrevistámo-los somente na semana seguinte. As entrevistas foram baseadas nos questionários mas também nas respostas que tinham nestes “diários”. Assim, este “diário” constituído somente com sete questões que foram respondidas diariamente durante uma semana acabou por se tornar uma boa maneira de descobrir mais detalhes sobre o que estes jovens faziam quando acediam à Internet.

Na realização da entrevista, foram essenciais as orientações de Preece, Rogers e Sharp (2002:393) ao referirem que, em relação ao desenvolvimento de um estudo etnográfico, o importante é “estabelecer uma boa relação com gerentes e usuários.

Observar e entrevistar os usuários em seus locais de trabalho”, sugerindo ainda que “utilizar o áudio pode constituir uma boa maneira de se tomarem notas, além de ser menos invasivo do que o vídeo”.

Deste modo, inicialmente, começamos simplesmente por colocar os quatro alunos à vontade, falando-lhes do nosso trabalho, convencendo-os da importância do estudo e da necessidade do apoio deles. Esta primeira abordagem foi realizada antes do preenchimento dos “diários”, que foram preenchidos na última semana de Maio de 2008. Os momentos seguintes, das entrevistas propriamente ditas, foram realizadas no decorrer das duas primeiras semanas de Junho de 2008.

Fizemos mais quatro encontros, com dois alunos conjuntamente, para que não se sentissem inibidos; utilizámos somente sistema de gravação de voz (autorizada), uma vez que apenas as falas interessavam (um ou outro olhar, uma ou outra atitude que merecesse destaque, íamos anotando); o local escolhido foi a escola, para que não houvesse constrangimentos de estar em local desconhecido. Seguindo os conselhos de Preece, Rogers e Sharp (idem:389), após cada entrevista realizamos um pequeno relatório com os pontos mais importantes ocorridos, pois como indicam estes autores, num estudo etnográfico cada um de nós deve estar preparado “... para rever suas anotações e outros registos assim que for possível, após cada sessão...”.

Para o tratamento dos dados da entrevista, como eram apenas de quatro alunos, entendemos não haver necessidade de uso de software específico. Assim, efectuámos a categorização dos dados, tentando reconhecer aspectos semelhantes nas respostas dos entrevistados, procurando “por eventos-chaves dentro de um grupo que falem sobre o que guia à atividade do mesmo ... por padrões de comportamento em várias situações e entre diferentes participantes” (Preece, Rogers e Sharp, idem:400).

Finalmente, o acompanhamento virtual foi realizado em Outubro de 2008. O acompanhamento foi também autorizado por cada aluno, permitindo-nos visualizar as páginas de Hi5 e fornecendo-nos o endereço de e-mail utilizado no MSN para podermos contactá-los caso surgissem dúvidas acerca do que estávamos observando nas suas vidas online. A diferença temporal entre a realização das entrevistas e este acompanhamento foi propositada pois, se o fizéssemos logo a seguir às entrevistas, corríamos o risco dos comportamentos virtuais destes jovens estarem a ser alterados pelo simples facto de pensarem que estavam a ser observados.

Como referem Preece, Rogers e Sharp (idem:400), um dos principais detalhes num estudo etnográfico é a necessidade que existe em comparar “fontes de dados entre

si, a fim de obter esclarecimentos consistentes”, efectuando uma triangulação. Tomando em consideração as opiniões dos mesmos autores que fizeram uma “cheklist de coisas a serem planejadas antes de se ir a campo” (idem:389), planeei bem o percurso que iria fazer quando estivesse em campo a fazer as minhas observações. Para isso segui os passos de investigadores da mesma área, como por exemplo os estudos de Pita e Pedro (2008:273) e o de Mattar (2008:88).

A forma de recolha e análise de dados nesta etapa foi muito semelhante à da adoptada nas entrevistas: procura de palavras e acções chave que padronizassem certos e determinados comportamentos. Mas, nesta etapa, estes dois procedimentos deram-se quase em simultâneo, o que não é de estranhar pois já Preece, Rogers e Sharp (idem:391) referem que “a coleta e análise de dados geralmente acontecem em simultâneo na etnografia, ...” e sendo nós etnógrafos participantes, uma vez que somos frequentadores das comunidades MSN e Hi5, esta tarefa seria menos complexa.

CAPÍTULO V

Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

Apresentação e Análise dos resultados

Dimensão 1. Uso do computador e da Internet

Dimensão 2. Comunidades Virtuais

Dimensão 3. Internet e a Escola

Dimensão 4. Comunidades Virtuais e Escola

Discussão dos Resultados

Neste capítulo apresentamos e analisamos os dados do estudo intercalando os resultados obtidos através dos quatro instrumentos utilizados: questionário, diário, entrevista e acompanhamento virtual.

Num primeiro ponto, referimos os dados referentes às quatro dimensões deste estudo.

No segundo ponto, discutimos os resultados empíricos analisados no ponto anterior. Faremos ponte entre os nossos resultados e outros já existentes, pois

consideramos vantajoso, e rico para a nossa discussão, comparar com alguns dados já obtidos noutros estudos.

5. Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

5.1. Apresentação e Análise dos resultados

Depois de todos os materiais recolhidos, lidos e seleccionados, passámos a analisá-los e interpretá-los tendo em conta cada um dos objectivos e todas as questões da nossa pesquisa.

Uma vez que este estudo nos levou a combinar dois tipos de estudo distintos e, mais tarde decidimos pela aplicação de quatro instrumentos diferentes, optámos por fazer uma apresentação de resultados um pouco diferente do método clássico. Queremos com isto dizer que escolhemos apresentar os resultados dos quatro instrumentos utilizados (questionário, entrevista, diário, acompanhamento virtual) na recolha de dados de forma articulada pois considerámos que desta combinação de dados, de natureza quantitativa e qualitativa, é possível efectuar uma melhor análise e discussão da temática em estudo se assim estiverem apresentados. E também, como não podia deixar de ser procedemos à apresentação desses dados atendendo às diferentes dimensões do nosso estudo.

Conclusão, procedemos à apresentação de resultados articulando os diferentes instrumentos de recolha de dados utilizados e dividindo os dados recolhidos em diferentes dimensões.

As entrevistas foram transcritas logo em seguida à sua realização. Os registos escritos foram complementados com comentários sobre os comportamentos apresentados pelos entrevistados sob forma de linguagem não-verbal, tais como, expressões e hesitações. Estas captações foram feitas com o propósito de auxiliar a análise de resultados, tornando-a mais precisa, porém, não na presença dos sujeitos pesquisados para evitar que estes alterassem os seus comportamentos ou que se intimidassem nas suas manifestações. O tempo de duração de cada entrevista foi de aproximadamente 15 minutos. Para evitar que os alunos se deslocassem à escola propositadamente para a realização das entrevistas e assim mostrassem menos interesse na aceitação, optamos fazê-las nos intervalos das aulas. Contudo, este tempo foi flexível, ocupando um pouco mais quando necessário, visando atender às características dos entrevistados, isto porque as raparigas eram algo tímidas e tinham dificuldades em expressar as suas percepções, enquanto que os rapazes eram mais extrovertidos e

falavam com maior fluência e rapidez. Optámos por fazer entrevistas dois a dois para que houvesse sempre a possibilidade de reagirem a prenúncios do outro entrevistado.

Para maior facilidade no manuseio dos dados recolhidos através dos quatro alunos entrevistados e para resguardar suas identidades, criámos denominações próprias para identificá-los. Vamos utilizar letras e números: as raparigas foram denominadas por A1 e A2 e os rapazes por B1 e B2.

Faremos a apresentação dos resultados tendo em conta as dimensões e indicadores do estudo.

Esta apresentação será efectuada sob a forma de tabelas e gráficos, que incluem os itens que são objecto de interpretação e análise, neste estudo. Embora tivéssemos a intenção de considerar a variável *Género* verificámos, ao analisar os resultados, que nem sempre havia diferenças relevantes nos dados recolhidos entre os diferentes géneros, pelo que os resultados serão quase sempre analisados em conjunto (42 alunos).

Dimensão 1. Usos do computador e da Internet

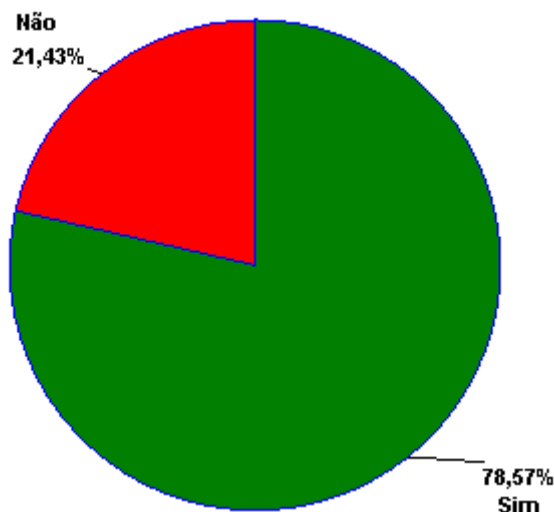
A seguir às questões que nos permitiram ter conhecimento do género e da idade dos 42 alunos que foram convidados a responder ao questionário, surge uma questão que nos permitiu concluir que a PSE destes alunos é maioritariamente baixa.

Continuando, seguiram-se questões relacionadas com o uso do computador e da Internet.

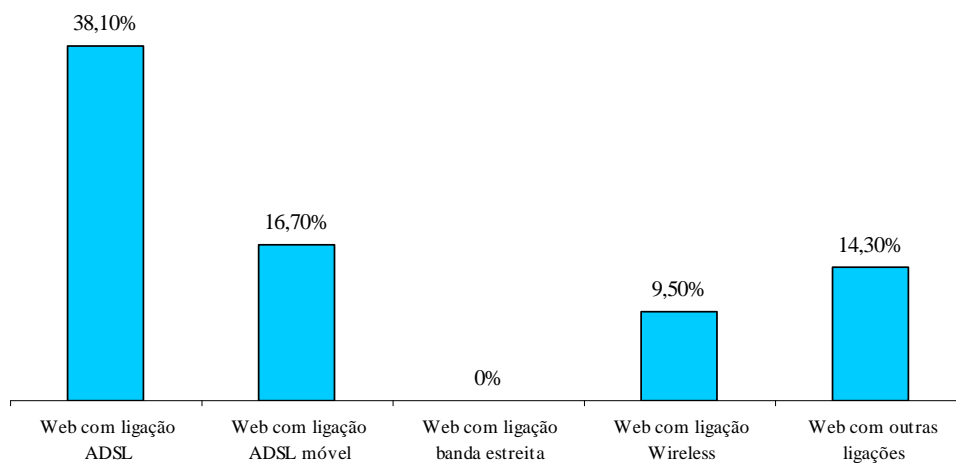
Acesso a PC e Internet em casa

Apesar destes alunos serem oriundos de classes mais baixas é de salientar que 98% dos inquiridos têm computador pessoal (PC) em casa: somente um aluno não tem PC em casa.

Mas se a posse de um PC em casa atinge quase a plenitude dos alunos, o mesmo não sucede com a ligação à Internet em casa. Neste caso, há aproximadamente 79% de alunos que acedem em casa e 21% que não. Registe-se que é um valor ainda assim bastante elevado, dado grau de fragilidade socioeconómico familiar.

Gráfico 3. Percentagem de alunos com Internet em casa***Tipo de ligação que têm à Web***

A apresentação dos resultados a esta questão, sobre o tipo de ligação que os alunos têm à Web é feita no gráfico seguinte.

Gráfico 4. Tipo de ligação que têm em casa¹⁷

Nesta questão os alunos demonstraram grande desconhecimento sobre os diferentes tipos de ligação existentes aquando da aplicação dos questionários. Parece-nos que os jovens de hoje querem é aceder à Internet, não interessando o modo como o

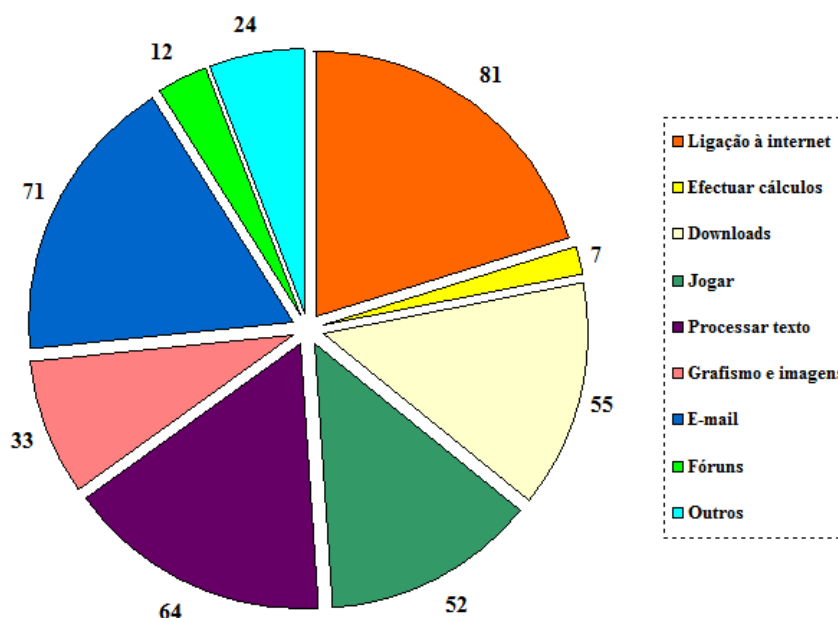
¹⁷ Obviamente, somente os 33 jovens inquiridos que têm internet em casa responderam a esta questão.

fazem: se é o mais rápido e o mais económico. Muitas vezes, na escola, queixam-se que a Internet é lenta e assim torna-se aborrecida a navegação, o que é um grande entrave para a utilização da mesma em aulas.

Tipo de uso que fazem do PC

Nesta questão, os alunos podiam seleccionar várias respostas, como podemos verificar em seguida no gráfico que apresenta a percentagem de alunos que respondeu a cada questão.

Gráfico 5. Objectivos na ligação à Web (%)



Os jovens assinalaram que utilizam o PC essencialmente para acesso à Internet e para processamento de texto. No entanto, é de estranhar que 36% dos alunos não assinalem que utilizam PC para processamento de texto, uma vez que os jovens que frequentam as escolas de hoje têm esta ferramenta quase como obrigatória para realizarem os seus trabalhos escolares.

Frequência da ligação à Internet

Quanto ao uso da Internet, 81% dos alunos respondeu que a utiliza frequentemente, e mais de metade dos alunos faz um uso diário. E, a partir da tabela seguinte, podemos verificar que o género feminino é o que utiliza durante mais horas a

Internet: em 31 alunos que utilizam mais de 3 ou 4 vezes por semana a Internet, aproximadamente 68% são raparigas.

Tabela 8. Periodicidade do uso da Web

		Periodicidade do uso da Web				Total
		Diária	3 ou 4 vezes por semana	1 ou 2 vezes por semana	Apenas 1 vez por mês	
Género	Feminino	14	7	3	1	25
	Masculino	9	1	4	0	14
	Total	23	8	7	1	39

No “diário” que os alunos preencheram também constatámos que o acesso à Internet é realizado todos os dias e a aluna A2 chega a responder que está conectada mais de duas horas por dia.

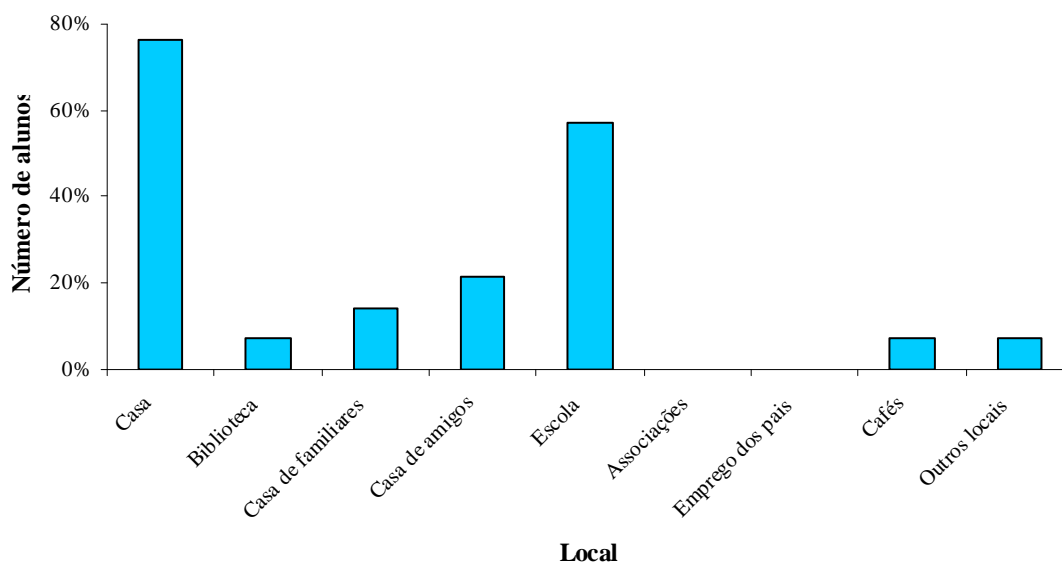
Como podemos verificar na figura seguinte, relativa a um excerto do *álbum de recortes* do Hi5 de uma das alunas entrevistadas, apurámos no acompanhamento virtual a congruência destas respostas, uma vez que eram evidentes os acessos permanentes à Internet das alunas A1 e A2, facilmente o verificamos a partir das datas.

Figura 3. Excerto do álbum de recortes da aluna A1

diz: O tópico foi alterado para Bom Ano	28/Dez 14:40
diz: O tópico foi alterado para Bom Ano 2009....	28/Dez 14:40
diz: O tópico foi alterado para Feliz Natal....	15/Dez 22:42
diz: O tópico foi alterado para	3/Dez 19:25
diz: O tópico foi alterado para Adoro-t huoo.....	1/Dez 21:44

Locais eleitos para o acesso à Internet

Relativamente aos locais eleitos para aceder à Internet, os mais referidos são a casa (76%) e a escola (57%). O local “casa de amigos” ainda tem alguma expressão (21%), sendo que outros locais têm valores mais residuais: “casa de familiares” (14%), biblioteca e cafés (7%).

Gráfico 6. Local para acesso à Internet

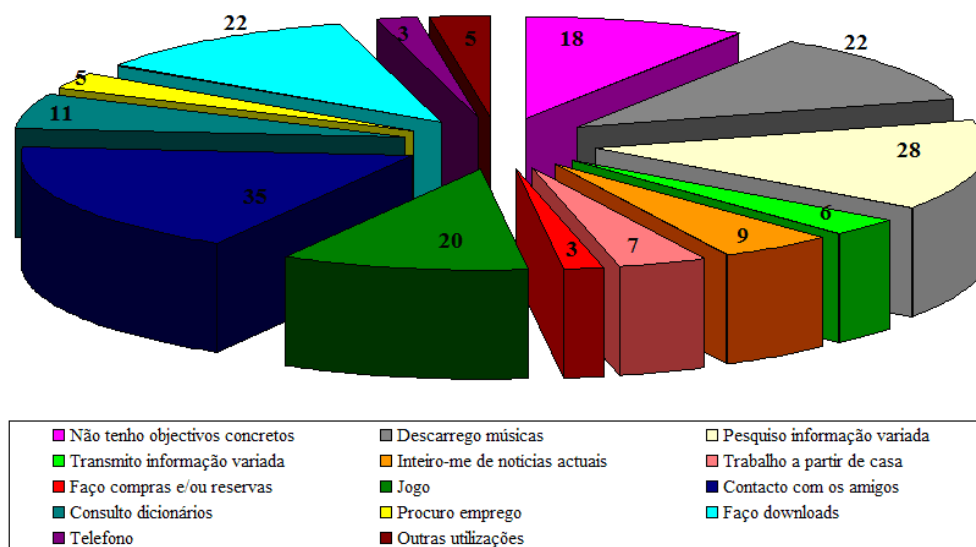
Nas entrevistas que realizamos, embora todos tenham Internet em casa, A2 respondeu que: *utilizam a Internet na escola quando há salas disponíveis mas para ir às páginas de Hi5 e conversar um pouco no MSN.*

Objectivos na ligação à Web

Quanto aos principais objectivos dos jovens alunos para aceder à Web, esses são os mais variados e podem ser observados no gráfico seguinte¹⁸. Claramente, sobressai o objectivo de “contacto com os amigos” (83%), seguido dos de “pesquisa de informação” (67%), “descarregar músicas”, “fazer downloads” (52%) e “jogar” (48%). No pólo oposto, o menos assinalado, é “fazer compras e/ou reservas” (7%).

¹⁸ Note-se que os alunos inquiridos, nesta questão podiam assinalar tantas preferências quantas quisessem.

Gráfico 7. Objectivos da utilização da Web



Também no “diário”, os alunos assinalam que quando conectam à Web, podendo não ser o objectivo principal, acabam sempre por entrar nas comunidades virtuais para contactar com os amigos. O motivo também muito assinalado é o ter estado somente a navegar pela Web.

Elementos integradores de Comunidades Virtuais

Sem dúvida que os jovens de hoje mostram uma forte paixão por conectar-se à Web para simplesmente contactarem com os amigos como mostram as respostas à pergunta “Tens alguma conta numa Comunidade Virtual?”, sem grande surpresa, houve unanimidade na resposta – 100% de respostas foram afirmativas.

Dimensão 2. Comunidades Virtuais

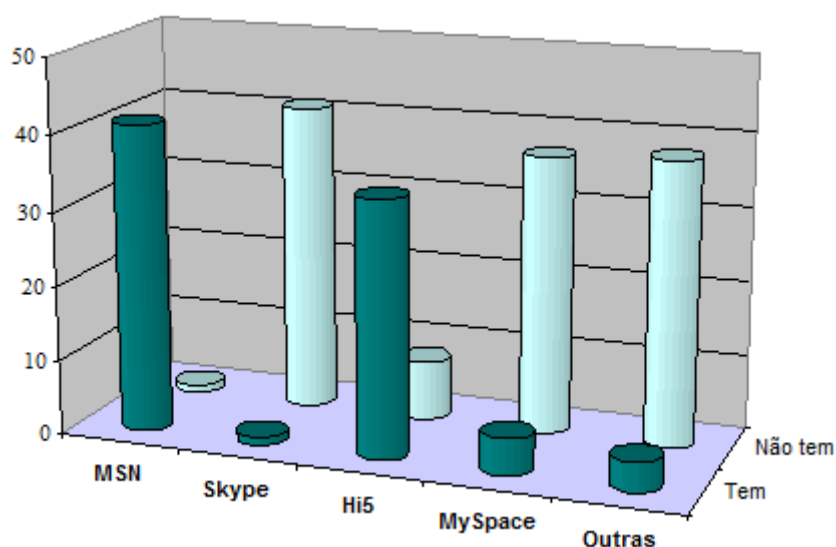
(1) Páginas pessoais

Comunidades Virtuais que frequentam

Neste campo, como podemos observar no gráfico 2, as preferências destes jovens alunos recaem sobretudo sobre o MSN e o Hi5. Os alunos entrevistados referem que têm outras comunidades: *mas o MSN e o Hi5 é que são as fortes*, como referiu B2. As assinalações que fizeram no “diário” mostram que os entrevistados coincidem no que dizem e no que fazem.

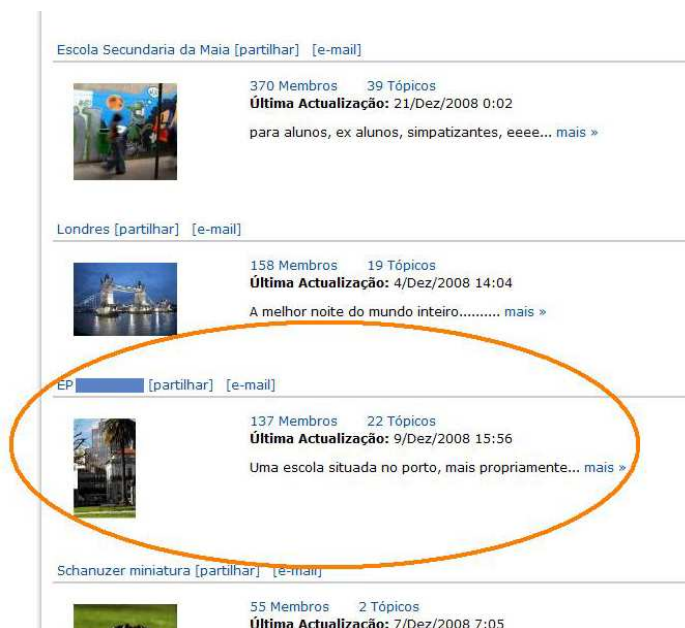
No acompanhamento virtual: mesmo quando não estando online no MSN, a página de Hi5 ia mostrando movimentações. Na página pessoal das alunas A1 e A2 são evidentes as alterações quase diárias: através de fotos, de comentários, de escritas no diário e no tópico, etc. Já o aluno B1 no diário refere que frequenta as comunidades todos os dias, mas as alterações no Hi5 não são feitas com tanta frequência.

Gráfico 8. Comunidades virtuais que os alunos frequentam



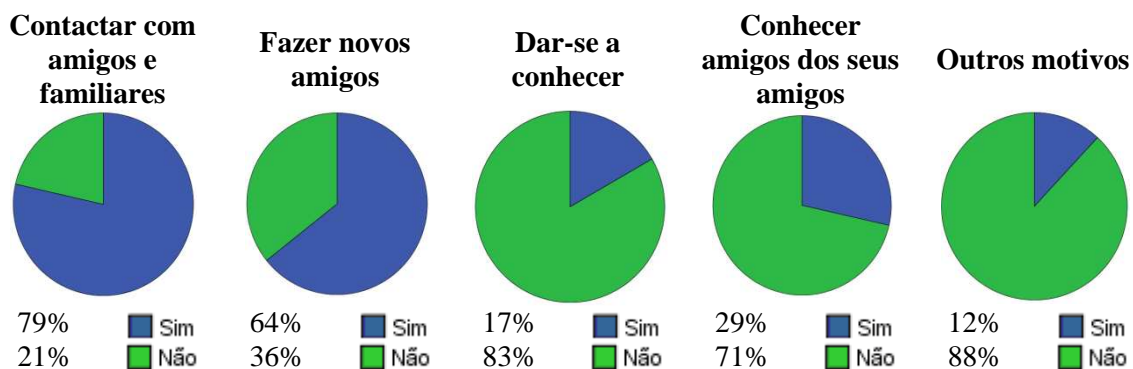
Ainda no acompanhamento virtual deparamo-nos com um número muito significativo no nosso entender.

Os membros da comunidade Hi5 têm a possibilidade de se agregarem a grupos existentes ou criarem os seus próprios grupos. As mais diversas escolas de todo o país têm um grupo no Hi5 criado por um membro da comunidade. A Escola Profissional à qual pertencem os alunos convidados para este estudo tem também um grupo associado a ela, como podemos verificar na imagem seguinte. Na mesma imagem, que consta de um excerto de uma página pessoal da jovem A1, podemos verificar que o número de elementos que pertencem a este grupo é muito elevado (137), pois muitos dos alunos da escola mesmo que frequentem o Hi5 podem não estar associados a este grupo e o número de alunos que escola tem, nunca ultrapassa os 200 alunos por ano.

Figura 4. Excerto da página pessoal de uma aluna

Motivos da inscrição nas Comunidades Virtuais

Relativamente aos motivos que levam os jovens alunos a procurar estas comunidades, a grande maioria refere a vontade de “contactar amigos e família” (79%) e “fazer novos amigos” (64%).

Gráfico 9. Motivos de adesão às Comunidades Virtuais

Através do acompanhamento virtual podemos verificar, através de diversos comentários que fazem/recebem dos seus amigos no Hi5, que estar em contacto com os amigos é o motivo crucial da adesão a estas comunidades. Verificamos que o número de amigos que pertencem às suas redes ronda números muitíssimo elevados, chegando a

ultrapassar os 300 por cada jovem, como podemos verificar na imagem que se segue que não é mais do que um *print screen* das páginas dos jovens A1, A2 e B1.

Figura 5. Número de amigos dos jovens entrevistados



Também, através das diversas alterações que fazem às fotos; ao tópico da página, local da página pessoal onde se escreve algo sobre o estado actual de espírito; às diversas entradas no diário pessoal, muito verificado na jovem A1, podemos concluir que têm alguma necessidade de se dar a conhecer ou de mostrar como vai a vida de cada um.

Um caso peculiar, ou se calhar nem tanto neste ciber mundo que é o Hi5, é o da jovem A2 que tem grande necessidade de socialização uma vez que procurava por diversas vezes estabelecer contacto no MSN connosco; no Hi5 tem diversos tópicos do tipo “Amo os meus amigos”; um dos grupos aos quais se adicionou foi *CNA – Clube Namoro ou Amizade*, como podemos ver na imagem seguinte, e na sua página, no lugar restrito “Sobre mim” tem escrito no final do seu texto “... descubram o resto”.

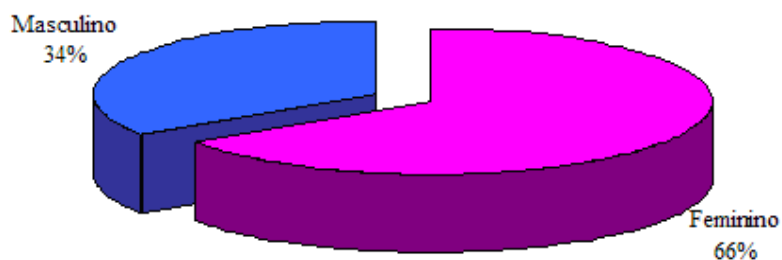
Figura 6. Grupo da jovem A2



Os amigos que pertencem à sua rede no Hi5, parecem já terem percebido que esta jovem necessita de muita atenção, pois tem um número elevado de mensagens animadoras do tipo “és uma querida”. O Hi5 parece ser também um mundo procurado por aqueles que necessitam de algum apoio extra, que talvez sejam mais carentes.

Também nas entrevistas, os motivos: conhecer pessoas novas, conversar e fazer amigos são postos em relevo pelos jovens alunos, referindo que aderiram a estas comunidades porque: *queria conhecer pessoas novas* (A2,B1); *ver e falar com amigos que já não vemos há muito tempo ou com quem não podemos estar muitas vezes*, referindo-se a colegas da antiga escola (B1). Também aderiram porque: *a nossa turma tem toda* (B2). O jovem B2 respondeu que foi: *para mostrarmos como somos, e depois fazem-nos comentários sempre positivos e isso dá-nos ânimo*. Mencionam que com o MSN têm a possibilidade *de chegar a casa e poder continuar a falar com os amigos* (A1).

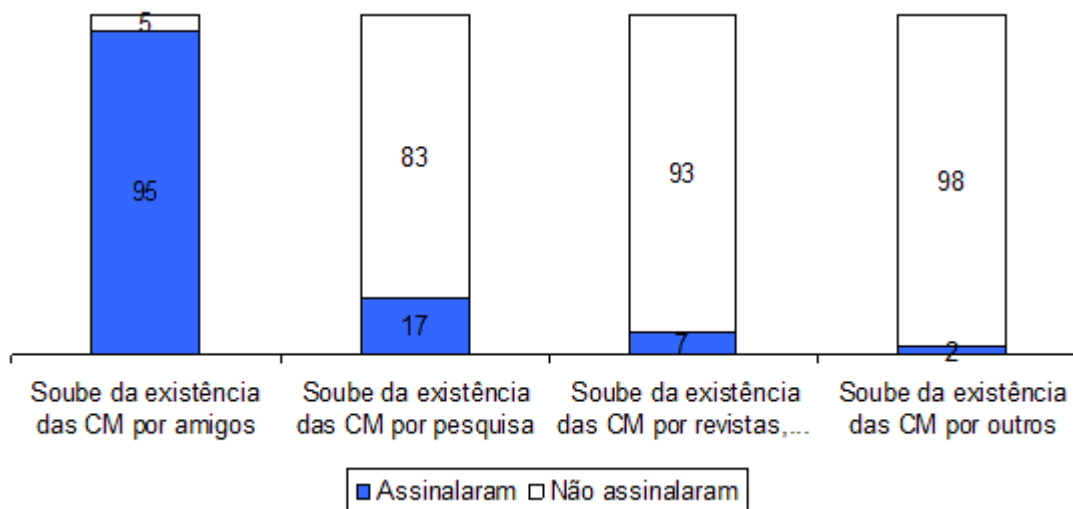
Gráfico 10. Género que despende mais tempo ligado às Comunidades Virtuais¹⁹



Assim, como sucede na ligação à Internet, também despende mais tempo deambulando nas Comunidades Virtuais é o género feminino, como podemos verificar no gráfico anterior.

No preenchimento do diário, para além de verificarmos que eram as jovens A1 e A2 que despendiam mais tempo na Internet, também podemos verificar que nas suas ligações diárias, um dos objectivos era também diário no acesso à Internet: aceder a pelo menos uma comunidade virtual. Também os jovens B1 e B2 acediam, mas não diariamente. O jovem B2, curiosamente, a única altura em que não o fazia era ao fim-de-semana.

¹⁹ A esta questão não responderam dez jovens.

Gráfico 11. Como souberam da existência das Comunidades Virtuais (em%)

Como podemos verificar, a frase “amigo puxa amigo” nesta situação aplica-se na perfeição.

Durante as entrevistas, o jovem B2 refere mesmo que criou o Hi5 e soube da existência somente quando entrou para esta turma no ano lectivo anterior e que eles tinham e por isso também criou.

Altura da inscrição nas Comunidades Virtuais

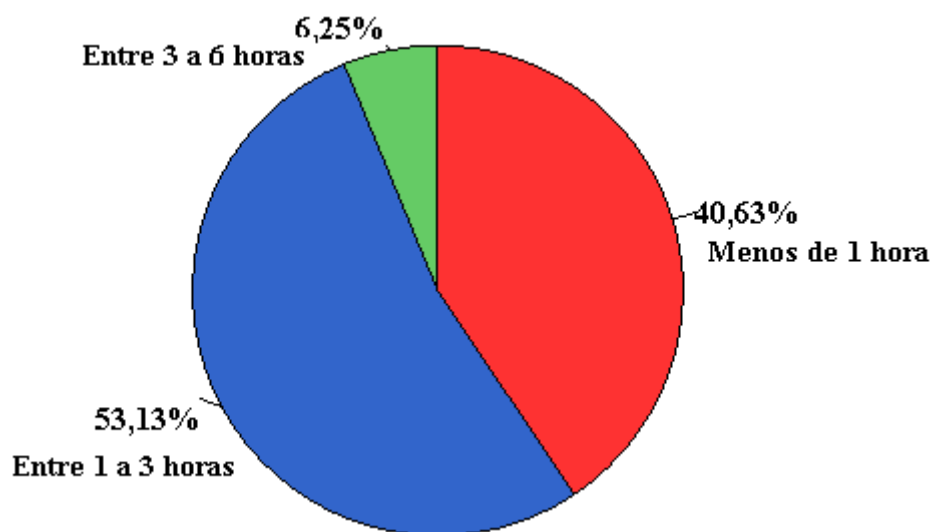
Em relação ao tempo de vivência nestes espaços, 35,7% dos jovens alunos referem que há mais de dois anos que estão ligados e 33,3% entre 1 e 2 anos. Durante o acompanhamento virtual que fizemos podemos perceber que a sua adesão é recente (1 a 2 anos) à excepção do jovem B1 que o tem desde 2005, segundo as datas dos seus primeiros comentários. Um caso peculiar foi o do jovem B2, que referia que, durante as entrevistas parecia muito participativo nestas comunidades, muito entusiasmado e chegou mesmo a referir com bastante ânimo que *o Hi5 é bom para a auto-estima*. No entanto, aquando do nosso acompanhamento virtual verificámos que ele tinha cancelado a sua conta no Hi5. Mais tarde, questionámo-lo via *mail* o porquê do cancelamento, ao que este respondeu que tinha perdido o interesse e motivação para a sua participação, como podemos ler de seguida na mensagem original.

Figura 7. Print Screen de um mail do jovem B2

Apesar desta desistência ter sido justificada desta forma, podemos verificar que o mesmo não acontece com muitos outros jovens. Dois dos outros jovens entrevistados da mesma turma que este, B1 e A1, ainda vagueiam muito nestes mundos como constatámos através do acompanhamento virtual.

Tempo diário que passam nas Comunidades Virtuais

O tempo diário que passam nas comunidades virtuais situa-se para a maioria dos jovens entre 1 a 3 horas (53%), sendo também expressivo o valor inferior a 1 hora (41%) e mais escasso os que dedicam entre 3 a 6 horas (6%).

Gráfico 12. Tempo diário que passam nas Comunidades Virtuais

Os alunos entrevistados, embora não sejam dos que passam muitas horas nas comunidades, admitem que têm de ir lá todos os dias para ver as alterações e quem anda por lá. Respostas que demonstraram congruência com as assinalações feitas nos diários.

Viciados ou não viciados em Comunidades Virtuais

A grande maioria (86%) não se considera viciado. No entanto, como já referimos segundo comentários dos entrevistados, “diário” e acompanhamento virtual, a passagem diária por pelo menos uma das comunidades é quase obrigatória.

(2) Perfil vs Segurança na Web

Layout das páginas

Muitos jovens (37%) costumam personalizar as páginas pessoais que têm nas comunidades virtuais, sendo que o dinamismo que dão ao *layout* das suas páginas, para as tornarem mais atractivas, passa sobretudo por acréscimo de fotos, músicas e alteração do *background* da página.

Através do acompanhamento virtual podemos verificar exactamente o referido. E constatámos ainda que a apresentação da página dita muito acerca da identidade online de cada um. A jovem A1 apresenta uma página cuidada e muito feminina, tal como a própria jovem. Já a jovem A2, apesar de ser uma aluna muito tímida na sua vida offline, apresenta uma página com tons muito marcantes, predominando o negro, o que nos faz querer que tenta chamar a atenção na sua vida online, como já tínhamos referido anteriormente quando remetemos alguns comportamentos para problemas de carência afectiva. O jovem do género masculino (B1) que também ainda pertence à CM Hi5, apresenta, como não podia deixar de ser, uma página muito masculina, com tons avermelhados e tendo como imagem de fundo um conta-quilómetros, deixando assim patente a sua grande paixão pelos automóveis que também podemos verificar no restante conteúdo da sua página.

Figura 8. Apresentação da página pessoal da jovem A1



Figura 9. Apresentação da página pessoal da jovem A2

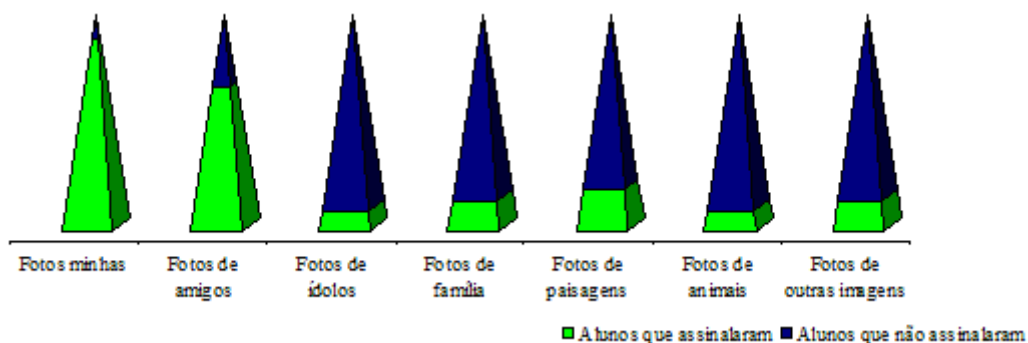


Figura 10. Apresentação da página pessoal do jovem B1



Relativamente às fotos adicionadas pelos jovens, os 42 inquiridos referiram uma tendência para fotos pessoais e de amigos, como demonstra o gráfico seguinte.

Gráfico 13. Tipo de fotos que colocam nas páginas pessoais



Em relação ao acompanhamento virtual que fizemos, podemos verificar que os jovens colocam muitas fotos, por vezes acima de 90, e de vários tipos, como podemos verificar nas imagens seguintes.

Figura 11. Print Screen da página pessoal da jovem A2



Figura 12. Print Screen da página pessoal do jovem B1

Riscos das Comunidades Virtuais

Como sabemos, os riscos que qualquer adolescente corre na Internet são muitos. Já a coordenadora do projecto *EU Kids Online*²⁰, Sonia Livingstone, apela ao cuidado dos pais e faz o alerta a Portugal: “O debate público sobre o uso seguro da Internet ainda não aconteceu em Portugal, pelo que os pais ainda não se aperceberam dos riscos aos quais os seus filhos podem estar expostos” e acrescenta que “as crianças e jovens – hoje mais adaptadas que os seus pais a comunicar através da net - têm menos consciência de quando estão a fornecer informação pessoal a estranhos.” (in site www.sol.sapo.pt, 2009)

Estes jovens incluídos no acompanhamento virtual, não são diferentes dos demais que Livingstone estuda. Não temendo a exposição, e ainda em relação às fotos, como já vimos no último gráfico apresentado, eles exibem desde fotos em fato-de-banho a fotos com os namorados em cenas menos próprias. E apesar dos alunos B1 e B2 referirem na entrevista que *a mim já me tiraram fotografias de lá* (B1), *por isso é que se deve ter bloqueado só para amigos* (B2). Apesar desta exposição online, apenas um dos jovens entrevistados tem a sua página bloqueada a pessoas que não fazem parte da sua rede de amigos. O que não deixa de ser um contra-senso pois a mesma refere em entrevista que tem desconhecidos na sua rede de amigos directos.

Mas sabemos que o pensamento da maioria dos jovens adolescentes não é muito diferente da conclusão a que os jovens entrevistados chegaram acerca deste assunto: *se*

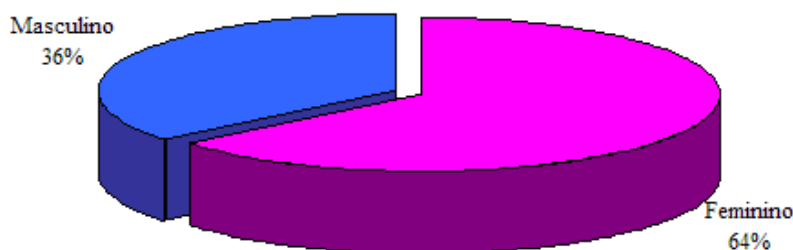
²⁰ Neste projecto, coordenado por Sonia Livingstone da London School of Economics, investigadores de **21 países europeus** entre os quais Portugal caracterizam a pesquisa realizada sobre os usos da Internet, telemóvel e outras tecnologias em linha por parte de crianças.

nos preocuparmos muito, se formos sempre a pensar nas coisas... não fazemos nada (B1 e B2). Acrescentou ainda B2: *temos cuidados a pôr as fotografias*. O que não nos pareceu no acompanhamento virtual feito, pois as poses inapropriadas e a exposição do corpo faziam parte de qualquer um dos álbuns fotográficos dos três jovens.

A jovem A1 respondeu: *para já ainda não me aconteceu nada, por isso...* (encolhendo os ombros, demonstrando que não se vai preocupar enquanto não lhe acontecer nada de grave). Apesar do verificado no acompanhamento virtual, A1 e A2 mencionaram que: *pomos fotografias normais e não pomos de outras pessoas*.

Em relação a este ponto, quer nas entrevistas, quer no acompanhamento virtual realizado deu para reparar que os jovens não chegam a reflectir muito acerca do assunto. Para além das fotos pessoais/íntimas expostas, verificámos ainda que não se importam nunca de mostrar outros dados pessoais, e os verdadeiros, como: a sua idade, localidade onde residem, estado civil, etc. Fazem-no sem qualquer problema de represálias e ficando visível para qualquer tipo de pessoas. No entanto, como pudemos verificar nos resultados dos questionários efectuados aos 42 alunos, o género feminino será menos cuidadoso na sua exposição pública online.

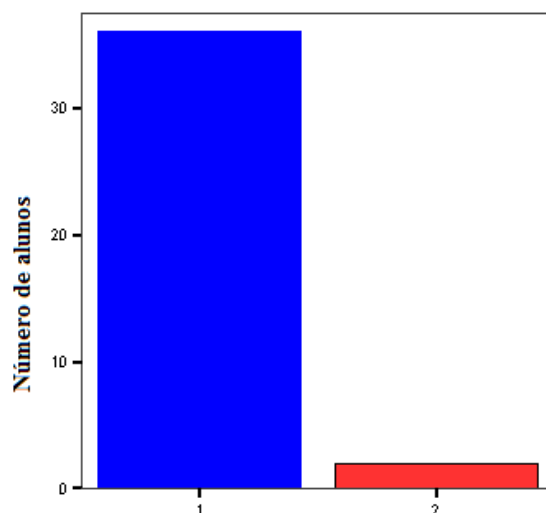
Gráfico 14. Dados pessoais nas comunidades virtuais



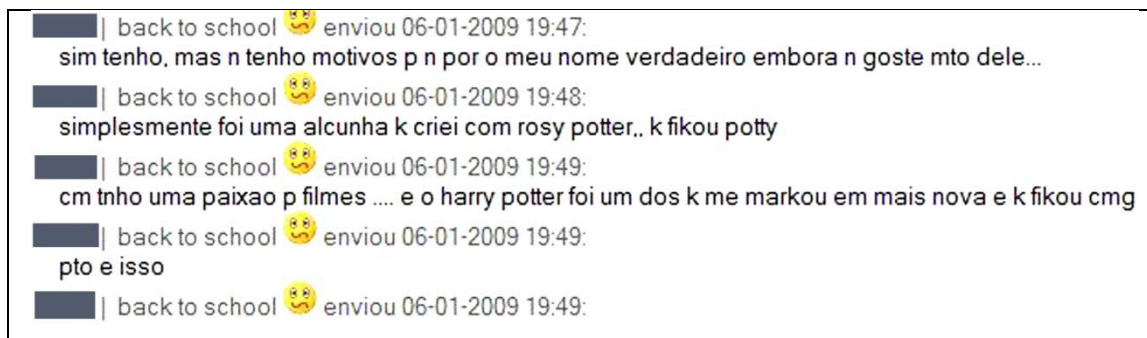
Estes alunos, apesar de se exporem fisicamente, podiam ter algum cuidado em expor a sua identidade através de uma simples alteração de *nickname*²¹.

No seguinte gráfico somente 2 jovens, o correspondente à cor encarnada, apresentam dois tipos de identidade. No entanto, daqui não podemos concluir que os outros que apresentam apenas uma, seja a verdadeira.

²¹ Nas comunidades virtuais não passa de um nome que um membro de uma determinada comunidade dá a si próprio, em alternativa a ser conhecido pelo seu verdadeiro nome.

Gráfico 15. Número de identidades que adoptam nas CM

No entanto, depois de efectuado o acompanhamento virtual pudemos verificar que no MSN, bem como no Hi5, os nomes utilizados são os verdadeiros, à excepção da jovem A1 que utiliza um diferente, mas somente no Hi5. Depois de verificarmos esta situação, questionámo-la pelo MSN acerca desta alteração e a mesma responde o referido na imagem seguinte.

Figura 13. Print Screen de um excerto da conversa via MSN com jovem A1

Ou seja, estas comunidades permitem que o verdadeiro nome de um qualquer membro nunca apareça. Permissão que a jovem A1 agradece, visto que não simpatiza muito com o seu próprio nome.

Nickname à parte, podemos ainda referir que apesar do nome ser o mesmo e do corpo que está por trás do ecrã ser o mesmo que utilizam na vida online, o certo é que nem sempre as maneiras de actuar são as mesmas online e *offline*. Quanto à jovem A2

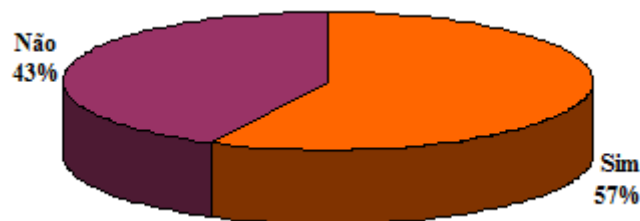
podemos verificar que a postura adoptada é muito diferente *offline*²² do que *online*, é muito mais comunicativa *online* do que *offline*. Expõem-se muito mais na sua vida *offline*, assim como a jovem A1, através de fotos mais ousadas. A jovem A1 chega mesmo a ter comentários perversos. Estamos a falar de jovens que são bastante recatadas e tímidas até na escola entre os amigos. Mas existe uma diferença na presença destas duas jovens no Hi5; enquanto que A2 expõem totalmente a sua página, A1 reserva mais a sua, pois não deixa que conheçamos muito o tipo de relacionamentos que faz neste mundo, bloqueando os “comentários”²³ que recebe.

(3) Extensão relacional

Ligações pessoais estabelecidas

Sobre o relacionamento com pessoas desconhecidas ou menos conhecidas, 57% dos jovens alunos afirma que os costumam adicionar às suas redes.

Gráfico 16. Adicionar desconhecidos ou menos conhecidos?



No que respeita ao adicionar pessoas às suas redes há alguma diferença por dispositivos, como se pode inferir das respostas nas entrevistas. No MSN, três dos jovens alunos referem que a comunidade onde se inserem é muito pequena, uma vez que neste software eles não adicionam desconhecidos, somente estão conectados com amigos, colegas e família. Há, contudo, o jovem B2 que referiu ter muita gente na rede do MSN: *Eu tenho muita gente no MSN que não conheço pessoalmente. Antigamente jogava online e por isso tinha esses amigos. Com muitos já nem falo, mas antigamente até chegava-me a encontrar com eles no café.*

²² Referindo-se ao estado que é possível colocar no MSN, quando estamos mas não queremos estar a falar ou não queremos que saibam que estamos online.

²³ Comentário que cada membro desta comunidade pode deixar na página pessoal de outro membro acerca de qualquer assunto, normalmente a tendência é para falar acerca do amigo a quem pertence a página que visitam.

Porém, noutros softwares sociais, como o Hi5, admitem que já não têm problemas em adicionar pessoas menos conhecidas ou até mesmo desconhecidas. *O Hi5 é mais para conhecer pessoas, o MSN é mais aqueles contactos que já temos* (B1). *O Hi5 raras vezes utilizo para conversa, para isso é melhor o MSN* – dizia A1 para justificar porque é que no MSN tem só gente que conhece pessoalmente e no Hi5 não.

Este discurso também pode ser comprovado através acompanhamento virtual, pois como já referimos dois deles têm acima de 300 “amigos” na sua rede. Seria de esperar que muitos deles nem passavam por conhecidos, são desconhecidos efectivamente.

Por outro lado, enquanto dois dos entrevistados disseram que adicionavam desconhecidos no Hi5 mas não falavam, já os outros disseram que adicionam e chegam a trocar mensagens: *e se for interessante até trocamos o endereço do MSN para continuarmos a conversa. Mas às vezes é cada desilusão...* (B2) e B1 respondeu: *mas isso é mais nos chat, mas agora com namorada não se pode fazer tanta coisa* (risos). E o que os levava a adicionar gente nova? *Quando adicionamos as pessoas é mais pelo aspecto físico, se forem raparigas não adiciono, só se forem rapazes bonitos*, respondeu a jovem A2. Mas os rapazes também concordam com esta perspectiva: *também adicionamos rapazes mas só aqueles que andaram connosco na escola* (B1). Ainda acrescentam que adicionam muitas vezes por serem amigos dos amigos deles.

Durante a conversa foi bastante interessante perceber a ideia dos entrevistados acerca deste mundo: *Sabe professora, o Hi5 é uma rede. Amigos trazem outros amigos...* (B2)

Como já foi referido anteriormente, a principal causa da procura deste tipo de softwares é a possibilidade de contacto com os amigos e/ou fazer novos amigos. B1 referiu que assim têm a possibilidade de continuar em contacto com pessoas que estão distantes fisicamente. A1 corrobora a ideia e acrescenta que *assim quando estou com eles a relação continua igual, a mesma coisa, ou ainda mais forte*.

O jovem B1 referiu: *a minha relação com ele ficou mais forte. Ele foi-me viciando* (referindo-se com risos ao colega B2).

Características comunicativas online e offline

Em consequência destas respostas, surgiu a necessidade de falar da relação, das conversas que se conseguem criar e ter neste tipo de comunidades. E eles referem: *já tive discussões, uma picardia* (B1), e B2 menciona que *com uma rapariga já tive uma conversa mais séria* (a nível amoroso). Quando questionados acerca se conseguem ter as mesmas conversas online e pessoalmente, todos eles responderam inicialmente *sim*. No entanto, A2 respondeu: *no MSN sinto-me muito mais desinibida* e A1 acrescentou: *assim sinto-me mais nervosa e no MSN é mais fácil*. B2 disse: *como são só duas pessoas, falamos mais*.

E quando estão a falar em fóruns ou mesmo no MSN em grupo? Respondeu B2: *são mais conversas de café e às vezes utilizamos para jogar*. A2 disse: *janelas com muita gente são só para conversa!*

No seguimento da conversa, evolui-se para a possibilidade de bloquear ou eliminar contactos da nossa rede de amigos da vida online. Ao que eles responderam, relativamente ao MSN, *só se bloqueia se tivermos experiências negativas, eu nunca bloqueei* (B2); B1 referiu: *quando estão pessoas que não queremos pomos offline ou ocupado, não é preciso bloquear. Às vezes há pessoas chatas...* E ainda outra perspectiva da jovem A1: *pessoas que vêm falar muitas vezes bloqueio logo, mas não elimino por serem chatas*.

Em relação ao bloquear a página pessoal no Hi5 para que pessoas estranhas não as vejam todos responderam: *não bloqueamos, toda gente pode ver tudo*. No entanto, no acompanhamento virtual podemos conferir que a jovem A2 tem a página pessoal do Hi5 bloqueada, ou seja, para poder aceder à página pessoal dela primeiro tem de se fazer um “pedido de amizade” para entrar na sua rede de amigos.

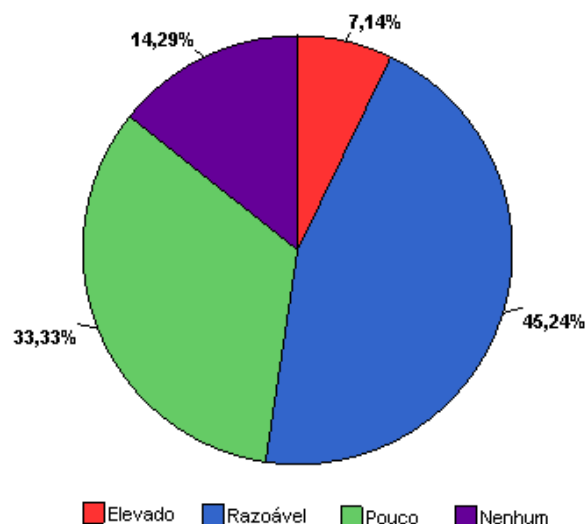
Impacto das Comunidades Virtuais na vida pessoal

Depois de conhecidos alguns hábitos e formas de participação nas CM, pretendemos perceber como avaliam o impacto das CM nas suas vidas.

Inicialmente, pretendemos perceber as suas opiniões acerca dos processos de socialização que aí decorrem. E deparámo-nos com resultados pouco congruentes com os seus hábitos até então descritos. A maioria deles respondeu que passa um número de horas elevado conectado às CM. No entanto, consideram somente 52,38% de alunos que

consideram que o impacto das CM na sua vida social é razoável ou elevado, sendo que apenas 7,14% consideram elevado.

Gráfico 17. Opinião acerca do impacto das CM na vida social



Já os entrevistados, quando deparados com perguntas deste género, afirmam que as CM lhes permitem continuar a “vida social” para lá dos portões da escola. Ou seja, o impacto parece ser elevado. Por isso os números do gráfico anterior levam-nos a pensar que possa não ter existido muita reflexão por parte dos jovens que preencheram os questionários.

Para a maioria dos jovens, as comunidades onde estão inseridos não apresentam consequências negativas (88%). Nem sequer no estudo para a escola se vêm influenciados negativamente por este meio social (71%), embora 24% considere que “roubam” tempo de estudo.

Assim, uma pequena minoria (25%) de jovens não pretende cancelar inscrição e nenhum jovem tem opinião negativa.

Tabela 9. Opinião acerca das CM e Cancelamento da inscrição nas CM

		Pensa cancelar inscrição em alguma CM		Total
		Sim	Não	
Qual a opinião acerca das CM	Positiva	2	12	14
	Razoável	8	18	26
Total		10	30	40

Dimensão 3. Educação e a Internet

Neste ponto a abordagem para entender os pontos de vista dos alunos, optámos por fazer única e simplesmente recorrendo às entrevistas, uma vez que eram de carácter bastante exploratório.

Internet como utensílio de estudo

Em relação ao uso dos dispositivos para finalidades escolares, nas entrevistas realizadas, o jovem aluno B1 referiu que: *o MSN também usamos para trabalhos, já fiz trabalhos através do MSN e mandamos fotos e músicas*. B2 não corroborou muito a ideia e respondeu: *mas para mandarmos trabalhos enviamos um mail e anexamos o arquivo, não é preciso MSN*. A jovem A2 referiu: *há professores que dão o e-mail e às vezes utilizo para trabalho e outras vezes só para perguntar se está tudo bem. E tenho o contacto de MSN para às vezes discutir coisas das aulas. (E os teus colegas?) Acho que os meus colegas não usam, pelo menos que eu os visse*. Os outros entrevistados responderam que *usamos o e-mail para enviar trabalhos, nunca para outras coisas*.

Comunicação online entre discentes e docentes

Foi-lhes perguntado se tinham na sua rede de amigos algum professor, ao que uns responderam que tinham somente no Hi5 uma professora, outros responderam que tinham no Hi5 e no MSN alguns professores. Mas foi interessante a resposta de um deles que mencionou que *os professores nunca estão lá ou estão offline!*

Ou ainda outra versão do aluno B2 que chegou mesmo a referir que: *Eles (os professores) são antipáticos*. Foi curioso perceber que o contacto muitas vezes não deve ser realizado devido a problemas de relacionamento entre alunos e professores.

Plataforma virtual Moodle

Neste ponto tentamos explorar um pouco a problemática das plataformas virtuais de aprendizagem²⁴, uma vez que a escola está conectada à plataforma *Moodle* desde 2006.

²⁴24 Dispositivos designados conhecidos por Ambientes Virtuais de Aprendizagem (Virtual Learning Environments – VLEs), ou também por Sistemas de Gestão de Aprendizagem (Learning Management System – LMSs) que permitem “a uma instituição desenvolver materiais de aprendizagem, disponibilizar cursos aos estudantes,

As respostas deles foram bastante negativas, do ponto de vista educacional, em relação a este ponto. Tentamos perceber a opinião acerca desta plataforma e vejamos o resultado: *A professora de Matemática já pôs lá umas fichas (B2); vai-se lá muito raramente (B1).* Mas B2 chegou mesmo a concluir que: *não vamos lá porque há pouca publicidade. Os alunos não sabem.* Questionámos se sabiam que tinha uma ferramenta de *chat*, eles responderam: *nem sabemos que aquilo dá para falar (B1).* A jovem A2 respondeu que: *nunca nenhuma professora utilizou connosco.*

Querendo explorar um pouco mais o assunto, perguntámos porque achavam que não havia adesão por parte dos alunos a esta plataforma, e B1, muito prontamente respondeu: *escola professora?! Ali trata-se de trabalhos da aula que a nós não nos interessa tanto.* Mas B2 considera que a pouca procura se deve ao pouco dinamismo por parte dos professores, dizendo que: *o professor só usava para pôr coisas.*

Tipo de uso que fazem dos computadores da escola

Ainda à tecnologia aliada à educação, quisemos também saber que uso faziam dos PC's instalados nas salas de informática da escola. Os jovens A1, B1 e B2 responderam que, nas aulas, *utilizavam as salas nas disciplinas de TIC; Turismo, para utilizar software específico que vem no programa e em Integração, para pesquisas.* Interrogámos se as pesquisas eram orientadas, A2 respondeu: *Não. Dizem mais sobre o assunto que querem o trabalho.* Quanto à autonomia que sentem nas pesquisas que têm de fazer, uns disseram: *sim, conseguimos fazer bem pesquisas sozinhos (B1 e B2); é mais fácil do que pesquisar em livros (B2).* E A2 respondeu: *às vezes consigo fazer bem sozinha e outras vezes, quando não consigo, peço ajuda.*

Desnível entre literacia informática do discente e do docente

Questionados acerca das aptidões informáticas do aluno e professor, se alguma vez tinham sentido que percebiam mais de computadores que os professores, responderam: *tantas vezes!* Um outro disse: *sabemos mais que a de TIC, nós já lhe dissemos mas ela não leva a mal (B1).* A jovem A2 referiu, relativamente a uma professora: *quando a professora não sabe alguma coisa chama-me a mim ou a outros colegas para ajudar.*

proceder a testes e avaliações e gerar bases de dados de estudantes com possibilidade de monitorização dos respectivos resultados e progressão, por via electrónica” (Keegan, 2002, p.11).

Dimensão 4. Comunidades Virtuais e Escola

Por último, os alunos responderam às duas questões cruciais deste estudo. Esperámos que as questões anteriores do questionário lhes tenham permitido uma reflexão, ainda que rápida, e uma familiarização com o conceito de CM que por muitos era desconhecido apesar de serem membros de uma ou mais.

Assim, procurámos recolher dados conclusivos respeitantes à relação entre as comunidades virtuais e a escola, aspecto fulcral deste estudo. Pois as questões que orientaram este nosso estudo eram: *A escola deve entrar no ciberespaço dos alunos? Ou esses espaços virtuais são para serem usados única e exclusivamente fora da escola?*

Vejamos os resultados já nos seguintes gráficos.

Gráfico 18. Pensas que há possibilidades da escola integrar CV?

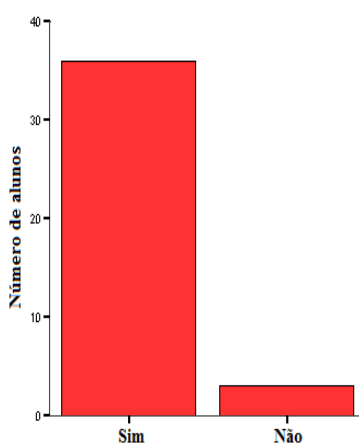
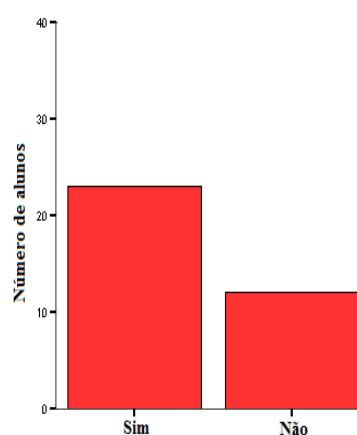


Gráfico 19. Pensas que os relacionamentos melhorariam se a escola integrasse as CV?



As resposta as estas questões, para grande surpresa nossa, foi claramente positiva: 36 alunos (85,7%) pensa que a escola pode, de alguma forma, integrar este tipo de comunidades virtuais que frequentam, e 23 alunos (55%) entendem que os relacionamentos na escola melhorariam se a escola integrasse as comunidades virtuais.

Como não podia deixar de ser, estas questões foram também realizadas com um carácter mais exploratório nas entrevistas. Tentámos sondar os alunos acerca deste tema, e colocámos-lhes uma primeira questão: Que dizem da vossa escola entrar no mundo das comunidades virtuais? Inicialmente, demos um empurrãozinho, deparando-

os com uma situação que lhes poderia agradar: “ O que pensam destas comunidades servirem para os alunos de duas escolas se ajudarem? Realizarem tarefas em conjuntos?

A resposta da aluna A2 não podia ter sido mais rápida e entusiasmante: *Isso era muito bom. (Porquê?) Tinha mais amigos com quem falar. Ia estar com pessoas para trabalho e também para o social.* Também A1 fortalece a ideia dizendo que *era muito interessante.*

Quanto aos jovens rapazes, B1 referiu somente que assim sabíamos da vida das outras escolas e B2 expôs a sua opinião com alguma malícia: *se fosse com uma rapariga...* (risos).

Apesar de considerarem a ideia algo interessante, em relação a participações em fóruns de ajuda na Web, A2 refere que *vejo muitas vezes mas nunca escrevo nada.* E também B1 referiu que procura: *quando tenho problemas com o PC ando a ver se alguém sabe.* Ainda B2 disse que *só para downloads.* Ou seja, todos eles confirmam que só procuram este tipo comunidades para receber algo, nunca para contribuir para o enriquecimento destes locais de ajuda.

Depois deste diálogo interrompido por nós, foi-lhes lembrada a questão inicial para percebermos o que pensavam acerca da escola entrar no mundo das comunidades virtuais. Tentamos não interromper o diálogo, registando-se a discussão que passamos a partilhar:

- *É mais fácil estar sentado na sala com o colega da carteira do que ir para a Internet.*
- *Olha que se calhar até era interessante e diferente.*
- *Oh! Mas somos só nós os dois que achamos isso.*
- *Oh! Porque dizes isso, quem é que não gosta de conhecer outras pessoas? Porque acabas por conhecer.*

Outra discussão:

- *Acho que não, mas não sei porquê, mas se calhar até podia ficar mais activa.*
- *Sim. Com novas ideias evoluímos. Se ficarmos sempre com aqueles professores que não querem...*
- *Sim se não for para chatear, é que às vezes o Hi5 é chato, não temos visitas...*
- *Se não for só para falar de aulas, matéria, ... Pode-se falar mas não em exagero. Se for assim, está bem.*

5.2. Discussão dos Resultados

Faremos a discussão dos resultados e, à semelhança do ponto anterior, discutiremos simultaneamente os resultados obtidos através dos diversos instrumentos que compuseram esta investigação uma vez que nos permite fazer uma discussão mais organizada.

Os dados recolhidos nas questões iniciais do questionário permitiram-nos fazer uma caracterização da população acerca do uso pessoal e escolar do PC e da Internet.

Verificamos que, com a excepção de um aluno todos os restantes têm PC em casa, sendo que 21% não tem Internet em casa. Factor que deve ser de preocupação para a escola, uma vez que esta percentagem evidencia que nem todos os alunos usufrui de igualdade de oportunidades. Ou seja, uns alunos podem aceder à Internet em casa para realização de trabalhos de pesquisa e para aceder a informação disponibilizada pelos professores e/ou escola, já outros não têm essa oportunidade. Pelo que, é importante continuar-se a investir para conseguir-se criar meios de acessibilidade iguais para todos.

O estudo *E-Generation*, que finalizou em 2007, apurou resultados semelhantes relativamente à percentagem de alunos que não tem Internet em casa. Questionaram os jovens do porquê de não ter acesso à Internet em casa, ao que 13,4% dos jovens responderam que “que não usam a internet porque é muito caro” (Cardoso, 2007:104).

À semelhança dos resultados do nosso estudo, no *E-Generation* verificaram que os locais eleitos pelos jovens para aceder à Internet são: a casa, pela maior parte dos jovens inquiridos, e a escola por cerca de metade. Portanto, repara-se que a escola desempenha um papel de bastante importância para os jovens visto que integra uma das pontes escolhidas por eles para conseguirem aproximar-se de uma das suas grandes paixões, a Internet.

Os entrevistados do nosso estudo referiram que utilizam a Internet na escola: nas aulas para trabalho ou durante os intervalos para recorrer a softwares sociais. Ou seja, quando se sentem menos intimidados, procuram aceder a este tipo de softwares. Constatámos ainda que o aspecto lúdico da Internet parece ser aquele que mais interessa aos alunos. No entanto, nem sempre a conexão à Internet está directamente associada a estes aspectos. Nos objectivos do uso da Internet parece existir claramente um forte paralelismo entre motivos escolares e os de lazer.

Pensamos que os alunos já conseguiram aliar a escola às novas tecnologias. Os alunos conseguem estabelecer a ligação entre o que lhes dá prazer, e o trabalho, algo mais aborrecido para muito dos jovens.

Os entrevistados referem que mesmo acedendo à Web para fins escolares, acabam sempre a visitar as Comunidades Virtuais a que pertencem.

Mas será este um aspecto positivo a ressaltar neste estudo?

Vejamos, na tabela seguinte, o tempo gasto por estes alunos na Internet e nas comunidades virtuais.

Tabela 10. Periodicidade do uso da Internet e disponibilizado nas comunidades virtuais

		Quanto tempo passa nas comunidades virtuais			Total
		Menos de 1 hora	Entre 1 a 3 horas	Entre 3 a 6 horas	
Periodicidade do uso da Web	Diária	10	11	2	23
	1 ou 2 vezes por semana	2	1	0	3
	3 ou 4 vezes por semana	1	4	0	5
	Apenas uma vez por mês	0	1	0	1
	Total	13	17	2	32

Neste ponto, destacamos que 72% dos alunos que responderam a estas duas questões, fazem um uso diário da Web e 57% destes alunos acedem às comunidades virtuais entre 1 a 6 horas diárias. Se a estas horas acrescentarmos o tempo que inevitavelmente ocupam na escola, em refeições diárias e em sono, perguntamo-nos, que tempo lhes resta para o estudo? Não deve ser muito. Mesmo assim, 21% refere que as comunidades virtuais ocupam algum do tempo de estudo.

Em todos os dados recolhidos através dos instrumentos utilizados houve concordância indiscutível no que diz respeito ao objectivo principal que os leva a aceder à Internet e também relativamente às comunidades virtuais que mais frequentam: MSN e Hi5.

Os motivos que levam os alunos a inscreverem-se nestas comunidades é sobretudo o interesse pela comunicação online. Uma percentagem elevada de jovens,

considera que são de grande utilidade porque lhes permite contactar com amigos e familiares e também fazer novos amigos.

Como referiram os alunos entrevistados, o MSN e o Hi5 são comunidades que apresentam diferentes capacidades e por isso eles optam pelo manuseio das duas. O MSN permite o contacto apenas com conhecidos, o que lhes permite ter “conversas de café” ou conversas mais pessoais e o Hi5 para fazer novos amigos. E a julgar pelo número elevado de amigos que três dos entrevistados apresentam na sua página pessoal do Hi5, este último objectivo é um dos que mais os motiva.

Relativamente ao uso de outras comunidades: fóruns de discussão são utilizados por estes alunos entrevistados apenas para consulta de informação que outros navegantes disponibilizam; salas de chat parece que também já tiveram alguma significância na suas escolhas, talvez devido à comunicação síncrona que permitem, mas o MSN parece ter vindo substituí-las, e os jogos em rede foi referido apenas por um entrevistado, embora 48% dos 42 jovens inquiridos tenham referido que utilizam a Internet para aceder a jogos.

Constatámos que estes alunos desconheciam que a plataforma de aprendizagem *Moodle* possui ferramentas como fóruns e salas de chat, apesar de já terem acedido em contexto de sala de aula.

Ou seja, parece que a escola está um pouco relutante relativamente a aceitar o desafio de ir de encontro aos interesses dos alunos, ou tão apenas perceber qual o alcance do ciberespaço social para a actividade educativa.

Neste estudo, apesar dos alunos não se rotularem como viciados nas CV, tivemos a oportunidade de comprovar que a passagem diária por estas CV é feita sempre que possível. Dados que também foram recolhidos no *E-Generation*: “Entre os jovens que procuram sítios onde criam uma rede de amigos, colegas ou de grupos de interesse, cerca de metade frequenta-os com frequência, isto é, diariamente ou duas a três vezes por semana.” (in relatório final do *E-Generation*, 2007:98).

Não nos fica a dúvida que os jovens de hoje dão muita importância a estes sítios da Web.

Esta importância pode ser constatada até através da forma como eles embelezam as suas páginas pessoais e as formas originais que encontram para comunicar.

Na escola, os alunos acedem a um mundo “feito”, já na Web social, no seu espaço, eles criam o seu próprio mundo. A motivação para tal é tão forte que conseguem ser muito criativos e críticos. Não podemos deixar de admitir que no mundo deles a aprendizagem é real e autónoma. As suas páginas pessoais online também lhes permitem criar e mostrar a autenticidade de que são capazes e por isso as suas páginas estão condizentes com as suas características pessoais, ou com quem eles querem aparentar ser. Eles dão bastante importância à criação pessoal²⁵, mas este parece representar um dos perigos que estas comunidades acarretam.

Durante o trabalho de campo, verificámos que os alunos não reflectem sobre os riscos implícitos na Internet. Disponibilizam informação pessoal (escola que frequentam, lugar onde vivem, elevado número de fotos pessoais, ...) para todos elementos que integram estas CV. Quando questionados acerca dos perigos existentes online, responderam prontamente que “se fossemos sempre pensar nas coisas...”, resposta em concordância com as suas idades. No entanto, depois de reflectirem, chegaram à conclusão que “por isso é que se deve ter bloqueado [a página pessoal] só para amigos.”

Devido a este distanciamento que os jovens apresentam relativamente aos riscos online, têm-se desenvolvido projectos²⁶ que estudam os comportamentos dos adolescentes na Internet. Na sequência destes estudos surge a realização de Workshops²⁷ e Conferências que tentam transmitir que “É vital que pais conversem com seus filhos explicando a possibilidade de se deparar na internet com um ‘predador online’, assim são chamados adultos que estão a espreita na internet em busca de uma ‘presa’ fácil e ingénua”²⁸ (acessível em <http://www.portalis.co.pt/eu-kids-online/>).

Neste e noutros estudos, o que verificámos é que os jovens, mesmo os mais tímidos, quando estão online sentem-se mais desinibidos e mais comunicativos. Na vida offline, a vergonha e o receio do ridículo dificultam a interacção; na vida online, a possibilidade de anonimato ou apenas a possibilidade de não estar cara-a-cara garante maior fluidez nas comunicações. Para eles, o ecrã parece representar a personalização

25 No Hi5 muitos jovens criam os seus próprios layouts mas este software permite que os seus utilizadores optem por escolher um layout pré-concebido por outros utilizadores.

26 Por exemplo: MiudosSegurosNa.Net é um projecto que ajuda Famílias, Escolas e Comunidades a promover a segurança online de crianças e jovens.

27 Workshop prático denominado “Hi5 Para Pais” realizado foi consequência do resultado de um questionário fornecido pela MiudosSegurosNa.Net.

28 Trabalho Eu Kids Online é um estudo que dá a conhecer o comportamento ingénua dos jovens na Internet, dando a perceber o quanto importante é os adultos estarem alerta.

do amigo que não recrimina, que aceita, e onde cada um pode vestir o papel que quiser. Consequentemente as pessoas ficam mais vulneráveis a ataques de sujeitos mal-intencionados.

Apesar deste problema, o tipo de comunicação conseguida pelos jovens nos softwares sociais permite a criação de ambientes comunicacionais muito poderosos que permitem a partilha e o trabalho colaborativo entre alunos e entre o professor e seus alunos.

Como referiam os entrevistados, estes softwares possibilitam aos alunos continuar os diálogos com professores e colegas mesmo depois do dia escolar ter acabado. Também no relatório E-Generation confirma-se: “24,1% utiliza ainda o computador para comunicar e pedir ajuda aos professores” (Cardoso, 2007:42). Ou seja, verifica-se que as comunidades virtuais acabam por interferir positivamente na vida pessoal e também escolar dos jovens.

Os alunos já encaram o trabalho de pesquisa online como natural e pesquisam para trabalhos escolares tanto em casa como na escola e nomeadamente na aula quando os professores o permitem. Para muitos jovens, as ferramentas são utilizadas mas não como algo que traz algo de novo. As potencialidades educativas dos computadores ligados à Internet não estão relacionadas apenas com o acesso à informação. Não utilizam a interactividade e diferentes modos de comunicação que ela nos proporciona.

A comunicação online com intuito académico é muito rara. Com os colegas as comunicações acerca de assuntos escolares é feita, na sua grande maioria, somente na escola, e com os professores a comunicação online é ainda muito escassa.

A aproximação online entre professor e aluno tem de começar de alguma forma: alguns professores fornecem o e-mail para os alunos enviarem trabalhos, existindo este contacto de carácter assíncrono é já um ganho para o docente. O aluno sentir-se à vontade para procurar um professor fora da sala de aula para tratar assuntos da aula é muito positivo.

No entanto, o contacto online entre professor e aluno deve incentivar-se para que os alunos deixem de continuar a apelidar os professores de pouco comunicativos e antipáticos. Enquanto os professores não se conseguirem entrosar nas comunidades virtuais, os alunos vão continuar a avaliar negativamente a sua prestação online. Os

professores já começam a tentar tirar partido destes ambientes comunicacionais, mas ainda de forma muitíssimo reduzida.

Relativamente à realidade da escola onde foi realizado o estudo, tendo em conta que a maioria do seu corpo docente é bastante jovem, seria de esperar que a utilização das novas tecnologias nas práticas pedagógicas fosse mais frequente e mais integrada na actividade lectiva.

No que diz respeito ao uso da plataforma de aprendizagem que a escola utiliza, os alunos também fazem uma avaliação desfavorável aos professores.

Pelas respostas dos entrevistados, depreende-se que quando há utilização deste software, esta é ainda limitada ao “despejo” de material digital utilizado em sala de aula, sendo o seu uso elementar. Isto significa que não ocorreu exploração das potencialidades educativas que esta ferramenta apresenta. O que não se compreende, uma vez que esta escola usufruía desta ferramenta desde o ano lectivo 2006/2007. Este aspecto pode estar relacionado com o facto de os professores ainda não terem tido formação/conhecimento acerca de como esta ferramenta poderá integrar o processo de ensino-aprendizagem, ou com a relutância na aplicação por parte dos professores, ou ainda da não aceitação por parte dos alunos.

Nas comunidades virtuais escreve-se colaborativamente e estamos sujeitos à crítica e a uma avaliação constante. Poderá ser este um dos factores que faz com que discentes e docentes menos confiantes mostrem alguma resistência quando se fala na integração das comunidades virtuais para fins escolares? Se o cenário for este, cabe à escola e sobretudo aos professores, aperceberem-se que por aqui está o caminho que pode trazer motivação para o estudo que muitos alunos demonstram, talvez devido a pensarem que é no exterior desta que encontram os seus principais interesses e um mundo mais actualizado. Se os professores não tentarem percorrer este caminho, correm o risco de passarem a imagem que a escola é desactualizada e desinteressante.

Neste estudo, os alunos avaliaram-se como bastante conhecedores destas novas tecnologias, chegando mesmo a referir que percebem mais do que a própria professora da disciplina de TIC, mas não é por isso que desvalorizam o professor. Também no estudo E-Generation, já citado, averiguaram que “73,8% dos jovens afirma ser quem mais sabe de internet em casa” (idem, 2007:57).

Efectivamente, os jovens mostram bastante destreza quando utilizam qualquer tipo de tecnologias.

Este estudo ressaltou um outro facto importante que se ia adivinhando face a respostas fornecidas: os alunos encaram a entrada da escola nas comunidades virtuais a que eles pertencem como algo positivo e vantajoso para ambas as partes. A ideia de comunicação e colaboração alargada a outros alunos que não os da turma a que pertencem, agrada-lhes bastante. Nas entrevistas, em diálogos estabelecidos entre os alunos, eles quase concluíram que as comunidades virtuais (sociais) são bem mais do que redes sociais, acrescentando que são excelentes locais de colaboração.

Como verificámos, a maioria dos jovens adiciona à sua rede de amigos pessoas desconhecidas e/ou menos conhecidas. Por isso, não é de estranhar que estejam dispostos a “abrir as portas” da sua escola a alunos externos a esta.

Um projecto com estas características e dimensões já foi pensado e executado com sucesso. Trata-se do projecto “eTwinning” com finalidade de promover a colaboração entre escolas, através da utilização das TIC, facilitando a criação de parcerias internacionais de curta ou longa duração em qualquer área do saber²⁹. É um exemplo de uma comunidade virtual, com vertente social, que serve não apenas para conhecer novas pessoas e conversar com amigos mas também para usufruto da escola. Temos então a sala de aula transformada numa comunidade.

Aqui está uma estratégia encontrada para a escola usufruir da colaboração e cooperação que está bastante presente nas comunidades virtuais (sociais). Caminho que parece encaminhar para o sucesso das comunidades virtuais ao serviço da aprendizagem.

²⁹ Acedido em http://www.etwinning.net/pt/pub/getting_started.htm (Agosto 2009).

CAPÍTULO VI

Reflexões Finais

Dos objectivos aos Resultados
Implicações e Contribuições deste Estudo
Sugestões para Futuras Investigações
Conclusão

Este estudo focalizou-se essencialmente na recolha de informação e opiniões, procuradas teórica e empiricamente, capazes de nos fazerem entender se a escola deve aliar-se a um dos interesses principais dos jovens e muito actual, as comunidades virtuais sociais.

Neste capítulo de reflexões finais, começaremos por relacionar as questões de investigação inicialmente levantadas e os resultados teóricos e empíricos alcançados. Em seguida, relataremos as implicações e contribuições deste estudo e a encerrar, apresentaremos sugestões para futuros trabalhos seguida de uma breve conclusão de capítulo.

6. Reflexões Finais

Finalizamos este estudo conscientes que apenas “abrimos mais um buraco”, será agora necessário “plantar a árvore, segui-la de muito perto para perceber se o crescimento está a ser saudável e não um crescimento pouco sadio que a encaminhará para a morte”.

Queremos com isto dizer que iniciamos este trabalho na tentativa de obter respostas às questões: **“Pode a sala de aula transformar-se numa CV (social)?”** e **“Qual o alcance do ciberespaço e ciberespaço social para a actividade educativa?”**. No entanto, apenas ficaremos pela elaboração de algumas observações tendo em conta o que foi investigado, observado e analisado durante este estudo. Opinaremos em relação a estas mesmas questões mas obviamente elas não encontram a resposta final neste estudo. Daqui em diante será necessário investir muito mais, fazer tentativas e caminhar sempre de muito perto para perceber se elas nos encaminham correctamente enquanto educadores.

Reparamos que na Web as experiências negativas e positivas existem. No entanto, ao invés de ficarmos parados, podemos também tentar saber quais são os mecanismos/ferramentas que levam a esses dois tipos de experiências. Pois tratando-se de educação, a avaliação feita e as experiências existem dependendo do papel que o jovem adopta na Web (Ponte e Simões, 4:2008).

6.1. Dos objectivos aos Resultados

A sociedade evolui continuamente na área tecnológica e por isso a escola como instituição social também precisa continuar a evoluir para que os seus alunos possam usufruir de um processo de uma aprendizagem actual para além de significativo e funcional.

Apesar do sentido deste último parágrafo aparecer tantas vezes nos mais diversos estudos actuais relacionados com a tecnologia educativa, não podemos deixar de o incluir em mais este estudo. Porque é a conclusão mais relevante e que funciona como “motor de arranque” para o desencadeamento de mais investigações nesta área.

Neste estudo, não descobrimos que a área da educação não pode parar face a este grande agitar tecnológico, também não fomos revolucionários ao pensar que a escola pode ganhar novas estruturas para além da física tradicional, estruturas virtuais que

passam pelo conceito de CV (social). Apesar de tantos discursos inovadores neste campo, o certo é que eles ainda não chegaram à conclusão de como estas comunidades podem promover um encontro afortunado com a aprendizagem. Na nossa opinião, talvez seja porque a palavra inovação não tem tanto a ver com tecnologia mas sim com a atitude dos docentes que leccionam nas escolas.

Este foi o maior motivo que nos levou a realizar este estudo iniciado em 2008. Iniciamos este estudo em 2008 mas acabámos só agora, no último semestre de 2009. Apesar de não ter sido propositado, pensamos que este intervalo de tempo alargado terá representado uma mais valia para o nosso estudo. Como o questionário e as entrevistas ocorreram em alturas temporais diferentes do acompanhamento virtual, com cerca de meio ano de diferença, foi-nos possível averiguar a existência ou inexistência de alterações comportamentais dos nossos entrevistados nas suas vidas online.

Uma segunda mais valia foi a possibilidade que tivemos de conhecer de perto a realidade de duas escolas públicas portuguesas (anos lectivos 2007/2008 e 2008/2009) também situadas no distrito do Porto como a escola profissional privada onde decorreu o estudo. Trabalhámos com diversos alunos e com inúmeros professores, pois, visto serem escolas citadinas, apresentam um elevado número de discentes e docentes.

Como já referimos, percebemos que este estudo é essencialmente exploratório visto que não se finaliza em si mesmo. A experiência adquirida nos dois últimos anos lectivos teve um peso significativo para nos apercebermos deste facto. Porque deu para perceber que no ensino ainda há muito para desvendar relativamente à introdução das tecnologias *web*. Toda a gente tem conhecimento da vontade dos jovens se ligarem todo o dia às novas tecnologias mas discute-se, quando se discute, de forma pouca informada a falta das tecnologias em contexto escolar de sala de aula como forma de interessar os estudantes para a aprendizagem através dos meios seus conhecidos.

Na escola onde decorreu este estudo havia a preocupação de criar soluções para os problemas com que esta se deparava, como por exemplo o abandono escolar precoce e o insucesso dos alunos. As respostas foram pensadas e integradas na criação de ambientes que propiciassem o desenvolvimento de práticas de ensino e de aprendizagem que permitissem anular esses problemas. No entanto, as soluções encontradas, que incluíram a integração das TIC e dinamização da sua utilização, não parecem ter reflexos assinaláveis nas práticas dos docentes. E pensamos ser este o cenário que invade a maioria das nossas escolas, ou melhor, um número bastante significativo de escolas públicas portuguesas.

Estamos convictos que nas escolas os materiais existem mas não estão a ser utilizados para benefício do nosso ensino. Como alertou Valente numa comunicação apresentada na *VII Conferência Interbncional – Challenges*, chamamos a atenção de que ter um computador, um projector e um quadro interactivo não é melhor para a educação do que usar um quadro preto e giz colorido. É diferente. (2009).

As novas tecnologias têm de ser olhadas com grande poder crítico por parte de quem as coloca no ensino directamente, ou seja, tem de ser cada um dos docentes a perceber as potencialidades das (novas) TIC. Por isso, deixemos de querer que a mudança seja imputada de fora para dentro da escola e consequentemente para dentro da sala de aula, ela tem de ocorrer interiormente. Damos-lhes as ferramentas, agora têm de ser os actores directos a perceber as suas potencialidades. Obviamente uns atingirão primeiro que outros os benefícios delas, mas depois há-de vir o colega que viu e achou interessante e depois um outro também há-de ver este último e assim sucessivamente. Este poderá ser o caminho a percorrer para que os professores deixem de transportar material tecnológico para as salas de aula só porque está na moda e não querem ser chamados pelos colegas de desactualizados.

Falando pela experiência que temos vindo a adquirir, percebemos que nas escolas existem os professores que utilizam as TIC em sala de aula, sabem usá-las e por isso têm resultados muito positivos com os alunos e há professores que usam as TIC na sala de aula, mas como possuem poucos conhecimentos acerca de como o podem fazer bem, não têm resultados suficientemente positivos que os levem a investir mais na sua aplicação. Por isso, neste último grupo, uns apercebem-se que ainda não têm bastantes conhecimentos pedagógicos para as conseguirem aplicar bem em contexto de sala de aula, outros acabam por passar o testemunho que não, ou seja, que as TIC não trazem nada de novo para o ensino. Logo para estes mais reticentes tem de se lhes fazer entender que as TIC por si só não produzem novas ideias, pois isso depende essencialmente deles. Ter acesso à informação não chega, pois há muita a circular, mas é preciso ter acesso à informação de qualidade e saber usá-la em benefício próprio e de forma consequente e produtiva.

Este fenómeno é compreensível pois sabemos que as pessoas não têm todas a mesma forma de encarar as mudanças: quer seja a nível pessoal, quer a nível profissional. Em todas as profissões encontramos “... profissionais com maior ou menor iniciativa, mais ou menos motivados, mais convencionais ou proactivos” (Moran, 2008).

Contudo, não podemos dizer que estamos a caminhar no mau sentido. Um indicador que pode ser relevante para aferir o nível de utilização das TIC é ser o uso de correio electrónico por parte dos docentes, ferramenta que requer o domínio do processador de texto e o conhecimento das potencialidades comunicativas da Internet. E esta parece ser uma ferramenta já muito utilizada por parte dos professores para contacto com os colegas. Agora resta estes perceberem que muitos dos seus alunos também têm e-mail, também andam neste mundo virtual. Quando perceberem, têm de saber usar isto a seu favor, têm de ir ao encontro dos alunos mas não de uma maneira forçada como vemos tantas vezes. É óbvio que muitos professores já se aperceberam mas, mais uma vez reforçamos, que o que acontece é criarem lugar na Web só porque está na moda e ouvem dizer que os alunos querem. Por exemplo: a *Moodle*, para quê criar um lugar forçado para os jovens/alunos se os adolescentes nunca gostaram de se ver obrigados a nada! Para eles, tal criação deve parecer-lhes muito incongruente pois eles já têm um espaço, ou vários espaços na Web. Ter mais um, e que não é de criação própria, ficar-lhes-á sempre bastante distante.

Os adolescentes já têm as suas páginas pessoais, os seus meios de comunicação online, espaços onde participam voluntariamente. Para quê as escolas aderirem à plataforma *Moodle*, ou outras do mesmo género, se para os alunos isto continua a ser escola, como dizia um dos entrevistados, e nada tem a ver com as comunidades a que eles já se habituaram e com as quais se sentem familiarizados com o seu manuseio?

Um dos alunos que participou neste estudo acrescentou que não havia motivação para irem lá, pois já sabiam que se fossem lá o que iriam encontrar eram os documentos que a professora já tinha entregue. Ou seja, mais uma vez repararam que também da parte do professor existe alguma desmotivação ou alguma falta de conhecimento em utilização deste tipo de plataformas.

Entre tantas outras conclusões que ainda se poderão tirar, entende-se que a escola tem de dar um passo em frente e entrar no mundo que já é deles. Tudo indica que os alunos vão aceitar, que as suas atitudes comunicativas vão melhorar. As relações entre alunos e aluno/professor irão com certeza ficar mais fortes. E quem sabe o interesse pela escola crescer, pois a comunidade escolar vai poder actuar no seio do ambiente eleito por um dos seus principais membros – os alunos.

6.2. Implicações e Contribuições deste Estudo

Pensamos que este trabalho forneceu auxílios para a identificação de algumas implicações para as políticas e práticas pedagógicas e ainda alguns contributos.

Quando falamos em ir de encontro aos alunos algures no ciberespaço, queremos com isto chamar a atenção que eles já elegeram os seus locais e portanto não estão muito dispostos para mudanças forçadas.

Na falta de investigação nesta área podemos falar acerca da nossa experiência com estes softwares sociais. Valente e Mattar (2008) referem que há uns tempos os alunos procuravam os amigos, os familiares nas comunidades virtuais (sociais), mas agora eles procuram também os professores. É bem verdade, sou professora de Matemática e os meus alunos, desde há dois ou três anos, no início do ano lectivo, pedem-me que os adicione à minha rede de amigos. Ou seja, não estão a rejeitar os professores nestas redes. Por vezes, alguns alunos mais inibidos rejeitam a comunicação na sala de aula mas são os promotores da mesma nas comunidades virtuais.

Percebemos quando referem que softwares como o Hi5 não foram criados com fins educacionais. Realmente têm razão, é por isso que estes softwares não disponibilizam muitas das ferramentas que possuem os ambientes de aprendizagem virtual. No entanto, ele pode ser utilizado não como um local onde ocorra aprendizagem significa mas pode servir como uma ponte para que a mesma aconteça. Por exemplo: averiguamos que nas comunidades virtuais sociais podemos minimizar a inibição dos alunos, afastando a timidez e o receio da crítica/avaliação cara-a-cara. Temos então um aspecto importante destas comunidades virtuais sociais que poderá ajudar o aluno na participação no processo de aprendizagem, e ainda fazê-lo de forma construtiva e colaborativa. E ainda mais uma vez realçamos, a escola tem de tentar aproveitar estas características intrínsecas às comunidades virtuais sociais para a elaboração de trabalhos criativos, trabalhos sujeitos a comentários vindos dos mais diversos locais do mundo, troca de ideias, colaboração, comunicação desinibida, etc. Estas comunidades dão a possibilidade de encontrar inúmeras pessoas interessadas no mesmo assunto, esta característica deve ser aproveitada pela escola. Achamos que os alunos irão esforçar-se mais por exporem os trabalhos a um público mais alargado e de forma indirecta. Os seus trabalhos estão sempre sujeitos a avaliação só de uma professora, não será mais estimulante pensar que agora poderão estar a ser avaliados por diversos elementos que

pertencem a essas comunidades virtuais. Algo que até então nunca foi possível com os alunos dentro de uma sala de aula.

Ao professor está a ser exigido um novo desafio. Não basta saber pesquisar na Web, saber ligar um projector multimédia e saber utilizar um quadro interactivo. Estas competências, por si só não nos deixam aptos para a docência na sala de aula, e são aspectos a que os alunos nem importância dão. O que eles valorizam é a interacção que se consegue estabelecer.

6.3. Sugestões para Futuras Investigações

Uma vez chegados ao momento final do nosso trabalho e fazendo uma retrospectiva do percurso que realizámos, constatamos que várias questões continuam em aberto. Na tentativa de compreender todo o processo em curso e na sua complexidade, ficou-nos a sensação de que muitos aspectos mereceriam ser aprofundados.

Sugerimos que outros estudos possam pesquisar outros resultados importantes dos quais nós sentimos necessidade para que uma conclusão efectiva fosse realizada. Deixamos aqui cinco sugestões:

1. Um estudo que amplie o referencial teórico dentro das dimensões propostas neste estudo.
2. Um estudo que englobe não só estudantes mas também os seus pais. E tentar responder a algumas questões do género: os pais dos jovens estudantes também frequentam comunidades virtuais e têm o seu espaço próprio? Procuram o espaço dos seus filhos ou têm conhecimento do espaço que eles criaram e sabem qual o seu conteúdo? Incentivam os filhos a criar espaços virtuais caso não o tenham ou pelo contrário desaconselham? E o que pensam os pais de a escola entrar neste mundo das comunidades virtuais (escola expandida)?
3. Um estudo com alunos menos interessados pela escola apesar de mostrarem capacidades para alcançar o sucesso. A ideia seria tentar perceber se eles têm fora da escola algo que os motiva mais.
4. Um estudo com os professores. Partilhamos o ponto de vista de Andy Hargreaves (1998) quando diz que é necessário ouvir o que os professores têm para dizer quanto à mudança seja ela qual for.

A ideia seria entender o porquê da tecnofobia que afecta muitos dos docentes nas escolas e que está oposta à tecnodependência que afecta os seus alunos.

5. Um estudo que averigüe se a plataforma de aprendizagem *Moodle*, ou outras do género, estarão a ter algum sucesso educativo junto dos alunos e professores que frequentam o ensino presencial.

6.4. Conclusão Final

Com as TIC surge a possibilidade dos alunos pensarem, repensarem, ligarem, religarem e recriarem, isto significa uma mudança positiva, pois existe um crescimento a nível cognitivo do aprendente.

Pensamos ser urgente mudança de mentalidades. Apesar de muitas dificuldades, existe investigação suficiente que fundamenta exigências de revisões das práticas pedagógicas para futura implementação de novas e radicais.

Ocorreram mudanças que não podem continuar a ser ignoradas. Nós, professores dos jovens que pertencem à *geração net*, temos de nos aproximar o mais possível deste novo mundo povoado por eles para que o desfasamento entre gerações não se revele acentuado.

Neste estudo parece estar comprovado que a aprendizagem pode promover-se em ambientes informais, como os softwares sociais, pois estes incentivam à participação em discussões e tarefas propostas. A escola e os professores tem de se preparar e adoptar estratégias que se adaptem às novas situações.

Bibliografia

- ALMEIDA, Reginaldo R. (2004). *Sociedade Bit: Da Sociedade da Informação à Sociedade do Conhecimento*. Lisboa: Quid Juris.
- AMANTE, Lúcia (2007). Infância, Escola e Novas Tecnologias. In Fernando Costa, Helena Peralta & Sofia Viseu (Orgs), *As TIC na Educação em Portugal. Concepções e Práticas*. Porto: Porto Editora, pp. 102-123.
- AMEIDA, Leandro S. e Freire, Teresa (2007). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- ALONSO, José D. (2007). As TIC na Atención á Diversidade: Impacto Escolar. In BARCA, A., PERALBO, M., PORTO, A., SILVA, Bento D. e ALMEIDA, L. (Eds.) (2007). *Livro de Actas do Congresso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía*. A. Coruña/Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación.
- AMANTE, Lúcia (2009). A Avaliação da Aprendizagens em Contexto Online. O E-Portefólio como Instrumento Alternativo. *II Challenges 2009- Actas da VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação*. Braga: Centro de Competência Nónio Sec XXI: Universidade do Minho. 1701-1710
- AMARAL, Adriana. (2008). Subculturas e cibercultura(s): Para uma genealogia das identidades de um campo. *Revista Famecos* [Revista online], Porto Alegre, n.37, Dez. 2008. 38-44
- ALAVA, Séraphin (2002) (Org.). *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Porto Alegre: Artmed.
- ALMEIDA, M. I. M. de e EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ALVES, Aníbal (2008). Comunicação e Intencionalidade. In Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) *Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação 6 - 8 Setembro 2007*, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
- ARAÚJO, Júlio C (2006). O que o meu aluno faz nesse tal de Orkut? *Vida Educação*. Fortaleza: Brasil Tropical, ano 3, nº9, 2006. 29-32.
- ARNAU, Albert Garcia e outros (2006). *Sociedad Móvil, Cultura Messenger: Mitos e intereses en Torno a los jóvenes y la tecnología*. Comunicação apresentada no III Congresso Online – Observatório para la Cibersociedad [2006]. <http://www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?id=1022&llengua=es> (Consultado na Internet em Agosto de 2008)
- ARRUDA, Eucidio (2004). *Ciberprofessor: novas tecnologias, ensino e trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica.
- BARBERÀ, Elena (2009). Evaluación en Redes Sociales. *Challenges 2009- Actas da VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação*. Centro de Competência Nónio Sec XXI: Universidade do Minho. 1696-1699
- BISQUERRA, Rafael. (1989). *Metodos de investigación educativa. Guia practica*. Barcelona: CEAC.

- BLANCO, Elías and Silva, Bento Duarte da (1993) *Tecnologia educativa em Portugal : conceito, origens, evolução, áreas de intervenção e investigação*. *Revista Portuguesa de Educação*, 6 (3). pp. 37-55.
- BODGAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- BOURDIEU, Pierre (2001). *O Poder simbólico*. Algés: DIFEL.
- CARDOSO, Gustavo (1998). *Para um Sociologia do Ciberespaço: comunidades virtuais em português*. Oeiras: Celta Editora.
- CARDOSO, Gustavo; COSTA, António; CONCEIÇÃO, Cristina & GOMES, Maria (2005). *A Sociedade em Rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- CARDOSO, G., ESPANHA, R., & LAPA, T. (2007). *E-Generation - Os Usos dos Media pelas crianças e Jovens em Portugal*. Consultado em Outubro de 2008, de <http://cies.iscte.pt/destaques/documents/E-Generation.pdf>
- CARRÃO, Eduardo, SILVA, Bento e PEREIRA, Rosilene (2007). Repensar as TIC na Escola e na Educação. In BARCA, A., PERALBO, M., PORTO, A., SILVA, Bento D. e ALMEIDA, L. (Eds.) (2007). *Livro de Actas do Congresso International Galego-Portugués de Psicopedagogia*. A. Coruña/Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación.
- CARVALHO, Ana Amélia (1999). *Os Hipermédia em Contexto Educativo*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- CASTELLS, Manuel (2007). *A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede* (vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CASTELLS, Manuel (2004). *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CITELLI, Adilson (2002). *Comunicação e educação: linguagem em movimento*. São Paulo: SENAC.
- COSTA, Fernando, PERALTA, Helena Peralta e VISEU, Sofia (Eds.) (2007). *As TIC na Educação em Portugal. Concepções e Práticas*. Lisboa: Porto Editora.
- COSTA, Fernando (2007). Tecnologias em Educação – Um Século à Procura de uma Identidade. In Fernando Costa, Helena Peralta & Sofia Viseu (Orgs), *As TIC na Educação em Portugal. Concepções e Práticas*. Porto: Porto Editora, pp. 11-12.
- COUTINHO, Clara P. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: Universidade do Minho, CIED.
- COUTINHO, Clara P. (2006). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade. *Educação Unisinos*, 12(1). pp.: 5-15.
- COUTINHO, Clara P. (2006). Tecnologia Educativa e Currículo: caminhos que se cruzam ou se bifurcam? In A. MOREIRA et al (Org.). *Actas do VII Colóquio sobre Questões Curriculares – III Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares – Educação e (des) igualdades*, Braga: Edições CIED, Universidade do Minho, pp. 976-992.

- DAMASIO, M. J. (2007). *Tecnologia e Educação. As Tecnologias da Informação e da Comunicação e o Processo Educativo*. Lisboa: Nova Vega.
- DAMÁSIO, Manuel (2008). A experiência de uso e consumo dos media em ambientes multimédia distribuídos. In Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) *Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação* 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
- DÁVILA, Alan (2006). Las TIC en la vida de los jóvenes. In *III Congreso Online – Observatório para la Cibersociedad: Conocimiento abierto, sociedad libre*. <http://www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?llengua=es&id=430> (consultado em 21 de Julho 2008).
- DIAS, Figueiredo (1999). Importância e Complexidade da Formação de professores na Sociedade da Informação. In CNE, *A Sociedade de Informação na Escola*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação – Ministério da Educação, pp. 55-61.
- DIAS, Paulo (2003). Redes e Comunidades de Aprendizagem Distribuída. In Vito Carioca e Cesário Almeida (Orgs.) *Actas do 1º Encontro Ibérico de Tecnologias da Informação e Comunicação, EVOLUTIC 2003*. Beja: Centro de Competência Nónio Séc. XXI da Escola Superior de Educação de Beja.
- DIAS, Paulo (2007). Mediação Colaborativa das Aprendizagens nas Comunidades Virtuais e de Prática. In Fernando Costa, Helena Peralta & Sofia Viseu (Orgs), *As TIC na Educação em Portugal. Concepções e Práticas*. Porto: Porto Editora, pp. 31-36.
- DIAS, Paulo (2008). Da E-Moderação à Mediação Colaborativa nas Comunidades de Aprendizagem. *Educação, Formação & Tecnologias*, 1(1), 4-10.
- DIAS, Paulo, SOARES, Célia e SANTOS, Beatriz (2008). Mundos virtuais – comunidades *online*: estudo e comparação de algumas aplicações. In Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) *Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação* 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
- DOWNES, Stephen (2009). New technology Supporting Informal Learning. *Challenges 2009- Actas da VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação*. Centro de Competência Nónio Sec XXI: Universidade do Minho. 15-29
- DUGGLEBY, J. (2002). *Como ser um tutor online*. Lisboa: Monitor.
- FERRARA, Lucrecia (2008). Ciberespaço: conceito à procura de um nome. *Revista Famecos* [Revista online], Porto Alegre, n.37, Dez. 2008. 25-31
- FINO, Carlos (2006). A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. Disponível em <http://www.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>. (Acedido a Maio de 2009).
- FLICK, UWE (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- FOX, David (1981). *El Proceso de Investigación en Educación*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra S.A.
- GATES, Bill (1995). *Rumo ao futuro*. Alfragide: McGraw-Hill.
- GIDDENS, Anthony (2000). *As consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.

- HAMPTON, Keith, & Barry Wellman (2000). Examining Community in the Digital Neighborhood: Early Results from Canada's Wired Suburb. In Toru Ishida and Katherine Isbister (Eds.), *Digital Cities: Technologies, Experiences, and Future Perspectives*. Lecture Notes in Computer Science 1765. Heidelberg, Germany: Springer-Verlag. P. 194-208. (consultado em www.mysocialnetwork.net/downloads/digitalcities_final_r.pdf)
- HARDAGH, Cláudia C. (2008). As Redes Sociais – Uma Proposta de Escola Expandida. In Ana Amélia Carvalho (Org.). *Actas do Encontro sobre Web 2.0*. Braga: CIEed. 133-145
- ILLERA, José L. Rodríguez (2007). Como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 03, pp.117-124. Acedido em Setembro, 2007. Consultado em <http://sisifo.fpce.ul.pt>.
- JACQUINOT, Geneviève (direc.) (2002). *Le jeune et les médias. Perspectives de la recherche dans le monde*. Paris : L'Harmattan.
- JUSTIÇA, Maria P. (s/d). *A Internet no Contexto Escolar*. Disponível em www.bocc.ubi.pt/pag/justica-paula-internet-contexto-escolar.pdf. Acedido a Outubro de 2007.
- ILLERA, José L. Rodríguez (2007) Como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. *Revista Ciência da Educação*, nº 3, mai/ago. 117-124
- KEEGAN, Desmond, et. al. (2002). *E-Learning – O Papel dos Sistemas de Gestão da Aprendizagem na Europa*. Lisboa: Instituto para a Inovação na Formação.
- LAUREL, Brenda (2004). Design Research, Practices, and Principles for Digital Kids: 1. San Francisco: Exploratorium & Macarthur Foundation. Disponível em http://www.exploratorium.edu/research/digitalkids/Laurel_DigitalKids.pdf (acedido a Agosto de 2009)
- LeCOMPTE, Margaret Diane (1993). *Ethnography and Qualitative Design in Educational Research*. San Diego: Academic Press.
- LEMOS, André (org) (2004). *Cibercidade: As cidades na cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora epapers.
- LEMOS, André & PALACIOS, Marcos (2004). *Janelas do ciberespaço. Comunicação e Cibercultura*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- LEMOS, André & CUNHA, Paulo (orgs) (2003). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.
- LENCASTRE, José & ARAÚJO, Maria (2007). Impacto das Tecnologias em Contexto Educativo Formal. In BARCA, A., PERALBO, M., PORTO, A., SILVA, Bento D. e ALMEIDA, L. (Eds.) (2007). *Livro de Actas do Congresso International Galego-Português de Psicopedagogia*. A. Coruña/Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación.
- LÉVY, Pierre (1990). *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era Informática*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LEVY, Pierre (1997). *Inteligência Colectiva - Para uma antropologia do ciberespaço*. Lisboa: Instituto Piaget.

- LÉVY, Pierre (2000). *Cibercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LÉVY, Pierre (2001). *O Que é o Virtual?* Coimbra: Quarteto.
- LIVINGSTONE, Sonia & BOVILL, Moira (2001). *Children and Their Changing Media Environment: A European Comparative Study*. London: Sage.
- LYON, David (1992). *A Sociedade da INFORMAÇÃO*. Oeiras: Celta Editora.
- MARQUES, Raquel (2008). *Deve a Escola Entrar no Ciberespaço dos Alunos?* In actas IV Colóquio Luso-Brasileiro, VIII Colóquio sobre Questões Curriculares. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- MARTIN-BARBERO, Jesus (2006). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- MARTINS, Dalila e QUICO, Célia (2008). O desafio da Literacia dos Novos Media em Portugal: O contributo da iniciativa PT Escolas II. In MARTINS, Moisés de L. & PINTO, Manuel (Orgs.). *Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação* 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho).
- MATTAR, João e VALENTE, Carlos (2007). *Second Life e Web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias*. São Paulo: Novatec.
- MATTAR, João (2008) O uso do Second Life como ambiente virtual de aprendizagem. Revista Fonte, nº8, Prodemge: Minas Gerais, 88-95. Consultado em http://www.educacaoadistancia.blog.br/revista/ucp_joaomattar.pdf, acedido a Julho de 2009.
- McLUHAN, Marshall (2009). *Compreender-me: Conferências e Entrevistas*. Lisboa: Relógio de Água.
- MELO, Paulo Henrique da Fonseca (2005). Software Social e Interação Humana: Observações Preliminares Sobre o Orkut. In *Hipertexto 2005, Encontro Nacional sobre Hipertexto: Desabafos Linguísticos, Literários e Pedagógicos*, 1., 2005, Recife. Consultado em <http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Paulo%20Henrique%20da%20Fonseca%20Melo.htm>. Acedido em Junho 2009.
- Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (2005). Ligar Portugal: Um programa de acção integrado no PLANO TECNOLÓGICO do XVII Governo: mobilizar a Sociedade de Informação e do Conhecimento. Acedido a <http://www.ligarportugal.pt/pdf/ligarportugal.pdf>. Acedido em Setembro de 2009.
- MIRANDA, Guilhermina L. (2007). Limites e possibilidades das TIC na educação. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 03, pp.41-50. Consultado em <http://sisifo.fpce.ul.pt>. Acedido em Agosto de 2009.
- MONTEIRO, Alcides e RIBEIRO, Fernando (2008). *Redes Sociais: Experiências, Políticas e Perspectivas*. Ribeirão: Húmus.
- MORAES, D. (org.) (2006). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad.
- MOREIRA, António (2008). A Web social, “novo” espaço de ensino e aprendizagem. In Carvalho, Ana Amélia A. (Org.). *Actas do Encontro sobre Web 2.0*. Braga: CIED. 50-54
- MORGADO, Leonel (2009). Os Mundos Virtuais e o Ensino-Aprendizagem de Procedimentos. In *Challenges 2009- Actas da VI Conferência Internacional de*

Tecnologias de Informação e Comunicação. Centro de Competência Nónio Sec XXI: Universidade do Minho. 78-87

MORIN, José (2008). *Por que as mudanças são tão lentas na educação?* Consultado em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/lentas.htm>. Acedido em Outubro de 2009.

MOURA, Adelina (2009). Geração Móvel: Um Ambiente de Aprendizagem Suportado por Tecnologias Móveis para a “Geração Polegar”. *Challenges 2009- Actas da VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação*. Centro de Competência Nónio Sec XXI: Universidade do Minho. 49-77

NAVARRO, Raquel (2003). *As Novas Tecnologias segundo as Teorias da Aprendizagem*. Consultado em http://www.cantinhodoprofessor.org/professor_saber/tecnologia.htm. Acedido em Julho de 2009.

NAVARRO, Rubén E. (2004). ¿Es usted padre de familia de la generación NET? *Revista electrónica REDcientífica*. Madrid. Consultado em <http://www.redcientifica.com/doc/doc200405149001.html>. Acedido em Agosto de 2008

NIETO, Saul Angeles (2006). *Cibercultura ¿Qué somos y a dónde vamos?* Comunicação apresentada no III Congresso Online – Observatório para la Cibernsiedad [2006]. Consultado em <http://www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?llengua=es&id=719>. Acedido em Agosto de 2008

NÓVOA, António (2007). Prefácio. In Fernando Costa, Helena Peralta & Sofia Viseu (Orgs), *As TIC na Educação em Portugal. Concepções e Práticas*. Porto: Porto Editora, pp. 11-12.

OCES (2007), *Oferta e Procura de Formação em Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino Superior: 1997/98-2005/06*, Lisboa, Observatório da Ciência e do Ensino Superior – Direcção de Serviços de Estatística e de Indicadores.

OLIVEIRA, Hélia & PONTE, João Pedro (s/d). *Comunidades virtuais no ensino, na aprendizagem e na formação*. Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento do Ministério de Educação, III Congresso Nacional de Projectos de Informação sobre Educação. Consultado em www.spce.org.pt/sem/01Ponte.pdf. Acedido em Outubro de 2007.

OLIVEIRA, Lia Raquel & BLANCO, Elias (2003) *Uso da internet na formação de base de professores: uma proposta de plataforma de suporte a actividades de aprendizagem*. ELO Especial, 2003. 67-81

OLIVEIRA, Lia Raquel (2006). *Metodologia do desenvolvimento: um estudo de criação de um ambiente de e-learning para o ensino presencial universitário*. *Educação Unisinos*, 10 (1). pp. 69-77.

OLIVEIRA, Rosa (2002). *Diários Públicos, Mundos Privados: Diário íntimo como género discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Bahia: Universidade Federal da Bahia.

PALOFF, Rena M; PRATT, Keith (1999). *Building Learning Communities in Cyberspace; effective strategies for the online classroom*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

PALOFF, Rena M. (2002). *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço*. Porto Alegre: Artmed

- PALOFF, Rena M; PRATT, Keith (2003). *O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line*. Porto Alegre: Artmed.
- PAPERT, Seymour (1997). *A família em rede*. Lisboa: Relógio d'Água.
- PASIN, Enrique C. P. (2006). *El ciberespacio. ¿Un nicho imaginario para la juventud?* Comunicação apresentada no III Congresso Online –Observatório para la Cibersociedad [2006]. <http://www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?llengua=es&id=7>. Acedido em Agosto de 2008.
- PEREIRA, Maria da Graça & MARQUES, Raquel (2007). O Caso de Amor dos Jovens pelos meios de Comunicação Digital. In A. Barca, M. Peralbo, A. Porto, B. Duarte Silva & L. Almeida (Eds.). *Livro de Actas do Congreso Internacional Galego-Português de Psicopedagogía*, Universidade de Coruña pp 717-727.
- PEREIRA, Graça (2009). *O Caso de Amor dos Jovens pelos Meios de Comunicação Digital Análise dos usos, valores e competências desenvolvidas em TIC por jovens do 3º ciclo do ensino básico, no contexto escolar e familiar: a influência do contexto e o factor divisão digital na relação dos jovens com a tecnologia*. Dissertação do Mestrado não publicada. Universidade do Minho.
- PEREIRA, Graça e SILVA, Bento (2009). A Tecnologia sob o Olhar de Jovens e Famílias: Usos, Valores, Competências e o Factor Divisão Digital. *Challenges 2009-Actas da VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação*. Centro de Competência Nónio Sec XXI: Universidade do Minho. 555-570
- PERÉZ SERRANO, Gloria (1998). *Investigación Qualitativa. Retos e Interrogantes*. Vol I – Métodos. Madrid: Editorial La Muralla.
- PERROTTI, E. e VIGNERON, J. (2003). *Novas Tecnologias no Contexto Educacional: reflexões e relatos de experiências*. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo.
- PIMENTEL, Renê, Rios, J. e SILVA, B. (2007). Second Life como alternativa lúdica ao desenvolvimento do pensamento divergente. In BARCA, A., PERALBO, M., PORTO, A., SILVA, Bento D. e ALMEIDA, L. (Eds.) (2007). *Livro de Actas do Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. A. Coruña/Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación.
- PINTO, Manuel (2002). *Práticas Educativas numa Sociedade Global*. Porto: Edições Asa.
- PITTA, Sara e PEDRO, Luís (2008). Análise das interações em ambientes virtuais: um estudo de caso no SecondLife. In Carvalho, Ana Amélia A. (Org.) *Actas do Encontro sobre Web 2.0*. Braga: CIEd. pp.273-284
- PONTE, Cristina e SIMÕES, José Alberto (2008). Crianças e jovens online: comparando os usos da Internet e dos novos media na Europa. Algumas pistas de reflexão a partir do projecto EU Kids Online. In *VI Congresso Português de Sociologia*. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/ComunicacaoCP-JAS.pdf>. Acedido em Setembro de 2009.
- PONTE, João Pedro (2000). Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação de Professores: Que Desafios? *Revista Iberoamericana de Educación*, Setembro-Dezembro, nº24.Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI): Madrid. 63-90.

- POUT-LAJUS, Serge e RICÉ-MAGNIER, Marielle (1998). *A Escola na Era da Internet: Os Desafios do Multimédia da Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- PRADOS, Maria (2006). Cyberbullying. Una auténtica realidad. In: *III Congreso Online – Observatório para la Cibersociedad: Conocimiento abierto, sociedad libre*. <http://www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?llengua=es&id=925> (acedido em 21 de Julho 2008).
- PREECE, Jenifer, ROGERS, Yvonne & SHARP, Helen (2002). *Design de Interação: Além da interação homem-computador*. São Paulo: Bookman.
- PRIMO, Alex (1997). A emergência das comunidades virtuais. In *Intercom 1997 – XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Santos. Consultado em http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf. Acedido em Maio de 2007.
- QUICO, Célia (2008). Participação nos media e os jovens dos 12 aos 18 anos: estudo de avaliação de um formato ‘cross-media’. In revista *Prisma.com – revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC*, nº 8, Universidade do Porto.
- ROESLER, Jucimara e SARTORI, Ademilde S. (2003). *Comunidades virtuais de aprendizagem: espaços de desenvolvimento de socialidades, comunicação e cultura*. Disponível em <http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos%20pdf/artigo1.pdf>. Acedido em Setembro de 2009.
- RAMAL, Andréa Cecília (2002). *Educação na cibercultura*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- RAMONET, Ignacio (1999). *A Tirania da Comunicação*. Porto: Campo da Letras.
- RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet: considerações iniciais. *XXVII INTERCOM*. Porto Alegre, 2004. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-redes-sociais-na-internet.pdf>. Acedido a Junho de 2009.
- REIGNOLD, Howard (1996). *A Comunidade Virtual*. Lisboa: Ciência Aberta, Gradiva.
- RIGONI, Dirce M. (2006). *A Vivência dos Jovens nas Comunidades Virtuais: Indicativos para Acções Pedagógicas*. Consultado em <http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc017.pdf>. Acedido em Setembro de 2009.
- SANTOS, Carlos (2009). Plataforma Integrada de Serviços Web 2.0 para a Educação. In *Challenges 2009- Actas da VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação*. Centro de Competência Nónio Sec XXI: Universidade do Minho. 34-48.
- SELWYN, Neil (2009). In Defense of Digital Difference: A Critical Perspective on the Curricular Challenges of Web 2.0. In *Challenges 2009- Actas da VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação*. Centro de Competência Nónio Sec XXI: Universidade do Minho. 325-339.
- SILVA, Adelina (s/d). *Mundos Reais, Mundos Virtuais. Os Jovens nas salas de chat*. Universidade Aberta. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adelina-mundos-reais-mundos-virtuais.pdf> (acedido em Outubro de 2007).
- SILVA, Adelina (2006). Processos de ensino-aprendizagem na Era Digital, *Revista TEXTOS de la Cibersociedad*. Disponível em <http://www.cibersociedad.net/textos>. Acedido a Julho de 2009.

- SILVA, Adelina (s/d). *Aprendizagem e Comunidades de Prática*. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adelina-aprendizagem-e-comunidade.pdf>. Acedido a Agosto de 2009
- SILVA, Bento (1998). *Educação e Comunicação*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- SILVA, Bento (2001). A Tecnologia é uma Estratégia. In Paulo Dias & Varela de Freitas (org.). *Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*. Braga: Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho, pp: 839-859.
- SILVA, Bento (2001). As tecnologias de informação e comunicação nas reformas educativas em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 14, nº 2, Braga: Universidade do Minho, pp. 111-153.
- SILVA, Bento (2002). A inserção das tecnologias de informação e comunicação no currículo – repercussões e exigências na profissionalidade docente. In António Moreira Flávio & Elisabete Macedo (coords.) *Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Porto: Porto Editora, pp. 65-91.
- SILVA, Bento (2005). Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais. *Revista Educação & Cultura Contemporânea*, vol. 2, nº 3, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, pp. 31-51.
- SILVA, Marco (2002). *Sala de Aula Interactiva*. Rio de Janeiro: Quartet.
- SILVA, Marco (2008). Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online. *Revista Famecos* [Revista Online], Porto Alegre, nº37, Dezembro de 2008. 69-74
- SILVEIRA, Sérgio A. (2008). Cibercultura, commons e feudalismo informacional. *Revista Famecos* [Revista online], Porto Alegre, n.37, Dez. 2008. 85-90
- SOUZA, Emerson (2002). *Geração Digital: Relatório de Leitura*. Consultado em http://www6.ufrgs.br/cedcis/arquivos_ladcis/informatica-sociedade/livros_e_referencias/resumos/geracao_digital_-_emerson_carvalho_de_souza.pdf. Acedido em Setembro de 2009.
- TUCKMAN, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Gulbenkian.
- UNESCO- (Binde, Jerome- org.). (2007 [2005]). Rumo às Sociedades do Conhecimento - Relatório Mundial da UAESCO. Lisboa: Instituto PIAGET.
- WELLMAN, Barry (2004). The Glocal Village: Internet and Community. *Revista Idea&s* [Revista Online], vol. 1, nº1. Consultado em http://www.ideasmag.artsci.utoronto.ca/issue1_1/idea_s01-wellman.pdf. Acedido em Julho de 2009.

Anexos

Anexo 1. Questionário

QUESTIONÁRIO

Os Jovens e as Comunidades Virtuais na Web

Este questionário tem por objectivo ajudar numa investigação acerca do uso que os jovens fazem do ciberespaço e tentar perceber que contribuição pode ter, ou não, na aprendizagem dos alunos.

Sexo:

☐

Feminino

☐

Masculino

Idade:

Anos

Habilitações Académicas dos teus pais

A tua mãe possui:

☐

1º ciclo

☐

2º ciclo

☐

3º ciclo

☐

Ensino Secundário

☐

Bacharelato

☐

Licenciatura

☐

Mestrado

☐

Doutoramento

O teu pai possui:

☐

1º ciclo

☐

2º ciclo

☐

3º ciclo

☐

Ensino Secundário

☐

Bacharelato

☐

Licenciatura

☐

Mestrado

☐

Doutoramento

1. Tens computador em casa?

☐ Sim ☐ Não

2. Que tipo de uso fazes do computador?

☐ Ligação à Internet
☐ Efectuar cálculos
☐ Downloads
☐ Jogos
☐ Outros

☐ Processar textos
☐ Grafismo e imagens
☐ E-mail
☐ Fóruns

3. Tens acesso à Web em casa?

☐ Sim ☐ Não

Se respondeste sim, que tipo de ligação utilizas?

☐ ADSL
☐ ADSL móvel
☐ Banda Estreita
☐ Wireless
☐ Outras ligações

4. Utilizas frequentemente a Web?

☐ Sim ☐ Não

Em que local (ais)?

☐ Em casa
☐ Biblioteca pública /municipal
☐ Na casa de outros familiares
☐ Na casa de amigos
☐ Outros locais

☐ Na escola
☐ Associações
☐ Emprego dos pais
☐ Cafés

5. Se utilizas a Web, com que periodicidade?

- ☐ Diária
- ☐ 1 ou 2 vezes por semana
- ☐ 3 ou 4 vezes por semana
- ☐ Apenas 1 vez por mês
- ☐ 2 ou 3 vezes por mês

6. Que tipo de uso fazes da Web?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Navego sem objectivos concretos | <input type="checkbox"/> Jogo |
| <input type="checkbox"/> Descarrego músicas | <input type="checkbox"/> Contacto com amigos |
| <input type="checkbox"/> Pesquisa informação variada | <input type="checkbox"/> Consulto dicionários |
| <input type="checkbox"/> Transmito informação variada | <input type="checkbox"/> Procuro emprego |
| <input type="checkbox"/> Inteiro-me de notícias actuais | <input type="checkbox"/> Faço downloads |
| <input type="checkbox"/> Trabalho a partir de casa | <input type="checkbox"/> Telefono |
| <input type="checkbox"/> Faço compras e/ou reservas | <input type="checkbox"/> Participo em leilões |
| <input type="checkbox"/> Outros tipos de utilização | |

7. Tens conta ou já tiveste em alguma comunidade virtual (MSN, Hi5, ...)?

- ☐ Sim ☐ Não

Relativamente à questão anterior:

- Se respondeste “Sim” responde continua a responder ao questionário se fazes o favor.
- Se respondeste “Não” indica o(s) motivo(s) porque nunca o fizeste e responde somente às questões 24 e 26. _____

_____.

8. Qual(ais) é(são) a(s) comunidade(s) virtual(ais) a que pertences ou pertenceste?

- ☐ Messenger
- ☐ Skype
- ☐ Hi5
- ☐ MySpace
- ☐ Outras. Quais? _____

9. Indica dois ou mais motivos que te levaram à tua inscrição?

- ☐ Contactar com amigos ou familiares
- ☐ Fazer novos amigos
- ☐ Dar-me a conhecer
- ☐ Conhecer amigos dos meus amigos
- ☐ Outros motivos

10. Como soubeste da existência destas comunidades?

- ☐ Através de amigos
- ☐ Através de pesquisa na Web
- ☐ Através de revistas, jornais, ...
- ☐ Outros. Quais

11. Há quanto tempo estás inserido neste tipo de comunidades?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Alguns meses | <input type="checkbox"/> 1 ano |
| <input type="checkbox"/> Entre 1 a 2 anos | <input type="checkbox"/> mais de 2 anos |

12. Acedes diariamente às comunidades em que estás inscrito?

☐ Sim ☐ Não

Se respondeste sim, quantas tempo por dia, aproximadamente, passas nestas comunidades?

<input type="checkbox"/> Menos de 1 hora	<input type="checkbox"/> Entre 1 a 3 horas
<input type="checkbox"/> Entre 3 e 6 anos	<input type="checkbox"/> Mais de 6 horas

13. Consideras-te viciado em comunidades virtuais?

☐ Sim ☐ Não

14. Disponibilizas os teus dados pessoais nas comunidades virtuais a que pertences?

☐ Sim ☐ Não

15. Costumas personalizar a tua página com fotos tuas ou outro tipo de imagens?

☐ Sim ☐ Não

15.1. Se sim, que tipo de fotos ou imagens adicionas?

<input type="checkbox"/> Fotos minhas	<input type="checkbox"/> Fotos dos meus familiares
<input type="checkbox"/> Fotos dos meus amigos	<input type="checkbox"/> Fotos de paisagens
<input type="checkbox"/> Fotos de ídolos	<input type="checkbox"/> Imagens de animais
<input type="checkbox"/> Outras imagens	

16. Quantas identidades adoptas na(s) comunidade(s)? _____

Se possuis outra identidade que não a real, indica um motivo que te levou a tomar essa decisão. _____

17. Costumas adicionar desconhecidos ou menos conhecidos à tua rede de amigos?

☐

Sim

☐

Não

18. Costumas deixar que te adicionem noutras redes de amigos que não a dos teus amigos?

☐

Sim

☐

Não

19. Como avalias o impacto que estas comunidades virtuais têm na tua vida social?

☐

Elevado

☐

Razoável

☐

Pouco

☐

Nenhum.

Justifica a tua resposta.

20. Conheceste alguns dos teus amigos/namorado(a) neste tipo de comunidades?

☐

Sim

☐

Não

21. Pensas que a tua integração nestas comunidades têm alguma consequência negativa na tua vida?

☐

Sim

☐

Não

Se sim, quais? _____

22. Já tiveste algum problema com família, namorado, amigos ou colegas por pertenceres a comunidade(s) virtual(ais)?

☐ Sim ☐ Não

Se sim, porquê? _____

23. Desde que começaste a pertencer a este género de comunidades, pensas que te terá “roubado” algum tempo para o estudo ou trabalho?

☐ Sim ☐ Não

24. Pensas que seria possível a tua escola (colegas e professores) integrar estas comunidades?

☐ Sim ☐ Não

Justifica a tua resposta.

24.1. Se a tua escola (colegas e/ou professores) integrasse uma comunidade virtual, o teu relacionamento com eles melhoraria em algum aspecto?

☐ Sim ☐ Não

Justifica a tua resposta. _____

25. Pensas cancelar a tua inscrição em alguma comunidade virtual?

☐ Sim ☐ Não

Se sim, porque pensas fazê-lo? _____

26. Qual a tua opinião acerca das comunidades virtuais?

☐ Positiva

☐ Razoável

☐ Negativa

Justifica a tua resposta.

Obrigada pela sua colaboração!

Por favor, indica se estás disponível para uma breve entrevista de forma a complementar algumas questões relativas a este tema.

☐ Sim ☐ Não

Se sim ... indica o contacto do teu nome e e-mail ou telem.

Anexo 2. Autorização

AUTORIZAÇÃO

Os Jovens e as Comunidades Virtuais na Web

Esta investigação tem por objectivo ajudar a perceber o uso que os jovens fazem do ciberespaço e tentar perceber que contribuição pode ter, ou não, na aprendizagem dos alunos.

Eu, _____, aluno da Escola *
comprometo-me a ajudar a investigadora Raquel Marques na sua investigação.
Para tal, permito que me sejam feitas entrevistas e permito / não permito (riscar o
que não interessa) que as minhas páginas pessoais possam ser analisadas por
Raquel Marques.**

Porto, 21 de Maio de 2008

Assinatura,

Anexo 3. Diário Online

DIÁRIO DE UMA SEMANA ON-LINE

Os Jovens e as Comunidades Virtuais na Web

Este “diário” tem por objectivo ajudar numa investigação acerca do uso que os jovens fazem do ciberespaço e tentar perceber que contribuição pode ter, ou não, na aprendizagem dos alunos.

Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino

Idade: Anos

Nome: _____

Dia da Semana		5ª feira	6ª feira	Sáb.	Dom.	2ª feira	3ª feira	4ª feira
Actividade								
Tempo que estive ligado à web (indica o(s) local(ais) onde estiveste ligado)	Menos de 1 hora							
	Entre 1 e 2 horas							
	Mais de 2 horas							
Acedi a uma comunidade virtual (indica qual?)								
Comuniquei com pessoas pela web								
Estive a fazer trabalhos para a escola								
Estive a navegar na Web								
Liguei a web só para ver se tinha mensagens								

Outras observações que consideras importante para esta investigação.

Assinatura: _____ **Data de entrega:** __ / __ / 2008

Anexo 4. Transcrição da Entrevista de 27 de Maio de 2008

(das 10:50:19 às 11:08:12)

Jovens A2 e A1

Eu: Como souberam que existia o MSN e o Hi5?

A1: Por amigos.

A2: É.

A1: MSN já tenho há alguns anos e o Hi5 tenho há dois anos.

Eu: Criaram o Hi5 porquê?

A1: Conhecer pessoas novas.

A2: Ver páginas dos amigos.

Eu: Contactam com amigos conhecidos, família e não só?

A1: O Hi5 é só para amigos.

A2: O MSN é só para conhecidos e professores.

Eu: Adicionam gente desconhecida no Hi5?

A2: Sim! Respondemos a mensagens... (referindo-se que o primeiro contacto que têm com os desconhecidos é através de mensagens de Hi5)

Eu: Como se comportam na Internet? São diferentes do que são normalmente?

A2: No MSN sinto-me muito mais desinibida.

A1: É quase igual... Assim sinto-me mais nervosa e no MSN é mais fácil.

Eu: Utilizam estes dois meios de comunicação para conversar?

A1: O Hi5 raras vezes utilizo para conversa, para isso é melhor o MSN.

Eu: Têm gente que não conhecem nas duas comunidades?

A1: Não falo mas adiciono no Hi5.

A2: Quando adicionamos as pessoas é mais pelo aspecto físico, se forem raparigas não adiciono, só se forem rapazes bonitos... (risos)

Eu: Que uso é que dão a estas comunidades na escola?

A2: Utilizo o MSN para enviar trabalhos.

A1: Também. MSN têm a possibilidade de chegar a casa e poder continuar a falar com os amigos.

Eu: Falam em grupo no MSN?

A1: Eu por vezes falo.

A2: Só o fiz uma vez porque uma pessoa fez isso.

Eu: Mas falam com muita gente ao mesmo tempo? Com muitas janelas abertas?

A2: Janelas com muita gente são só para conversa! Para trabalho, é só com uma.

Eu: Já criaram conflitos através de comunidades?

A2: Não.

A1: Sim! Às vezes, há coisas que posso não gostar muito.

Eu: No MSN podem acontecer conversas amorosas e conflituosas?

A1: Sim, já tive conversas a nível amoroso. Sinto-me mais desinibida.

Na Internet também tenho um blogue com amigos.

Eu: Costumam bloquear pessoas no MSN?

A1: Pessoas que vêm falar muitas vezes bloqueio logo, mas não elimino por serem chatas.

A2: Tenho pessoas que adicionei mas nunca mais foram ao MSN. Eu nunca bloqueei ninguém.

Eu: E professores, também não bloqueiam?

A1: Nunca bloqueei, também nunca estão lá!

Eu: No Hi5, bloqueiam a entrada de estranhos à vossa página?

A1: Não sei...

Eu: Acham que nestas comunidades falta alguma ferramenta, alguma coisa nova?

A2: Não alterava nada.

A1: O Hi5 está bem assim. Com funcionalidades diferentes do MSN.

Eu: Falam com gente que não conhecem?

A1: Só se forem amigos dos nossos amigos. Já me aconteceu estar pessoalmente com uma amiga de uma amiga e depois começamos a falar por MSN.

Eu: Acham que com estas ferramentas as relações entre as pessoas podem ficar mais fortes?

A1: Tenho amigos que continuo a falar por causa do MSN, senão não falava. Assim quando estou com eles a relação continua igual, a mesma coisa, ou ainda mais forte.

Eu: Têm gente de outros países, como amigos?

A2: Tenho no Hi5.

Eu: As questões de segurança na Internet, pensam nelas quando “andam” pelo Hi5?

A1: Para já ainda não me aconteceu nada, por isso... (encolhendo os ombros, demonstrando que não se vai preocupar enquanto não lhe acontecer nada de grave)

Eu: Mas não têm cuidado ao colocar fotografias, por exemplo?

A1: Ponho fotografias normais.

A2: Não pomos de outras pessoas...

Anexo 5. Transcrição da Entrevista de 28 de Maio de 2008

(das 10:14:04 às 10:26:55)

Jovens A2 e A1

Eu: Há professores que vos fornecem o endereço de e-mail?

A2: Há professores que dão o e-mail e às vezes utilizo para trabalho e outras vezes só para perguntar se está tudo bem.

A1: Na minha turma só temos o endereço da professora ***.

Eu: E a Plataforma Moodle, é utilizada pelos professores?

A2: Professora de Informática já utilizou com outra escola. Mas connosco nunca nenhum professor utilizou.

Eu: Achas que a escola podia passar a estar inserida numa comunidade virtual?

A2: Acho que não, mas não sei. Se calhar eu até podia ficar mais activa...

A1: Olha que se calhar até era interessante e diferente. Quem é que não gosta de conhecer outras pessoas? Porque acabas por conhecer.

Eu: Vocês contactam que os professores através de MSN?

A2: Sim, mas mais para entrega de trabalhos. Tenho o contacto de MSN para às vezes discutir coisas das aulas.

Eu: E os teus colegas?

A2: Acho que os meus colegas não usam, pelo menos que eu os visse.

Eu: Com que fim vocês utilizam os computadores em sala de aula?

A2: Na aula da disciplina de Turismo, para utilizar software específico.

Eu: E nessas aulas, nunca se aperceberam se estão mais à vontade com as tecnologias que os professores?

A2: Já senti. A professora *** quando a professora não sabe alguma coisa chama-me a mim ou a outros colegas para ajudar.

Eu: Vocês utilizam a Internet na escola?

A2: Utilizamos quando há salas disponíveis mas para ir às páginas de Hi5 e conversar um pouco no MSN.

Eu: Ao navegarem na Internet sentem-se autónomos? Não precisam de ajudam?

A2: Às vezes consigo fazer bem sozinha e outras vezes, quando não consigo, peço ajuda.

Eu: Os professores costumam guiar os vossos trabalhos de pesquisa na Internet? Orientar a vossa pesquisa?

A2: Não. Dizem mais sobre o assunto que querem o trabalho.

Eu: Preferem fazer pesquisa na Internet?

A2: É mais fácil do que pesquisar em livros.

Eu: O que acham de usar a Internet para interagir com outra escola?

A2: Isso era muito bom.

A1: Era muito bom.

Eu: Porquê?

A2: Tinha mais amigos com quem falar. Ia estar com pessoas para trabalho e também para o social. (referiu-o mostrando bastante entusiasmo)

A1: Sim, era muito interessante.

Eu: Costumam utilizar fóruns de ajuda da Internet?

A2: Vejo muitas vezes mas nunca escrevo nada.

Eu: Não costumam partilhar nada na Web?

A2: Não. No Hi5 mando só mensagens.

Eu: Têm Internet no telemóvel?

A2: Não. Tenho amigos com Internet no telemóvel mas também só utilizam para conversar.

Anexo 6. Transcrição da Entrevista de 28 de Maio de 2008

(das 10:59:46 às 11:18:14)

Jovens B1 e B2

Eu: Utilizam o Hi5 e o MSN para o mesmo efeito?

B1: O Hi5 é mais para conhecer pessoas, o MSN é mais aqueles contactos que já temos. Ver e falar com amigos que já não vemos há muito tempo ou com quem não podemos estar muitas vezes.

Eu: Costumam conhecer pessoas no Hi5?

B1: Sim.

B2: Sim.

B2: Começámos a dizer “Olá és muito bonita”.

B1: Também adicionamos rapazes mas só aqueles que andaram connosco na escola. Ou são amigos dos nossos amigos.

Eu: Utilizam estas comunidades virtuais apenas para diversão?

B1: O MSN também usamos para trabalhos, já fiz trabalhos através do MSN e mandamos fotos e músicas.

B2: Mas para mandarmos trabalhos enviamos um e-mail e anexamos o arquivo, não é preciso MSN.

Eu: Conversam no Hi5 e no MSN com desconhecidos?

B2: Adicionámos no Hi5 mas não falámos. Se for interessante trocamos o endereço do MSN para continuarmos a conversa. Mas às vezes é cada desilusão...

B1: Mas isso é mais nas salas de chat, mas agora com namorada não se pode fazer tanta coisa (risos).

Eu: Como se comportam na Internet? São diferentes do que são normalmente?

B2: Somos mais desinibidos.

B1: Falamos de tudo...Mas sou igual.

B2: MSN é mais calminho... Mas sim, quando estamos só duas pessoas falámos mais.

Eu: Falam em grupo no MSN?

B2: São mais conversas de café e às vezes utilizamos para jogar.

Eu: Costumam bloquear pessoas no MSN?

B2: Só se bloqueia se tivermos experiências negativas, eu nunca bloqueei.

B1: Quando estão pessoas que não queremos pomos offline ou ocupado, não é preciso bloquear.

B2: Às vezes há pessoas chatas...

Eu: Têm desconhecidos na vossa rede de amigos?

B2: Sabe professora, o Hi5 é uma rede. Amigos trazem outros amigos...

B1: Eu tenho muita gente no MSN que não conheço pessoalmente e no Hi5 ainda mais...

B2: Eu tenho muita gente no MSN que não conheço pessoalmente. Antigamente jogava online e por isso tinha esses amigos. Com muitos já nem falo, mas antigamente até chegava-me a encontrar com eles no café.

Eu: Têm gente de outras nacionalidades?

B1: Sim. Temos.

Eu: O que mudavam nestes softwares de comunidades?

B1: Nada. Tem tudo, no Hi5 e no MSN, que queremos. Às vezes o Hi5 é aborrecido se não temos visitas.

Eu: Nestas comunidades virtuais onde não comunicamos pessoalmente com as pessoas, acham que é possível haver conflitos?

B1: Já tive discussões, uma picardia.

B2: Com uma rapariga já tive uma conversa mais séria. (a nível amoroso)

Eu: Conversas que se têm pessoalmente conseguem-se ter online?

B1: Sim.

Eu: Costumam bloquear as vossas páginas de Hi5?

B1: Não bloqueamos, toda gente pode ver tudo.

B2: Para mostrarmos como somos, e depois fazem-nos comentários sempre positivos e isso dá-nos ânimo. O Hi5 é bom para a auto-estima

Eu: Conseguem-se estabelecer relações fortes?

B1: A minha relação com ele ficou mais forte. Ele foi-me viciando. (referindo-se com risos ao colega B2)

Eu: As questões de segurança na Internet, pensam nelas quando “andam” pelo Hi5?

B1: A mim já me tiraram fotografias de lá.

B2: Por isso é que se deve ter bloqueado só para amigos.

B1: Se nos preocuparmos muito, se formos sempre a pensar nas coisas... não fazemos nada.

B2: Temos cuidados a pôr as fotografias. Ma quando ponho penso sempre nos comentários que vão fazer. És muito lindo...

Eu: A vossa turma tem toda Hi5?

B2: A nossa turma tem toda (B2).

Eu: E têm outras?

B2: Sim. Mas o MSN e o Hi5 é que são as fortes.

Anexo 7. Transcrição da Entrevista de 4 de Junho de 2008

(das 10:50:19 às 11:04:28)

Jovens B1 e B2

Eu: A Plataforma Moodle, é utilizada pelos professores?

B2: A professora de Matemática já pôs lá umas fichas.

B1: Só vamos lá para trabalhos. Vai-se lá muito raramente.

B2: Não vamos lá porque há pouca publicidade. Os alunos não sabem.

Eu: Sabiam que dá para utilizar como sala de chat?

B1: Nem sabemos que aquilo dá para falar.

Eu: Porque vocês não utilizam a Moodle?

B1: Escola professora?! Ali trata-se de trabalhos da aula que a nós não nos interessa tanto.

B2: O professor só usava para pôr coisas.

Eu: Há professores que vos fornecem o endereço de e-mail?

B2: Não temos no MSN. Eles são antipáticos...

B1: Usamos o e-mail para enviar trabalhos, nunca para outras coisas.

B2: Professores nunca estão lá ou estão offline.

Eu: Mas não têm professores na vossa rede do Hi5?

B1: Sim. Só a de Matemática e a de Inglês.

B2: Já fiz comentários.

B1: Eu só à de Matemática.

Eu: Com que fim vocês utilizam a sala de Informática?

B1: Utilizámos as salas nas disciplinas de TIC e Integração, para pesquisas.

Eu: Nunca se aperceberam se estão mais à vontade com as tecnologias que os professores?

B1: Tantas vezes! Sabemos mais que a de TIC. Nós já lhe dissemos mas ela não leva a mal.

B2: Quando são pesquisas nunca sabemos se os professores sabem ou não.

Eu: Conseguem pesquisar sozinhos, não precisam de ajudam?

B1: Sim, conseguimos fazer bem sozinhos.

B2: É mais fácil do que pesquisar em livros.

Eu: Vocês utilizam a Internet na aula a sem ser para pesquisa?

B2: Não. A Internet não serve para mais nada. A não ser que seja, às vezes, para programas que vemos.

Eu: O que acham da vossa escola interagir com outra escola através da Internet?

B1: Assim sabíamos da vida das outras escolas.

B2: Se fosse com uma rapariga... (risos)

Eu: A escola como uma comunidade virtual...?

B2: É mais fácil estar sentado na sala com o colega da carteira do que ir para a Internet.

B1: Devia ser interessante...

B2: Oh! Mas somos só nós os dois que achamos isso.

Eu: Costumam participar em fóruns?

B1: Já. Quando tenho problemas com o PC ando a ver se alguém sabe.

B2: Só uso para downloads.

Eu: Vocês já disponibilizaram informação para outras pessoas?

B2: Não. É só receber... (risos)

Eu: Têm Internet no telemóvel?

B2: Não. Nem conheço alguém que tenha. Fica caro.

Eu: dêem uma última ideia. Escola devia estar inserida nas comunidades virtuais? Sim ou Não?

B2: Sim. Com novas ideias evoluímos. Se ficarmos sempre com aqueles professores que não querem...

B1: Sim se não for para chatear, é que às vezes o Hi5 é chato, não temos visitas...

B2: Se não for só para falar de aulas, matéria, ...

B1: Pode-se falar mas não em exagero. Se for assim, está bem.

